



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

SONIA GONÇALVES BATISTA

O gênero discursivo fofoca, da coluna social à notícia sobre bastidores da política: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na Educação Básica

Campo Grande/MS
2016

SONIA GONÇALVES BATISTA

O gênero discursivo fofoca, da coluna social à notícia sobre bastidores da política: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na Educação Básica

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Saddi Chaves

Campo Grande/MS

2016

B337g Batista, Sonia Gonçalves.

O gênero discursivo fofoca, da coluna social à notícia sobre bastidores da política: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na Educação Básica / Sonia Gonçalves Batista. Campo Grande, MS: UEMS, 2016.

137f.; 30cm

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Aline Saddi Chaves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2016.

1. Análise do discurso. 2. Gêneros do discurso. 3. Fofoca. 4. Leitura crítica na Educação básica
I. Título.

CDD 23.ed. 401.41

SONIA GONÇALVES BATISTA

O gênero discursivo fofoca, da coluna social à notícia sobre bastidores da política: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na Educação Básica

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Saddi Chaves (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS-
Campo Grande-MS

Prof.^a Dr.^a Gláucia Muniz Proença Lara
(Titular) - Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG-
Belo Horizonte- MG

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel
(Titular) - Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul/UEMS- Campo Grande - MS

Prof.^a Dr.^a Maria Leda Pinto
(Suplente) - Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul/UEMS- Campo Grande - MS

Prof.^a Dr.^a Prof.^a Dra. Elizabete Aparecida Marques
(Suplente) - Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul/UFMS- Campo Grande – MS

Campo Grande/MS, 30 de março de 2016.

Às minhas filhas Luísa e Sophia;
À minha mãe Maria, que tanto amo, e em resposta às orientações e
necessárias repreensões que muito contribuíram para a formação de
minha autonomia enquanto indivíduo na sociedade;
Ao meu pai Francisco (In memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que guiou meus caminhos durante toda a trajetória;

Ao meu esposo e filhas, que abdicaram de minha presença;

À minha mãe e minha irmã Denir, que por muitas vezes cuidaram das minhas filhas durante a pesquisa;

A minha orientadora, Prof. Dr.^a Aline Saddi Chaves, pelos desafios lançados e dedicação que reservou a esta pesquisa;

Ao Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, por ter encaminhado meu projeto de pesquisa para a Prof. Dr.^a Aline Saddi Chaves, proporcionando-me uma experiência riquíssima em pesquisas teóricas;

Aos amigos e colegas, pelas palavras de incentivo.

Certas Palavras

*Certas palavras não podem ser ditas
em qualquer lugar e hora qualquer.
Estritamente reservadas
para companheiros de confiança,
Devem ser sacralmente pronunciadas
em tom muito especial
lá onde a polícia dos adultos
não adivinha nem alcança.*

*Entretanto são palavras simples:
definem
partes do corpo, movimentos, atos
do viver que só os grandes se permitem
e a nós é defendido por sentença
dos séculos.*

E tudo é proibido. Então, falamos.

Carlos Drummond de Andrade

BATISTA, SONIA GONÇALVES. *O gênero discursivo fofoca, da coluna social à notícia: tendências do discurso midiático e formação de leitores críticos na Educação Básica*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RESUMO

Essa pesquisa propõe-se a descrever e a explicar o funcionamento linguístico-discursivo da fofoca, a partir de diferentes perspectivas teóricas que se unem para contemplar o objeto da pesquisa, assim enunciado: o fenômeno da transmutação da fofoca oral nas mídias de informação, em particular em sites e blogs da Internet, por meio dos gêneros coluna social e notícia sobre bastidores da política. De um ponto de vista histórico e social, a fofoca é uma prática discursiva remota, presente na Bíblia e nos ditados populares. De um ponto de vista psicanalítico, falar de alguém para outro(s), seja para difamá-lo ou para elogiá-lo, constitui um mecanismo de regulação dos comportamentos humanos, necessário para a vida em sociedade. Pela ótica do discurso, domínio de estudos da pesquisa, a fofoca constitui um gênero discursivo primário, pertencente à ideologia do cotidiano, que, ao transmutar-se para o discurso midiático, insere-se na dinâmica do dialogismo intergenérico, isto é, a co-presença da fofoca com a coluna social e a notícia. De um lado, guarda características da fofoca oral, mas, por outro lado, adquire efeitos de sentido outros, com consequências imediatas sobre a construção da opinião a respeito das condutas no âmbito da vida privada e da vida política. Torna-se, ainda, um produto mercadológico, pela representação discursiva da imagem (ethos) que a mídia constrói de personalidades públicas, como celebridades e figuras políticas. Nossa concepção de linguagem é tributária de duas perspectivas teóricas: os estudos de Bakhtin e Volochínov, para os quais não há pensamento sem linguagem, visto que é por meio das interações verbais que os falantes constroem sua representação sobre o mundo e moldam suas palavras, que tomam forma em enunciados de gêneros discursivos; e as novas tendências da análise do discurso, que partem de conceitos históricos desta disciplina para propor que o(s) sentido(s) de um texto resultam da interrelação entre o lugar histórico de onde se enuncia (cena englobante), o gênero discursivo enunciante (cena genérica) e o texto enunciado (cenografia). Completam esse quadro teórico as categorias da análise, fornecidas pelos estudos de Barthes sobre a função da imagem (fotografia) no texto, e as noções de contrato comunicacional e de subjetividade da informação, que permitem mostrar que a instância de produção da informação midiática está ligada à questão econômica, o que leva ao questionamento sobre o ato de informar. Finalmente, essa pesquisa pretende contribuir para a formação da habilidade de leitura crítica na Educação Básica, apresentando uma sequência didática com atividades relacionadas aos gêneros estudados.

Palavras-chave: Análise do discurso. Gêneros do discurso. Fofoca. Coluna Social. Notícia.

BATISTA, SONIA GONÇALVES. *Le genre discursif commérage, de la presse people à l'actualité politique: tendances du discours médiatique et lecture critique en contexte didactique*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2016.

RÉSUMÉ

Cette recherche se propose de décrire et d'expliquer le fonctionnement linguistique et discursif du commérage, sous différentes approches théoriques, afin de rendre compte de l'objet de recherche: le phénomène de la transmutation du commérage oral dans les médias d'information, en particulier dans des sites et des blogs, à travers les genres de la presse people et ceux de l'actualité politique. D'un point de vue historique et social, le commérage est une pratique discursive ancienne, présente dans la Bible et dans les dictons populaires. D'un point de vue psychanalytique, parler de quelqu'un à autrui, que ce soit pour le diffamer ou pour faire son éloge, constitue un mécanisme de régulation des comportements humains, nécessaire à la vie en société. Sous l'optique du discours, lorsque ce genre discursif primaire, de l'ordre de l'idéologie du quotidien, est approprié par le discours des médias, il rentre dans la dynamique de l'intergénéricité, pour nous, le dialogisme intergénéric. Si d'une part les traits principaux du commérage oral sont conservés, d'autre part, des effets de sens autres sont mis à jour, avec des conséquences directes sur la construction de l'opinion vis-à-vis des conduites humaines, aussi bien dans le cadre de la vie privée que dans celui de la vie politique. Le commérage devient également un produit de marché, de par la représentation discursive de l'image (ethos) que les médias construisent sur les personnalités publiques, célébrités et personnages politiques. Notre conception de langage est tributaire de deux perspectives théoriques: les études de Bakhtine et de Volochinov, pour lesquels il n'y a pas de pensée sans langage, étant donné que c'est à travers les interactions verbales que les sujets parlants construisent leur représentation sur le monde et façonnent leur parole dans des énoncés appartenant à des genres discursifs; et les nouvelles tendances de l'analyse du discours, qui, partant des concepts historiques de cette discipline, proposent que le(s) sens d'un texte résultent de l'interrelation entre le lieu historique à partir duquel on énonce (scène englobante), le genre discursif énonçant (scène générique) et le texte énoncé (scénographie). S'ajoutent à ce cadre théorique des catégories d'analyse fournies par les études de Barthes sur la fonction de l'image (photographie) dans le texte, ainsi que les notions de contrat de communication et de subjectivité de l'information, ce qui nous permet de montrer que l'instance de production de l'information médiatique est liée à des aspects économiques, le résultat étant la mise en cause de l'acte d'informer. Enfin, cette recherche se propose de contribuer à la formation de l'habileté de lecture critique en présentant une séquence didactique avec des activités liées aux genres étudiés.

Mots-clés: Commérage. Analyse du discours médiatique. Genres du discours. Formation de lecteurs critiques.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Obra de Arte do pintor surrealista René Magritte, intitulada Golconda
- Figura 2:** Organização das colunas/seções de um jornal;
- Figura 3:** Organização das colunas/seções de um jornal;
- Figura 4:** Tabela sobre categorias de jornalismo, elaborada por Born (2010), com base em Marques de Melo (1985, p. 48)
- Figura 5:** Cauã Reymond e Grazi Massafera em comercial da Belvita
- Figura 6:** Fotografia de Cauã Reymond em momento de descanso no set de gravação
- Figura 7:** Isis Valverde como pivô de suposto envolvimento com Cauã Reymond
- Figura 8:** Esquema que ilustra a fofoca, gênero primário, germe fundador da coluna social e a notícia (elaborado pela autora)
- Figura 9:** Joelma posa sorridente e anuncia: 'Agora é Joelma Calypso'
- Figura 10:** Casamento de William Bonner e Fátima Bernardes estaria em crise novamente
- Figura 11:** Bonner foi substituído no Jornal Nacional
- Figura 12:** Cabeleireiro das estrelas: Celso Kamura e Dilma Rousseff
- Figura 13:** Dilma repete blusa ao receber Lula no Palácio da Alvorada
- Figura 14:** Cenas de um velório: Lula chora, Marina sorri
- Figura 15:** Marina aparece sorrindo em velório
- Figura 16:** Vereador Saulo Souza aparece sorrindo em velório
- Figura 17:** Dilma durante debate na Rede Globo
- Figura 18:** Fotografia de Ísis Valverde em evento de moda
- Figura 19:** Publicação de coluna social sobre Anitta e Luan Santana
- Figura 20:** Publicação de coluna social sobre cantora Anitta
- Figura 21:** Notícia envolvendo o boato sobre fim do Bolsa Família
- Figura 22:** Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos
- Figura 23:** Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos
- Figura 24:** Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos
- Figura 25:** Blog do Camarotti: notícia sobre Dilma
- Figura 26:** Blog do Camarotti: notícia sobre os sapatos da senadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ANÁLISE DO DISCURSO E TEORIA DO DIALOGISMO: CONVERGÊNCIAS ...18	
1.1 A Análise do Discurso Francesa: fundamentos históricos.....	18
1.2 As novas tendências da Análise do Discurso.....	25
1.2.1. A noção de ethos, da Retórica à Análise do Discurso.....	27
1.2.2 Cenas da enunciação.....	32
1.3 A Teoria do Dialogismo.....	33
1.3.1 A perspectiva dialógica da linguagem.....	34
2. OS PRIMÓRDIOS DA FOFOCA E SUA TRANSMUTAÇÃO NA MÍDIA	41
2.1 O gênero primário fofoca.....	41
2.2 Intergenericidade na fofoca midiática: coluna social e notícia dos bastidores da política.....	48
3. A INFORMAÇÃO MUDIÁTICA PELA ÓTICA DO DISCURSO	62
3.1 A heterogeneidade e a subjetividade do processo de informação.....	68
3.2 A relação imbricada entre texto e imagem pela ótica de Barthes.....	70
3.3 Análises.....	76
3.3.1 A fofoca nas colunas sociais.....	77
3.3.2 A fofoca na notícia: sobre os bastidores da política.....	84
4. A FOFOCA MUDIÁTICA COMO OBJETO DE ENSINO	106
4.1 Os hábitos de leitura na era da tecnologia: desafios para o ensino	106
4.2 Gêneros do discurso e ensino.....	108
4.2.1 Sequência Didática: Fofoca, coluna social e notícia: desenvolvendo a leitura crítica.....	111
CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objeto de estudo a fofoca midiática, termo que cunhamos para designar a co-presença do gênero primário fofoca nos gêneros midiáticos coluna social e notícia. Baseando-nos nos estudos de Bakhtin (2000) sobre o funcionamento da linguagem sob a forma de enunciados de gêneros discursivos, observamos, na mídia de informação contemporânea, um processo de apropriação da fofoca, manifestada, principalmente, na esfera de sentido (tema) e no estilo verbal, enquanto a construção composicional permanece fiel aos gêneros convocados (coluna social e notícia), bem como o contexto imediato e histórico desses gêneros.

Essa indeterminação das fronteiras dos gêneros midiáticos pode ser compreendida, de um ponto de vista descritivo, como uma operação de dialogismo intergenérico, de acordo com Chaves (2010). Nesse sentido, temos como um dos objetivos da pesquisa descrever o funcionamento da fofoca como gênero primário, resgatando sua historicidade e sua relação com a ideologia do cotidiano (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009), para, em seguida, abordar sua co-presença nas mídias de informação, em sites dos portais G1 e R7, respectivamente pertencentes às emissoras de televisão Rede Globo e Rede Record; os sites femininos Bolsa de Mulher e Capricho; sites de informação, do Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Brasil 247.

Mas, para explicar seus efeitos de sentido, é necessário um quadro teórico capaz de explicar a relação entre a fofoca midiática e as condições de produção do discurso midiático. Para tanto, fundamentamo-nos na Análise do discurso francesa, resgatando seus fundamentos históricos – a chamada AD pècheutiana – e avançando rumo a uma discussão mais contemporânea sobre essa disciplina. Esse deslocamento encontra suas razões no próprio objeto de estudo, segundo algumas hipóteses.

São duas hipóteses: por um lado, haveria uma busca por adesão de público leitor, logo, uma finalidade mercadológica; por outro lado, observamos que o sentido dos textos não é atualizado (apenas) no momento da leitura, ele não decorre da transparência do signo, mas sim de sentidos historicamente estabelecidos. Vislumbra-se, assim, a relação entre a fofoca midiática e a ideologia, sendo o texto o lugar onde certos posicionamentos ganham forma material.

Assim sendo, exploramos, também, o discurso midiático de um ponto de vista de sua formação ideológica e discursiva. O diálogo com a AD contemporânea se faz necessário,

sobretudo, para reivindicar a especificidade de um corpus midiático, encontrando, nesse ponto, as reflexões de Maingueneau (2005; 2008a; 2008b) e Charaudeau (2006), respectivamente, sobre o ethos e as cenas da enunciação; e a crítica ao modelo tradicional da comunicação.

Com efeito, para cada texto há um quadro cênico (MAINGUENEAU, 1997) que sustenta, em boa medida, os processos de significação que dele derivam. Pois não lemos ciência do mesmo modo que ficção, nem lemos uma bula como lemos poemas, nem publicidade como ata, e assim por diante. Mas, além do quadro cênico – cena englobante e genérica – os textos constroem uma “cenografia”, isto é, são constituídos de elementos tais como léxico, estruturas sintáticas típicas, temas, imagens associadas, entre outros, dos quais deriva sua cenografia.

Maingueneau (2005) propõe que os textos se classificam, em primeiro lugar, pelo domínio discursivo a que pertencem, de onde enunciam, como no discurso religioso, político, literário, científico, uma concepção fortemente tributária da análise do discurso francesa.

O que há de inovador em Maingueneau é associar o domínio discursivo subjacente a todo texto ao seu regime genérico, como por exemplo os gêneros sermão, publicidade impressa, outdoor, reportagem, poema e ofício. Quanto à cenografia, observamos que os romances, por exemplo, podem ser contados de diversas formas, como, por exemplo, um conjunto de cartas trocadas entre dois indivíduos. Em última análise, a cenografia corresponde ao desenvolvimento singular de cada texto.

Charaudeau (2006) apresenta o modelo de análise de discurso que se baseia no ato de comunicação, na troca entre duas instâncias: a de produção e a de recepção. A instância de produção estaria ligada à questão econômica, já que as mídias se constituem em empresas. Então, o plano econômico interfere diretamente na produção informacional que as mídias produzem. Nesse espaço de produção, existe ainda a questão do sentido, que o autor denomina de “condições semiológicas”, que são os critérios do que deve ser posto na ordem do discurso midiático.

O que há de produtivo nessas perspectivas, a de Maingueneau e a de Charaudeau, é o fato de que esses autores estabelecem uma relação intrínseca entre as condições de produção dos discursos (herança da AD francesa) e a situação imediata da comunicação, logo, à materialidade linguístico-discursiva. Em se tratando de um corpus de mídia, como a fofoca midiática, a opção por uma análise do discurso que poderíamos chamar de “contemporânea”, ou novas tendências em AD, segundo Maingueneau (2005), faz todo o sentido, uma vez que a cenografia (quadro pragmático) fornece os elementos que permitem relacionar o texto a um

domínio discursivo e a um determinado gênero, bem como aos outros textos (memória discursiva, interdiscurso).

Para completar o quadro teórico-metodológico, recorreremos à teoria do dialogismo, na qual Bakhtin/Volochínov (2009) enunciam que toda palavra serve de expressão ao locutor em relação ao ouvinte; é uma espécie de ponte entre ambos, e ocorre na interação social. De acordo com os autores russos, a materialização da palavra se dá sempre em uma área fronteira, de onde a palavra é oriunda, e passa a ser do locutor no momento em que ele se apropria dela, sendo no momento da materialização o único dono da palavra. Trata-se de uma posse puramente fisiológica. No entanto, quando se considera não o ato fisiológico, mas a palavra como signo, Bakhtin parte de questões mais complexas para tratar do signo: “Deixando de lado o fato de que a palavra, enquanto signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN, 2009, p. 115).

Esse referencial teórico-analítico é enriquecido, ainda, pelas contribuições de Barthes (1990) ao estudo da imagem, vista pelo estudioso como um signo, portador de sentido, ainda que fortemente dependente da mensagem verbal. Observamos, em nosso corpus, a presença marcante da mensagem fotográfica nos textos de colunas sociais e notícias, e por isso entendemos que a proposta descritiva de Barthes pode contribuir para compreender os sentidos atualizados pelo texto midiático, em seu dialogismo intergenérico com a fofoca.

Por meio dos estudos de Charaudeau (2006) e Marques de Melo (1985), adentramos a esfera discursiva do jornalismo, para compreender suas implicações sobre o objeto da pesquisa. Finalmente, analisaremos seis publicações jornalísticas, entre coluna social, notícia e bastidores da política (variante da coluna social), que aborda temas relacionados à fofoca sobre celebridades midiáticas e personalidades do meio político. Trata-se de temáticas de tom pejorativo e, de um ponto de vista informativo, irrelevantes, mas que, no contexto da enunciação publicitária, revelam não-ditos que afetam o sentido do texto, especialmente nas publicações dos bastidores da política.

De posse desse referencial teórico e das análises, propomos, enfim, em um capítulo dedicado ao ensino-aprendizagem, uma sequência didática planejada com publicações jornalísticas selecionadas criteriosamente, na qual são propostas atividades desenvolvidas pelo viés do ensino e aprendizagem da leitura, compreensão e produção de textos, quando se tem por finalidade formar jovens leitores críticos. Pois, sob a aparência de uma simples fofoca, está-se formando uma verdadeira cultura de informações descartáveis, uma repercussão clara da pós-modernidade.

Assim, propomos um trabalho de conceituação e distinção de três gêneros discursivos cuja temática envolve a fofoca: a fofoca propriamente dita, como gênero primário, cuja característica principal é o fato de ser estritamente oral e espontânea; a coluna social, como gênero secundário escrito e opinativo; e a notícia, como gênero secundário escrito e informativo.

A partir dos textos selecionados, o objetivo é provocar o aluno a analisá-los de forma que consiga distingui-los entre si, reconhecendo o contexto de produção, circulação e recepção dos gêneros mencionados em textos efetivamente materializados, considerando, ainda, a construção composicional, seu estilo e tema. Nossa hipótese é a de que, ao término destas atividades, o aluno será capaz de reconhecer e produzir os gêneros trabalhados, bem como de perceber a estratégia da intergenericidade nos textos (CHAVES, 2010).

Dessa forma, a sala de aula torna-se palco de discussões entre professor e aluno sobre os caminhos seguros para uma seleção crítica das leituras do cotidiano, as quais devem privilegiar a interação do aluno com o texto, cuja origem midiática torna-o questionável e digno de um olhar analítico.

Dentre as considerações apresentadas, partindo do pressuposto de que a relação social é ponte principal para que o signo linguístico se materialize e faça sentido, tendo sua ocorrência do sentido na interação e considerando a importância dessa interação é que surge esta pesquisa, cujo enfoque é a compreensão da dinâmica dos gêneros discursivos na sociedade e seu impacto na construção de um repertório de leitura do aluno da educação básica.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo apresenta as linhas centrais da Análise do Discurso francesa, bem como sua versão contemporânea, tal como é trabalhada por Maingueneau (1997, 2001, 2005, 2008a, 2008b), além da perspectiva dialógica da linguagem, sob a ótica do pensamento e obra do Círculo de Bakhtin, em particular a teoria dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2000).

O segundo capítulo é dedicado às considerações acerca do funcionamento da fofoca, como gênero primário, e da fofoca midiática, transmutada na coluna social e na notícia.

O terceiro capítulo discute o processo de informação, a partir de Charaudeau (2006), que propõe que a informação não existe em si, mas que é detentora de heterogeneidade e de subjetividade. Ainda neste capítulo, fazemos um estudo sobre a relação entre o texto e a imagem, a partir dos escritos de Barthes sobre a fotografia jornalística e publicitária.

Para encerrar o terceiro capítulo, selecionamos dez publicações midiáticas de sites e blogs, organizadas por temas em sete análises. As categorias utilizadas para as análises são

aquelas trabalhadas nos capítulos anteriores, a saber: cenas da enunciação (cena englobante, cena genérica e cenografia), ethos, retórica da imagem, contrato comunicacional, subjetividade e heterogeneidade da informação jornalística.

O último capítulo é reservado para tratar de questões sobre ensino e gênero, os quais, com enfoque na educação básica, são pontos importantes de serem levados em conta para uma reflexão mais fundamentada sobre a educação no Brasil e a importância do ensino dos gêneros. Primeiramente, discutimos o impacto da tecnologia no ensino-aprendizagem; em seguida, abordamos os gêneros discursivos no ensino; enfim, descrevemos as etapas de uma sequência didática, a partir de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com atividades de análise e compreensão de texto, tendo por enfoque a fofoca, a coluna social e as notícias bastidores da política.

A proposta pedagógica tem por objetivo maior levar o aluno de educação básica, mais especificamente do ensino fundamental II e médio, a refletir sobre as práticas de linguagem de alta circulação nos dias atuais. *As atividades propostas na sequência didática foram planejadas a partir de dez textos do corpus, dos quais originam-se questões de compreensão textual, noção de gênero discursivo e função da linguagem, além de questões reflexivas sobre os sentidos atualizados no texto. A sequência também prevê duas atividades de produção textual, uma no início e outra no final.*

CAPÍTULO 1

ANÁLISE DO DISCURSO E TEORIA DO DIALOGISMO: PONTOS DE CONVERGÊNCIA

A presente pesquisa mobilizou bases teóricas que dialogam com o objeto de pesquisa fofoca. Iniciamos com a Análise do Discurso francesa (doravante, AD), percorrendo um caminho cronológico desde seu quadro histórico nos anos 1960, para somente depois percorrer suas novas tendências (AMOSSY, 2005; MAINGUENEAU, 1997, 2001, 2005, 2008a, 2008b; CHARAUDEAU, 2006).

A Análise do discurso de vertente francesa subsidia nossa pesquisa, inicialmente, em razão de seu caráter interdisciplinar constituir, a nosso ver, a forma mais apropriada para se analisar o discurso das mídias, considerando-se o poder de influência que este exerce sobre a formação da opinião. Mas, sobretudo, porque essa disciplina apresenta uma concepção de linguagem relacionada à articulação entre o real da língua (a materialidade) e os funcionamentos sociais, históricos e ideológicos que caracterizam as instituições discursivas, como é o caso do discurso midiático. Além disso, recorreremos à AD por acreditar que, para formar jovens leitores críticos, é preciso levá-los a ler também o que está implícito no texto, e, mais do que isso, é preciso orientá-los a compreender a relação entre o que está dito e as condições históricas e ideológicas do dizer.

Por outro lado, mobilizamos a teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin, a qual completa de forma generosa as questões sobre a origem e a evolução dos gêneros discursivos. Essa teoria, elaborada em contexto cultural e científico distinto da AD, é de fundamental importância para considerarmos a fofoca como um gênero primário que se transmuta nos gêneros secundários coluna social e notícia. Ademais, a teoria do dialogismo encontra, em muitos pontos, as problemáticas de Pêcheux, como veremos ao longo deste capítulo.

A seguir, apresentaremos os percursos da Análise do Discurso, desde seus fundamentos históricos (PÊCHEUX, 2001), até suas mais recentes tendências (MAINGUENEAU, 1997; 2001; 2005; 2008a; 2008b).

1. 1 A Análise do Discurso Francesa: fundamentos históricos

A Análise do Discurso francesa (doravante, AD) surgiu na França na década de 1960, e, no Brasil, na década de 1980. Seu iniciador, o francês Michel Pêcheux, nascido em 1938, torna-se filósofo em 1963 e, em 1969, publica a obra *Análise Automática do Discurso*

(GADET; HAK, 1997). Pêcheux idealizava denunciar o caráter fundamentalmente ideológico das ciências sociais, ou seja, “(...) objetivava ao desenvolver a análise automática do discurso fornecer às ciências sociais um instrumento *científico*, de que elas tinham necessidade, um instrumento que seria a contrapartida de uma abertura teórica em seu campo” (HENRY, 1997, p. 13). De acordo com Henry (1997, p. 11), Pêcheux inaugura sua teoria do discurso sob o codinome Thomas Herbert, em 1966, na obra *Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales*. Pêcheux elegeu o discurso, espécie de reformulação da *fala* saussuriana, como o lugar onde certas posturas ideológicas se materializam. Como consequência, ele e seus colaboradores forneceriam aos estudos da/sobre a linguagem um avanço, propondo restituir à língua saussuriana, sistema autônomo e autoexplicativo, o sujeito e a história.

No escrito que precede seu falecimento, intitulado “Análise de discurso: três épocas”, datado de 1983, Pêcheux (1997) faz um balanço de sua teoria, atribuindo-lhe três fases: AD-1, AD-2 e AD-3, as quais manifestam os diferentes deslocamentos e questionamentos surgidos ao longo da edificação da teoria do discurso. Tentaremos esboçar de forma sintetizada as características dessa disciplina, a fim de contextualizar teoricamente as questões tratadas neste trabalho.

A AD tem como objeto de estudo o discurso e, segundo Orlandi (2013, p.15), o discurso “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem”. O discurso realiza o processo de significação pois é efeito de sentido entre locutores. E é tendo o discurso como objeto que Pêcheux inicia a primeira fase da AD.

Denominada *Análise Automática do Discurso*, em referência à obra homônima (GADET; HAK, 1997), a primeira fase da AD inicia-se em 1969, e toma o discurso como uma máquina estrutural autodeterminada e fechada, caracterizada por processos de produção discursiva. Para Pêcheux (1997, p. 311), “diferentes processos discursivos referem-se a diferentes máquinas discursivas”. Nessa fase, é forte a ideia do assujeitamento do sujeito no interior das máquinas discursivas.

Nesse primeiro momento, prevalecem as influências de três disciplinas teóricas das ciências humanas, a saber, a Psicanálise, pela abordagem do sujeito inconsciente; o Materialismo histórico, pela abordagem da história em sua relação com os processos ideológicos de reprodução da divisão da sociedade em classes; da Linguística, pela abordagem saussuriana da língua-sistema.

Inicialmente, as pesquisas em AD privilegiavam o estudo dos corpora da política, conforme Malidier:

Desse modo, marxismo e linguística presidem o nascimento da AD na conjuntura teórica, bem determinada, da França dos anos 1968-70. Muito naturalmente o projeto se inscreve num objetivo político: a arma científica da linguística oferece meios novos para abordar a política. (MALDIDIÉ, 1997, p. 18)

Destacam-se, ainda, entre essas influências, a leitura althusseriana¹ de Marx, a psicanálise desenvolvida por Freud e Lacan, e a dicotomia língua x fala desenvolvida por Saussure² na obra que inaugura a ciência linguística, o *Curso de Linguística Geral*³. Podemos, então, salientar que:

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção - a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. (ORLANDI, 2013, p.20)

Pela ótica da Análise do Discurso, o sujeito não é o indivíduo, ordinária e concretamente falando. Ao invés disso, é o papel historicamente situado que esse sujeito ocupa em razão de determinações sócio-históricas que não lhe permitem controlar o(s) sentido(s) do que diz. Pensemos, a título de exemplo, no lugar histórico da mulher na sociedade, ou melhor, os vários papéis que ela desempenhou/desempenha e que orientam o(s) sentido(s) a seu respeito: esposa, trabalhadora, mãe, filha, namorada, amiga. Ou ainda, uma criança que pode ser filho(a), aluno(a), leitor(a), símbolo de fragilidade, de esperança e futuro de uma nação.

A forma- sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2013, p. 50)

Na obra *Ideologia alemã*, de Marx e Engels (2005), encontramos as bases do pensamento marxista, mais especificamente o materialismo histórico, tese segundo a qual a sociedade valoriza os meios de produção e as relações de consumo entre os indivíduos. Nessa relação, instaura-se a luta de classes entre operários e burgueses, cuja ideologia é representada

¹A visão althusseriana da ciência e da ideologia diz respeito à releitura dos textos marxistas clássicos pelo filósofo francês Louis Althusser.

²Ferdinand Saussure foi um linguista franco suíço que trabalhava nos principais centros alemães no final do século XIX. Nasceu em 1857, em Genebra.

³Obra póstuma, em que seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye reuniram anotações das aulas de Saussure, posteriormente publicadas em livro, em 1916.

como ideia de domínio, a chamada ideologia dominante. Esta é representada pela classe dominante, aquela que detém o poder do capital financeiro.

A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de ideias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as ideias do seu domínio. (MARX, ANGELS, 2005, p.78)

Segundo Brandão (2006, p.19), “Marx e Angels identificam ‘ideologia’ com a separação que se faz entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas em que são produzidas”. É a partir dessas ideias que Althusser faz sua (re)leitura de Marx e, por conseguinte, o próprio Pêcheux. Segundo Althusser (ALTHUSSER apud BRANDÃO, 2006, p. 23) “para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração”.

Completando a trilogia disciplinar que dá sustentação à AD francesa, Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, dentre as dicotomias apresentadas, destaca que a língua se opõe à fala, respectivamente, o social ao individual, sendo somente a língua, segundo ele, um objeto científico.

Dedicando-se, pois, à língua, vislumbrada como sistema, o linguista desenvolve sua teoria dos signos, cada unidade da língua correspondendo à união de um significante, ou imagem acústica, a um significado, ou conceito. O sistema se estrutura mediante a combinação de fonemas, morfemas, lexemas e sintagmas, num processo relacional, em que as partes do sistema formam sentido a partir das diferentes combinações possíveis.

As considerações de Saussure denotam seu engajamento nos estudos sobre a língua, vista como estrutura autônoma, desprovida do caráter humano (sujeito) e da historicidade. Entretanto, o fato de Saussure descartar a fala, por meio da dicotomia *langue* (língua) x *parole* (fala), e instaurar uma teoria estruturalista sobre a língua, desperta o interesse de estudiosos sobre a fala. E é a partir desse verdadeiro impasse teórico que a AD se posiciona, acrescentando à língua as condições de produção do discurso.

Na segunda fase da AD, referida a 1975, o discurso, bem definido, já não é fechado, visto que invadido, constitutivamente, por elementos externos. A constituição do corpus se dá sempre a partir de condições de produção estáveis e homogêneas. É quando surge o conceito

de formação discursiva (FD), emprestado de Michel Foucault (1986), na obra *Arqueologia do saber*⁴, apesar de esta teorização não se confundir com a concepção pècheutiana.

A formação discursiva está relacionada, na AD francesa, aos clássicos marxistas: formação social e formação ideológica. A formação social pode ser compreendida como um lugar institucional ocupado por um sujeito, em um dado momento histórico, à qual corresponde uma formação ideológica, isto é, “a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou mais formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas” (BRANDÃO, 2006, p. 47).

Em seu primeiro recorte⁵, Pêcheux assim define a formação discursiva em uma perspectiva de análise do discurso:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

Nessa segunda fase, a ideia de máquina discursiva fechada sai de cena e dá lugar às formações discursivas abertas, introduzindo outro conceito, o de interdiscurso, o que, na verdade, diz respeito à relação da maquinaria discursiva com seu exterior. Pêcheux (2001) assim esclarece o surgimento da FD em detrimento da máquina discursiva:

[...], começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior": uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente "invadida" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de "pré-construídos" e de "discursos transversos"). (PÊCHEUX, 2001, p. 313)

Dessa forma, formação discursiva não é mais uma máquina estrutural fechada, porque Pêcheux (2001) compreende que as diversas formações discursivas dialogam umas com as outras, formando, assim, o que o estudioso chama de interdiscurso. Portanto, interdiscurso é o

⁴ A obra, cuja primeira edição data de 1969, expõe várias análises sobre as práticas discursivas construídas no decorrer dos séculos XVIII e XIX. O discurso é estudado minuciosamente e, é a isso que Foucault denomina “Arqueologia do saber”. Ele define seu método arqueológico a partir da análise de seus objetos que são o discurso, o enunciado e o saber, presentes em todos os questionamentos do texto.

⁵ Recorte: Refere-se, ao que Pêcheux chamou de reconstruções e retificações no texto *A análise do discurso: três épocas* (PÊCHEUX, 1983). O autor faz uma síntese dos deslocamentos e questionamentos que cercaram o seu projeto teórico e organiza essas questões em três proposições: (I) AD-1: exploração metodológica da noção de maquinaria discursiva estrutural; (II) AD-2: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual; (III) AD-3: a emergência de novos procedimentos da AD, através da desconstrução das maquinarias discursivas.

diálogo entre as formações discursivas e, concomitantemente, há o paradoxo de que cada formação discursiva tem o seu discurso próprio. Como exemplo, uma formação social-ideológica como a política, forma diversas formações discursivas, representadas cada uma por um partido político, nos quais cada um manifesta seu conjunto de ideias.

Admitindo que a formação discursiva sofre invasão pelo exterior de discursos outros (interdiscurso), Pêcheux (1988) também lança a ideia de dois esquecimentos. O esquecimento nº 1 é da ordem da ideologia: o sujeito não é a fonte do dizer, mas acredita sê-lo, nem do sentido; ele é determinado pela maneira como nos inscrevemos na história, partindo do princípio de que sempre é sem a nossa vontade.

O esquecimento nº 1 pode ser exemplificado por qualquer indivíduo que nasça em um país capitalista, cujos ensinamentos que receberá enquanto criança girarão em torno do ideal maior desse sistema, que é preparar-se como mão-de-obra qualificada para poder adquirir um salário que corresponda a suas necessidades de consumo. Fato este que o indivíduo ensinado não terá opção de escolha, e naturalmente reconhecerá esse conceito como uma verdade inquestionável e única, a não ser que deseje ser marginalizado pelo sistema em que arbitrariamente (assujeitado) foi inserido.

O esquecimento n. 2 é da ordem da enunciação: ilusão referencial, impressão de realidade ou efeito de objetividade (PÊCHEUX, 1988, p. 173). É nesse sentido que se diz, na AD francesa, que todo discurso existe porque outro discurso existiu, e um sempre já foi dito por alguém da mesma forma ou modificado. E o já-dito é encontrado, denunciado no discurso do sujeito por meio do intradiscurso.

A terceira fase da AD, datada de 1983, apresenta uma concepção do discurso como máquina discursiva paradoxal, que começara na segunda fase, mas somente neste momento efetivamente passa a ser afirmada. A formação discursiva é problematizada como o primado do outro sobre o mesmo, surgindo as contribuições de Jaqueline Authier (1990) sobre a heterogeneidade enunciativa. A linguista realiza estudos sobre a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada, podendo esta última ser linguisticamente marcada, ou não apresentar marcas. A heterogeneidade mostrada marcada, lugar do outro de forma unívoca, é identificável no intradiscurso, em operações linguísticas como o discurso relatado, as aspas, os itálicos, incisos e glosas; na heterogeneidade mostrada não marcada, o *outro* é dado a reconhecer sem marcas unívocas, como ocorre no discurso indireto livre, na ironia e nas formas de paráfrase, como a paródia, o pastiche e a imitação.

A partir dos anos 1980, e sobretudo após a morte de Pêcheux em 1983, segundo Maldidier (2003), esse quadro histórico da AD passou por deslocamentos. A autora assim faz o balanço da disciplina:

[...] a análise do discurso, no sentido de Michel Pêcheux, não pode ser a disciplina rigorosamente estruturada que ela foi. [...] É o procedimento que mudou profundamente. Da posição *a priori* de determinação do discurso, Michel Pêcheux passou para a *construção* dessa relação através da própria análise. Dir-se-á talvez que ele abandonou o determinismo por um construtivismo. Eu vejo aí, de minha parte, uma nova maneira de abordar a determinação do discurso. Em uma direção muito diferente, Michel Pêcheux quis renovar a análise de discurso renovando seus objetos. Ela iria conhecer o oral, a linguagem comum, mas também a “língua de vento”, que já invadia a política. (MALDIDIER, 2003, p. 96)

Segundo Maingueneau (1997), “nos dias de hoje, ‘análise do discurso’ praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada ‘discurso’)” (MAINGUENEAU, 1997, p. 11). O autor explica, assim, que “na realidade, não existe nenhuma harmonia preestabelecida entre os diversos objetos que podem ser propostos pela AD e os recursos que a linguística lhe oferece” (MAINGUENEAU, 1997, p. 18).

Sobre a polissemia do termo *discurso*, Maingueneau (1997) prefere utilizar *formação discursiva* para se referir à concepção da AD pêcheutiana, conforme citação a seguir:

Antes de começar, resta-nos resolver um problema delicado de terminologia. Em numerosos contextos a polissemia de *discurso*, termo utilizado com acepções distintas pelas teorias da enunciação e da AD, pode mostrar-se muito perturbadora. Assim, para referir sem equívoco o objeto da AD, preferiremos, sempre que parecer útil, recorrer ao conceito de *formação discursiva*. Emprestado, como vimos, da *Arqueologia do Saber* de Foucault, este termo define “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 22)

Em nossa pesquisa, adotamos uma postura consciente com relação à formação histórica dessa disciplina. Para nós, os conceitos possuem uma origem, e, enquanto tal, é dever de todo pesquisador referir-se aos predecessores. Além disso, entendemos que os problemas colocados por Pêcheux são atuais, ele estabeleceu as bases dos questionamentos relacionados à articulação entre a língua-sistema e a organização da sociedade, com forte influência do contexto de produção, seja a situação imediata ou o contexto histórico.

No próximo item, abordamos as novas tendências da Análise do Discurso, pela perspectiva de autores como Maingueneau (1997; 2001; 2005; 2008a; 2008b).

1.2. As novas tendências da Análise do Discurso

Para abordar as novas tendências da análise do discurso, optamos por centrar nossa atenção sobre a obra homônima *Novas tendências em análise do discurso*, de Dominique Maingueneau (1997). Analista do discurso de formação, atento ao surgimento das discursividades contemporâneas, Maingueneau detecta a necessidade de deslocamentos conceituais na AD, propondo, em particular, uma reflexão sobre a própria noção de discurso e os objetos de análise, ambos de caráter fortemente restritivo na AD histórica. Nesse sentido, o autor se situa na concepção tardia da AD, aquela que leva em consideração as teorias enunciativas, necessárias para descrever e explicar as novas materialidades, plurissemióticas, bem como as novas condições de produção, circulação e recepção dos discursos e, ainda, o modo de manifestação do discurso em gêneros do discurso, o que implica uma reflexão sobre o texto e seu(s) suporte(s) de veiculação, por exemplo.

Em suas pesquisas, o autor amplia as fronteiras da teoria do discurso de Pêcheux, resultando em novos objetos de pesquisa para a AD. As pesquisas de Maingueneau ganham força sem, no entanto, divergirem das bases históricas da disciplina, na medida em que propõem novas tendências. Poder-se-ia dizer que a renovação da AD pela abordagem de Maingueneau, bem como pela de autores como Jacqueline Authier (1990), tem proporcionado um referencial teórico-analítico para as pesquisas que procuram analisar não somente discursos políticos, mas também os discursos menos doutrinários, como o discurso das mídias, a conversa cotidiana (AUTHIER, 1990), o que está de acordo com o objeto de nossa investigação, a saber, a relação da fofoca com os gêneros da mídia de informação.

Mas, como dissemos, as problemáticas típicas da AD francesa não são abandonadas por Maingueneau (1997), mas problematizadas, em um momento de questionamentos/deslocamentos da teoria do discurso de Pêcheux nos anos 1980. Segundo o autor, o que caracteriza uma postura de analista do discurso é levar em consideração o fato de que:

[...] a AD se relaciona com textos produzidos: no quadro de instituições que restringem fortemente a enunciação; nos quais se cristalizam conflitos históricos, sociais, etc.; que delimitam um espaço próprio no exterior de um interdiscurso limitado. [...] Na realidade, não existe nenhuma harmonia preestabelecida entre os diversos objetos que podem ser propostos pela AD e os recursos que a linguística lhes oferece (devendo-se entender definitivamente que "a" linguística designa, de fato, "as" linguísticas do campo). (MAINGUENEAU, 1997, p. 13)

O autor propõe noções e categorias operatórias para analisar a materialidade discursiva (verbal e não-verbal). Dentre as tendências de estudo apresentadas por Maingueneau (1997) está outra visão sobre o sujeito, não mais atravessado, cindido, assujeitado, mas como um sujeito enunciador que é criado conforme a imagem construída pelo ethos discursivo. Embora não signifique a negação do sujeito na visão pêncheutiana, a questão do sujeito dependerá do objeto analisado e do enfoque dado pelo analista. Segundo Maingueneau (1997), trata-se de um sujeito que constrói a imagem de si, no discurso, para o seu co-enunciador.

E, dentro dessa nova tendência, o conceito de gênero discursivo faz todo o sentido, considerando-se que a teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin encontra as problemáticas características do analista do discurso, conforme abordaremos mais adiante. Nas obras de Maingueneau, os gêneros do discurso são constantemente abordados, e fazem parte da “caixa de ferramentas” do analista.

Ao enunciar, o sujeito, ou melhor sua imagem, chamada de ethos, é construída de acordo com a situação em que ele se apresenta, o que também ocorre com os gêneros discursivos, considerando-se que um gênero se materializa de acordo com a situação demandada pelo contexto discursivo. Para melhor explicitar as ideias propostas por Maingueneau (1997), centrando nossas discussões nos problemas que se apresentam para as análises desta pesquisa, trataremos particularmente do ethos discursivo e das cenas da enunciação.

A opção pelo conceito de ethos e de cenas da enunciação deu-se em função das características do corpus de estudo, materializado na/pela mídia de informação, meio de comunicação de massa responsável, em grande parte, pela formação de opinião nos dias atuais.

Trataremos, a seguir, da noção de ethos retórico, de tradição aristotélica, o qual diz respeito à projeção do caráter (imagem) do orador no discurso, ressaltando-se que, na AD, o interesse por essa noção é indissociável de uma concepção da linguagem como veículo de posicionamentos, pois “o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (AMOSSY, 2005, p. 11). É nesse sentido que Maingueneau propõe distinguir o ethos pré-discursivo do ethos discursivo, como veremos adiante.

1.2.1 A noção de ethos, da Retórica à Análise do Discurso

Para abordar a noção de ethos, é necessário, previamente, delimitar a presente pesquisa ao que de fato interessa dentro do amplo estudo sobre a retórica na obra *Arte Retórica*, de Aristóteles (2006), filósofo grego que viveu entre 384 e 322 a.C. Nos estudos da retórica de Aristóteles, observamos a necessidade de desvincular a noção de ethos da vida pública daquela do orador que discursa, voltando as atenções para a busca pela persuasão, independentemente de quem seja o orador, dando autonomia à técnica retórica, o que, na filosofia, contrapôs Aristóteles a Platão, na medida em que, para este, a persuasão retórica era um artifício falacioso, eticamente perigoso.

Na concepção aristotélica, são três os gêneros retóricos (I: 1354a – 1377b): o deliberativo, o judiciário ou forense, e o epidêitico ou epidíctico. Klöckner (2010, p. 25) apresenta o que Aristóteles analisa e fundamenta sobre os gêneros retóricos, da seguinte forma:

- 1) **Deliberativo**, que procura persuadir ou dissuadir, orientando para uma decisão futura. O seu lugar é nas assembleias e conselhos;
- 2) **Judicial/ Forense**, que acusa ou defende a propósito de uma ação passada, determina o que é justo ou injusto. É típico dos tribunais; e
- 3) **Epidêitico/Epidíctico**, que elogia ou censura atos contemporâneos. (KLÖCKNER 2010, p. 25, grifo do autor)

Tais gêneros são empregados conforme a situação em que se encontram os envolvidos, isto é, o orador e o auditório. Aristóteles distingue, então, as provas, isto é, os argumentos, entre técnicos e não-técnicos. Aos argumentos técnicos corresponde o logos, o discurso em si. Às provas não-técnicas correspondem o ethos e o pathos, respectivamente, a função de causar uma boa impressão por meio do discurso, produzindo uma imagem de si, e o apelo sentimental (emoção). As provas técnicas pretendem agir sobre a razão do ouvinte, deste modo, são da ordem do convencimento. Já as provas não-técnicas são da ordem da persuasão, não agindo, portanto, sobre a razão, mas sobre a impressão causada pelo orador e a emoção suscitada no ouvinte.

Para encontrar subsídios para uma melhor compreensão da persuasão no universo midiático, relacionaremos o ethos aristotélico às problemáticas da linguagem e, mais especificamente, do discurso. Segundo Amossy (2005, p. 14), a integração da noção aristotélica de ethos nas ciências da linguagem encontra uma primeira expressão na teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot, na pragmática-semântica. Segundo a autora, a

pragmática-semântica abandona o sujeito falante real para se interessar pela instância discursiva do locutor, colocando em xeque sua unicidade, ao diferenciar o locutor (L) do enunciador (E). Na próxima citação, Amossy sintetiza de que modo a pragmática-semântica distingue o locutor do enunciador:

Ela diferencia o locutor (L) do enunciador (E) que é a origem das posições expressas pelo discurso e é responsável por ele; ela divide o locutor em “L”, ficção discursiva, e em “λ”, ser do mundo, aquele de quem se fala (“eu” como sujeito da enunciação e “eu” como sujeito do enunciado). (AMOSSY, 2005, p. 14)

Amossy (2005, p. 15) acrescenta que “analisar o locutor L no discurso consiste não em ver o que ele diz de si mesmo, mas em conhecer a aparência que lhe conferem as modalidades de sua fala”, e é neste ponto que Ducrot recorre à noção de *ethos*: “O *ethos* está ligado a L, o locutor como tal: é como origem da enunciação que ele se vê investido de certos caracteres que, em contrapartida, tornam essa enunciação aceitável ou recusável” (DUCROT, apud AMOSSY, 2005, p. 15).

Apesar das contribuições de Ducrot sobre o *ethos*, não há em seus estudos um interesse pelo discurso, na medida em que, para o autor, a argumentação está na língua, e não fora dela, ou seja, no discurso (AMOSSY, 2005, p. 15).

Segundo Amossy (2005, p. 16), Maingueneau apresenta o *ethos* na análise do discurso e em estudos de pragmática, deixando um lugar determinante para a enunciação e para o enunciador, definindo o enunciador como aquele que deve se conferir, e conferir a seu destinatário certo status para legitimar seu dizer. Paralelamente, o autor, propõe que a noção de *ethos* se desenvolva de forma articulada à cena de enunciação, conforme a citação a seguir:

[...] a noção de *ethos* se desenvolveu de forma articulada à de cena de enunciação. Se cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia. No discurso político, por exemplo, o candidato de um partido pode falar a seus eleitores como homem do povo, como homem experiente, como tecnocrata etc. É nesse contexto que a noção de *ethos* adquire, para Maingueneau, toda sua importância. (AMOSSY, 2005, p. 16)

Seguindo essa linha de pensamento, acrescentamos as contribuições de Eggs (2005) sobre o *ethos* aristotélico, cuja importância, segundo esse autor, é primeira, pois imbuí-se do termo *epieikeia*, que, em grego, significa honestidade: “Diremos, portanto, que o orador que mostra em seu discurso um *caráter honesto*, parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório” (EGGS, 2005, p. 29). Apesar disso, a questão do caráter honesto do discurso

retórico passou a ser marginalizados a partir da Idade Média, quando, então, a retórica passou a ser sinônimo de discurso pomposo.

Segundo Eggs (2005, p. 30), um sentido moral e fundado na *epieikeia* engloba atitudes e virtudes como honestidade, benevolência ou equidade, ao passo que *héxis*, de sentido neutro, reúne termos como *hábitos, modos ou costumes e caráter*. Essas duas concepções (*epieikeia e héxis*) não se excluem, mas constituem, ao contrário, as duas faces necessárias a qualquer atividade argumentativa.

Fazendo um paralelo com o discurso da mídia virtual sobre políticos ou sobre celebridades, podemos dizer que o discurso presente nas fofocas materializadas em gêneros como a notícia e a coluna social desenvolvem, com frequência, características de um caráter honesto, propositalmente construído pela própria figura política, ou ainda pelo enunciador da publicação, cujo objetivo seria formar opiniões favoráveis a seus interesses, que podem ser políticos, financeiros ou, no caso das celebridades, simplesmente “vender” uma imagem positiva, para alavancar a carreira.

Com efeito, tanto a figura política quanto a celebridade noticiada podem estar imbuídas de intenções implícitas ao fato noticiado, como também o enunciador da notícia pode utilizar de seu poder persuasivo-argumentativo para formar a opinião leitora a seu favor. Essa é uma das razões pelas quais acreditamos que um trabalho didático em sala de aula, com análises de exemplares do gênero notícia, no contexto de coluna social, traria a possibilidade de uma prática de leitura crítica na busca de desvendar o implícito em seu caráter histórico, político e social.

Maingueneau (2008b, p. 15) apresenta algumas dificuldades ligadas à noção de ethos, distinguindo o ethos pré-discursivo (ethos prévio) do ethos discursivo. Essa distinção é pertinente para nossa pesquisa, pois são noções úteis à análise dos discursos políticos e de celebridades, na medida em que os locutores permanecem constantemente ativos na cena midiática, por serem figuras conhecidas.

O ethos prévio está presente na representação do co-enunciador sobre o orador/enunciador, construída antes mesmo do início da leitura de uma notícia ou de uma coluna social. Segundo Maingueneau, “o ethos se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 16).

No conceito de ethos discursivo, proposto por Maingueneau, há que se atribuir poder ao material verbal, isto é, à língua. O ethos corresponde a um comportamento e, por isso, articula o verbal ao não-verbal, provocando efeitos multissensoriais nos destinatários

(MAINGUENEAU, 2008b, p. 16). Com efeito, o ethos visado nem sempre corresponde ao ethos produzido, pois, no momento em que o enunciador pretende transmitir uma imagem positiva de si, sua ação pode resultar em um efeito contrário ao que desejava.

Maingueneau (2008b) apresenta alguns princípios mínimos para uma concepção de ethos discursivo, sem pré-julgar o modo como eles podem eventualmente ser explorados nas diversas problemáticas do ethos:

- o ethos é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o ethos é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica. Isso posto, a concepção de ethos que proponho se inscreve num quadro da análise do discurso. Mesmo que esse quadro seja bem diferente do da retórica antiga, parece que não chega a ser essencialmente infiel às linhas de força da concepção aristotélica. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 17)

Por isso, é proposto nesta pesquisa um trabalho didático com análises que considerem o caráter interdisciplinar que envolve a memória, o contexto histórico e linguístico, pois seria uma ação de esclarecimento sobre o implícito presente em publicações que “bombardeiam” o mundo virtual, no qual o público leitor despreparado pode se ver diante de um repertório de leituras sobre questões irrelevantes, como a separação matrimonial de um casal de celebridades, ou notícias de bastidores políticos, aparentemente inocentes, que carregam um não-dito que este leitor não será capaz de detectar, se não houver uma sensibilização para tal leitura.

A título de exemplo, no discurso político, as materializações dos discursos se dão, em grande parte, no gênero notícia, em transmissões midiáticas como telejornais e imprensa online, fato este que tem como consequência uma visão construída primeiramente pelas circunstâncias em que são divulgadas tais notícias e, em seguida, pela maneira como a figura política (orador) se mostrou no discurso, ou seja, o ethos atualizado. A esse respeito, Maingueneau (2005) observa que “de fato, mesmo que o co-enunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de ethos” (MAINGUENEAU, 2005, p. 71). Para o autor, a pertinência da noção de ethos para a análise do discurso é assim justificada:

Podemos nos perguntar por que hoje o ethos suscita tanto interesse. Evidentemente, tal retorno está em consonância com o domínio das mídias audiovisuais: com elas, o

centro de interesse deslocou-se das doutrinas e dos aparelhos que lhes estavam ligados para a apresentação de si, para o “look”(…). (MAINGUENEAU, 2008a, p. 56)

A primeira mudança, na concepção de ethos operada por Maingueneau, diz respeito à vocalidade específica, chamada pelo autor de tom, “que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa” (MAINGUENEAU, 2005, p. 72). Quando lemos um livro, por exemplo, estamos entrando em contato com o ethos do autor, e a materialização de tal obra ocorrerá no ato da leitura. Nesse momento, o leitor ocupa a função de co-enunciador e será o fiador do texto, pois trará à tona o tom do enunciador. Maingueneau (2005) explica essa manobra na citação a seguir:

Um postulado segundo o qual qualquer discurso, seja qual for seu modo de inscrição material, implica uma “vocalidade” e uma relação com um fiador associado a uma corporalidade e a um caráter, mesmo que sejam fantasmáticos; postulado válido mesmo para os discursos que pretendem eliminar qualquer traço de um tal fiador. (MAINGUENEAU, 2005, p. 74)

Em uma concepção de análise do discurso, o enunciador não é um ponto estável que se expressaria de uma forma ou outra, pois está previamente inserido em uma interação dinâmica, “em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado” (MAINGUENEAU, 2005, p. 74).

Observa-se, assim, neste e em outros dizeres, os deslocamentos operados por Maingueneau com relação à perspectiva histórica da AD, em particular no que diz respeito à noção de sujeito. Não se pode dizer, entretanto, que o autor se distancia das problemáticas típicas do analista do discurso, na medida em que não há o abandono, por exemplo, da relação entre língua e história/historicidade. É exemplo disso a concepção do autor sobre o sujeito, não (mais) assujeitado, mas “a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 64), e que “não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma ‘voz’, associada a um ‘corpo enunciante’ historicamente especificado” (idem, p. 64).

1.2.2 Cenas da enunciação

No presente item, abordaremos as questões que envolvem as cenas da enunciação, tal como foram formuladas por Maingueneau (1997), com forte influência da teoria da enunciação de Benveniste (1989).

Maingueneau (2005) divide em três as cenas da enunciação: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde, segundo o autor, ao tipo de discurso: religioso, político, escolar, midiático, entre outros. Essa cena implica o reconhecimento do tipo de discurso pelo co-enunciador, na medida em que “atribui ao discurso um estatuto pragmático” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70). Refere-se ao momento em que o co-enunciador identifica o gênero discursivo a que pertence uma determinada prática discursiva. Um exemplo bastante simples corresponde a alguém que, andando pela rua, é surpreendido por informações acerca de preços praticados por uma loja, sendo tais informações transmitidas por um carro de som. O instante em que o co-enunciador compreende que está ouvindo um anúncio de preços corresponde à inscrição dessa fala em uma cena englobante.

Entretanto, segundo Maingueneau (1997) apenas a cena englobante não é suficiente para o reconhecimento, pois:

...um co-enunciador não está tratando com o político ou com o filosófico em geral, mas sim com gêneros de discurso particulares. Cada gênero de discurso define seus próprios papéis, num panfleto de campanha eleitoral, trata-se de um ‘candidato’ dirigindo-se a eleitores [...]” (MAINGUENEAU, 1997, p. 86)

Com base no conceito de gênero do discurso proposto por Bakhtin (2000), Maingueneau (1997; 2008a) preconiza que todo texto apresenta, ainda, uma segunda cena enunciativa: a cena genérica. Esta se refere ao contrato estabelecido pelos participantes da troca verbal, mediante a manifestação de um gênero discursivo, como o editorial, o sermão e a notícia em um dado texto⁶.

Finalmente, a cenografia diz respeito à cena de fala validada em cada enunciação, em cada texto. Para Maingueneau (2008a, p. 70), a cenografia “não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto (...)”. Além disso, ela é:

[...] ao mesmo tempo fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la estabelecendo que essa cenografia onde

⁶ Ainda neste capítulo, trataremos sobre o conceito de gênero discursivo.

nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém.
(MAINGUENEAU, 2001, p. 87)

Partindo da concepção de tempo e lugar em Benveniste (1989), Maingueneau afirma que a posição ocupada por cada indivíduo em um discurso o propõe como sujeito. Desse modo, o discurso implica as instâncias da enunciação: sujeito, tempo e lugar: “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado” (MAINGUENEAU, 1997, p. 33).

Para definir a cenografia discursiva de um texto, Maingueneau (1997) evoca a existência da dêixis discursiva, também chamada de coordenadas espaço-temporais que se articulam em atos de enunciação. A dêixis discursiva intervém em três instâncias: o locutor e o destinatário, a cronografia, e a topografia. Segundo Maingueneau (1997), a dêixis discursiva não se instaura do exterior para o interior do discurso. Dito de outro modo, uma formação discursiva não enuncia a partir de um sujeito, de um tempo e de um espaço determinados do exterior, mas sim no sentido contrário. O que acontece é um movimento de dentro para fora do discurso.

Além da dêixis discursiva, que se constrói por meio da enunciação, o autor também propõe a dêixis fundadora, que corresponde a situações de enunciação anteriores (interdiscurso), atualizadas pela dêixis discursiva, e a partir da qual o texto se materializa e se legitima. Portanto, tem-se, nos estudos de Maingueneau (1997), além da locução, cronografia e topografia discursiva, a existência da locução, da cronografia e da topografia fundadora.

No próximo item, trataremos da teoria do dialogismo, cuja contribuição é notória e de real importância para as questões dos gêneros discursivos.

1.3 A teoria do dialogismo

Os estudos sobre o funcionamento da linguagem, segundo um princípio dialógico, e com base em enunciados de gêneros discursivos, tomam forma no pensamento e obra do chamado Círculo de Bakhtin. Esse referencial teórico é relevante em nosso trabalho por inúmeras razões, conforme apresentamos ao longo deste capítulo. Neste ponto, insistimos sobre uma perspectiva teórica-analítica que consiste em aproximar as problemáticas típicas da análise do discurso com aquelas reveladas pelas ideias do Círculo de Bakhtin. Uma necessidade manifestada, aliás, pelo próprio objeto da pesquisa, como uma forma de explicar

de onde provém o sentido na transmissão midiática de acontecimentos corriqueiros da vida cotidiana, e que passam a assumir uma ampla repercussão na sociedade.

1.3.1 A perspectiva dialógica da linguagem

A perspectiva dialógica da linguagem tem sua origem na filosofia e, dada sua grande pertinência, serve de subsídio teórico para diversos trabalhos, atualmente, na área dos estudos sobre a língua/linguagem. A teoria do dialogismo tem como representante maior o filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin. Nascido em 1895, na cidade de Orel, na Rússia, o estudioso se eternizou como um dos maiores estudiosos da linguagem humana e comumente conhecido como líder do chamado Círculo de Bakhtin. Esse grupo de estudiosos tinha como parte de seus integrantes o linguista Valentin Voloshínov (1895-1936) e o teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938). Voloshínov e Medvedev são nomes que, com frequência, também têm suas obras pesquisadas e citadas em diversas pesquisas nas ciências da linguagem.

Ornellas (2010), apoiando-se na obra de Clark e Holquist (1984), descreve o contexto histórico em que viveram os integrantes do Círculo de Bakhtin, período de bastante turbulência, em especial devido a duas revoluções ocorridas no ano de 1917, sendo a primeira no mês de fevereiro, e a segunda em 25 de outubro. Sobre a primeira revolução, Ornellas (2010) diz que a burguesia se junta ao proletariado, inclusive aos militares, que estavam descontentes com a participação russa na I Guerra Mundial (1914-1918), porque, em geral, o povo não suportava mais a fome, a miséria e a opressão. Nesse clima de hostilidade, burguesia, proletários e militares descontentes provocam a renúncia do czar Nicolau II e instaura-se, assim, um regime constitucional que, por sua vez, provocaria o surgimento de um regime restaurador, com o intuito de retomar a opressão contra a classe trabalhadora. O surgimento desse regime restaurador provoca nova revolução, em 25 de outubro de 1917, momento em que o comando nacional é vencido pela classe proletária, a qual instaura o regime comunista, presidido por Vladimir Uliianv Lênin. Todavia, os antigos privilegiados, conforme Ornellas (2010), em guerra sangrenta retomam toda a Rússia.

A autora relata que, após a morte de Lênin (1924), em disputa pela sucessão governamental, Stalin vence Trotski, e assim começa o chamado período stalinista (1927-1953). Stalin industrializa e moderniza a Rússia, utilizando métodos nada favoráveis à classe proletária, sendo suas ações consideradas brutais, as quais duram até sua morte em 1953 (BRITO, 2012, p. 57).

Ainda conforme Ornellas (2010), durante a primeira revolução de 1917 e a I Guerra Mundial (1914-1918), Bakhtin, na cidade de Petrogrado, dedica-se a estudos clássicos na Faculdade Filológico-Histórica, concluindo-os no ano de 1918, época de intensa opressão política, que afetaria o ensino universitário, causando diminuição do número de professores.

Frente às questões políticas, Bakhtin adota uma posição de neutralidade, que marca toda sua vida. Segundo Ornellas (2010), as reuniões do círculo de estudos do qual participa Bakhtin eram encontros de um grupo de amigos que gostavam de discutir sobre filosofia, cultura, política, literatura, música e até biologia. Essa troca de conhecimentos proporcionaria a Bakhtin contatos com outras áreas de estudos, como pintura, música, medicina, biologia, entre outras, momentos em que pôde debater suas próprias ideias. A partir dessas experiências, Bakhtin desenvolve estudos e elabora conceitos em crítica literária e filosofia, baseando-se em conteúdos como física, caso do cronotopo, ou da música, daí o conceito de bivocalidade.

No período de intensas discussões e produção de escritos pelo Círculo, surgiu uma polêmica acerca da autoria das obras publicadas em nome de Volochínov e Medvedev. Questionava-se, então, se tais obras não seriam assinadas por pseudônimos de Bakhtin, a exemplo de:

- 1- MEDVEDEV, P. and BAKHTIN, M. *The formal method of literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Leningrado: Priboi, 1928.
- 2- VOLOCHÍNOV, V. and BAKHTIN, M. *Freudism*. Moscou-Leningrado, 1927.
- 3- VOLOCHÍNOV, V and BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem: o problema do método sociológico na ciência da linguagem*. Leningrado, 1929. (ORNELLAS, 2010)⁷

Em nossa pesquisa, interessam os estudos do Círculo sobre o funcionamento da linguagem, que se dá em um constante processo de interação mediado pelo diálogo, daí o nome de teoria do dialogismo. Nessa teoria, a linguagem é considerada uma ponte que liga o falante a seu interlocutor, os quais se relacionam dentro de um contexto social do qual são parte integrante, pois o significado das palavras e o valor das ações e objetos só podem ser apreendidos no interior do contexto histórico-social de que fazem parte os parceiros da troca verbal. A título de exemplo, em contextos distintos podemos dispor do pão e vinho como alimento e bebida, e, em outro contexto interacional, pão e vinho tornam-se corpo e sangue de Cristo. É o que explicam os autores na citação a seguir:

⁷ ORNELLAS, Clara Ávila. Espéculo. **Revista de estudos literários**. Universidad Complutense de Madrid El. 2010. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/brabaj.html>.

O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas o produto de consumo enquanto tal não é, de maneira alguma, um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser associados a signos ideológicos, mas essa associação não apaga a linha de demarcação existente entre eles. O pão possui uma forma particular que não é apenas justificável pela sua função de produto de consumo; essa forma possui também um valor, mesmo que primitivo, de signo ideológico (por exemplo o pão com a forma de número. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 32)

A perspectiva dialógica da linguagem subsidia teoricamente as questões primeiras que motivaram a escolha do gênero discursivo fofoca, transmutado, nos dias atuais, em gêneros midiáticos – a coluna social e a notícia –, um procedimento compreendido como estratégia de persuasão do público leitor, com finalidades variadas, como, por exemplo, desqualificar uma figura política.

A fim de introduzir a teoria do dialogismo, consideramos importante expor em algumas linhas a concepção vigente, à época dos escritos do Círculo de Bakhtin, sobre as noções de linguagem, língua e fala. Referimo-nos, em particular, à teoria linguística inaugurada por Ferdinand de Saussure (1995) na obra *Curso de Linguística Geral*, na realidade, o resultado das anotações de suas aulas pelos alunos Charles Bally e Albert Sechehaye. As reflexões que apresentamos são fundamentais porque é a partir delas que Bakhtin/Volochínov (2009) constroem sua argumentação sobre o caráter fundamentalmente ideológico e dialógico das enunciações.

Considerando a língua um sistema de diferenças, Saussure estabelece, ao longo de sua obra, diferentes dicotomias. Os autores russos criticam, em particular, a dicotomia língua vs fala, na qual a língua é concebida como social, e a fala como individual. Com efeito, ao operar tal corte, Saussure estabelece apenas a língua como objeto passível de descrição científica.

Antes de abordar os pontos de divergência entre as ideias de Saussure e as do círculo de Bakhtin, enfatizamos a importância inquestionável de Saussure para a constituição da Linguística como ciência, pois foi a partir de sua obra que ocorreu um desencadeamento dos estudos linguísticos, mesmo que posteriormente questionados, em particular sobre a fala (enunciação e discurso). Observamos que, se Saussure não tivesse se ocupado de tais questões, certamente hoje não poderíamos sequer estar nos dedicando a esta pesquisa. Com efeito, a evolução da ciência se faz sempre a partir de um ponto de questionamento, e foi isso o que Saussure possibilitou com seu *Curso de Linguística Geral*.

Para Saussure (1995), a língua constitui um instrumento que possibilita ao homem o exercício da linguagem, visto que é socialmente compartilhada. Com sua teoria dos signos, o

estudioso consegue transformar a linguística em uma reconhecida ciência, pois seus estudos demonstram que a língua é um objeto passível de ser estudado com métodos científicos. Entretanto, isso não significa que o estudo da língua em seu processo dinâmico de transformação ao longo da história (diacronia) seja inviável. Saussure apenas não trata dessa questão em sua elaboração de uma ciência da língua.

Na dicotomia língua/fala, Saussure estabelece a existência de um sistema de valor que envolve a fala, e que isso se dá na combinação de sons e ideias carregados em cada signo, formado por um significado e um significante.

Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (SAUSSURE, 1995, p. 139)

Segundo Saussure, é possível estudar um signo diacronicamente, observando sua mudança ao longo do tempo. No entanto, esse estudo estaria relacionado, segundo ele, à fala, e não à língua, pois “[...] tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso” (SAUSSURE, 1995, p. 115).

As considerações do autor suíço sobre a língua demonstram seu engajamento em estudá-la como uma estrutura. Entretanto, o fato de ele descartar a fala, por meio da dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala), e instaurar uma teoria estruturalista sobre a língua, provoca reflexões em Bakhtin/Volochínov (2009), que irão sustentar uma crítica a tal concepção. Para Bakhtin e Volochínov (2009), a fala é social, e responde a uma necessidade de comunicação entre os falantes, intimamente relacionada às estruturas sociais.

Na introdução da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, é possível compreender em maiores detalhes o projeto dos autores, como nessa citação de Marina Yaguello, na introdução da obra em questão:

Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (YAGUELLO apud BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 14)

Na realidade, os autores russos rejeitam a dicotomia saussuriana e propõem uma outra concepção, a do princípio dialógico da linguagem. Dentre suas ideias, Bakhtin/Volochínov (2009) afirmam que a linguagem se dá na interação entre indivíduos em uma dada comunidade organizada, e é através da linguagem que se dá o pensamento. Ou seja, só existe pensamento porque há linguagem.

Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é *a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação. Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 114, grifos dos autores)

Bakhtin/Volochínov (2009) baseiam-se nos estudos marxistas sobre a ideologia para embasar suas ideias sobre o signo linguístico. Ainda segundo os autores, a atividade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. Dessa forma, o signo, e não a palavra, é instável e heterogêneo, e por isso está sempre exposto às modificações externas, mudando ao longo do tempo e de acordo com o universo ideológico ao qual pertence. A ideologia contida no signo atualiza-se na interação verbal, entre pelo menos dois indivíduos socialmente organizados. Surge, então, a metáfora do diálogo, que dá a ideia de que somente na interação entre o locutor, aquele que toma a palavra, e o interlocutor, ouvinte, é possível a existência da linguagem. Na teoria do dialogismo, toda palavra serve de expressão ao locutor em relação ao ouvinte, ela constitui uma ponte entre ambos.

Segundo Volochínov (2013), a linguagem humana é um fenômeno de duas faces, pois cada enunciação pressupõe a existência de um falante e um ouvinte. E a cada expressão linguística das impressões do mundo externo, quer sejam imediatas ou aquelas que se formam na consciência que “receberam conotações ideológicas mais fixas e estáveis, é sempre *orientada para o outro, até um ouvinte*, inclusive quando este não existe como pessoa real” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 157, grifos do autor).

Segundo Bakhtin/Volochínov (2009, p. 115), a materialização da palavra se dá sempre de uma área fronteira de onde a palavra é oriunda e passa a ser do locutor no momento em que ele se apropria dela, sendo no momento da materialização o único dono da palavra, trata-se de uma posse puramente fisiológica. No entanto, “[...] a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 115).

Com efeito, a relação social é o principal elo para que o signo se materialize e faça sentido, pois o sentido ocorre no âmbito da interação, e é considerando a importância desse princípio organizador da fala que a teoria do dialogismo, na qual se inserem os estudos sobre os gêneros discursivos, se sustenta em nossa pesquisa.

A historicidade dos gêneros discursivos diz respeito a sua evolução ao longo do tempo, o modo como este se encarrega de transformar cada um deles, ao ritmo das necessidades da sociedade em que circulam. São, pois, os funcionamentos sociais que fazem com que novos gêneros surjam ou simplesmente se transformem a partir de outros já existentes, num processo lento e contínuo. Um processo que passa, muitas vezes, despercebido.

Os primeiros registros de estudos dos gêneros iniciaram-se na antiguidade greco-latina. Aristóteles, por exemplo, propõe uma tipologia dos gêneros da retórica, como vimos anteriormente. Platão, no livro III de *A república*, apresenta três divisões dentro da poesia, uma inteiramente imitativa, como a tragédia e a comédia, chamadas também de dramáticas; a segunda é a mimética, encontrada principalmente nos ditirambos, chamadas na atualidade de lírica e a épica, composta, como em uma junção da tragédia e a comédia, conforme citação a seguir:

O mais antigo conceito de gênero advém de Platão, no livro III de *A república* em que apresenta três divisões dentro da poesia, a saber: uma inteiramente imitativa como a tragédia e a comédia, a segunda considerada não mimética, encontrada principalmente nos ditirambos e que podemos aproximadamente chamar, hoje, de lírica, e, por último, a épica, composta pela mistura das duas primeiras. Nessa divisão, evidencia-se a concepção do gênero como imitação e representação, visto que, para Platão, pode ser constituído pela imitação do discurso de uma outra pessoa, aproximando-se o máximo possível do estilo imitado ou da narração do próprio poeta. (CAMPOS, 2008, p. 25)

Em Houaiss e Villar (2001, p. 1441) confirma-se a divisão em uma linguagem mais simplificada que também engloba as obras literárias em três divisões: lírico, épico e dramático.

Em Bakhtin (2000), os gêneros do discurso não se restringem aos gêneros da imitação ou da representação, mas são definidos como “tipos *relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279), o que indica, desde o início, a possibilidade de que os gêneros variem e se transmutem em “novos” gêneros. A problemática do autor é inovadora, na medida em que extrapola a questão dos gêneros literários e retóricos, privilegiando uma concepção global sobre as atividades de linguagem dos falantes. Segundo o autor:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas de comunicação, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Na obra *Estética da criação verbal*, o filósofo russo desenvolve em mais profundidade a formação dos gêneros, distinguindo-os entre *primários* e *secundários*. Os gêneros primários “se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” (BAKHTIN, 2000, p. 281). Os gêneros secundários, por sua vez, só existem porque são originados a partir dos gêneros primários e “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (BAKHTIN, 2000, p.281).

Essa definição nos permite afirmar que a fofoca é um gênero primário, haja vista que, antes do aparecimento das mídias, esse gênero sempre se realizou em situações de trocas verbais espontâneas, em linguagem falada, como em uma conversa de comadres, amigos em uma praça, nos bares da cidade.

Dessa forma, consideramos pertinente a apropriação dos princípios norteadores da teoria do dialogismo em uma perspectiva de análise do discurso, tendo como fator de total relevância as ideias de Bakhtin, Pêcheux e Maingueneau sobre o discurso em seu caráter fundamentalmente dialógico e ideológico, logo, relacionado às engrenagens sociais.

CAPÍTULO 2

OS PRIMÓRDIOS DA FOFOCA E SUA TRANSMUTAÇÃO NA MÍDIA

Neste capítulo, dedicamo-nos a descrever e a explicar o objeto da pesquisa, a fofoca, partindo de sua essência enquanto gênero primário, o qual dará origem a gêneros secundários nas mídias de informação, em particular, a coluna social e a notícia. Com base no pressuposto bakhtiniano de que os gêneros primários constituem a base dos gêneros secundários, primordialmente relacionados à escrita e a esferas discursivas mais organizadas, trabalhamos com a hipótese de que os desdobramentos atuais da fofoca nas mídias da informação resultam de sua natureza mais elementar, qual seja a interação oral, como em uma conversa informal.

Considerando a fofoca como o germe que se encontra na base dos gêneros midiáticos, observa-se, na época atual, uma proliferação de gêneros informativos intimamente associados a temas característicos da fofoca. Estaríamos assistindo, então, ao surgimento de um novo gênero discursivo: a fofoca midiática. Esta pode ser conceituada como uma fofoca “oficial”, aquela que, sobretudo desde as últimas décadas, passou a integrar os gêneros informativos, seja na imprensa escrita e digital, seja em outras mídias, como redes sociais, blogs, etc.

Para abordar a fofoca, discutiremos, inicialmente, sua condição de gênero primário, momento em que entendemos sua origem e sua evolução a partir das reflexões do Círculo de Bakhtin (2009, 2013) sobre a ideologia do cotidiano. Além disso, contamos com as contribuições do psiquiatra Gaiarsa (1978) sobre o comportamento humano diante do ato de fococar. No item subsequente, trataremos sobre o gênero fofoca pela ótica de sua transmutação em gênero secundário, materializada no discurso midiático, mais especificamente na coluna social e na notícia.

2.1 O gênero primário fofoca

Uma definição inicial de fofoca implica distinguir essa prática de outras que, comumente, lhe servem de sinônimo, como, por exemplo, o boato. Enquanto a fofoca é predominantemente oral, o boato “[...] pode se propagar por meio de nota, questionamento ou comentário em suporte impresso, on-line ou audiovisual” (GADINI, 2007, p. 90), além de nem sempre ter uma intenção negativa e mentirosa. Enquanto que a fofoca é uma “informação ou o comentário tendencioso sobre um terceiro ausente” (GAIARSA, 1978, p. 29).

Partiremos do princípio de que a fofoca é parte integrante das relações sociais, presente no cotidiano das pessoas, moduladora do comportamento humano, e cuja presença persiste desde os primórdios das civilizações. Uma primeira definição, no Dicionário Aurélio (2001), insere a fofoca na relação de sinonímia com “mexerico”, “intriga”, “bisbilhotice”, com destaque para o registro popular de linguagem.

Historicamente, e enquanto moduladora do comportamento humano, a fofoca é citada em algumas passagens bíblicas, corroborando com a definição bakhtiniana desse gênero primário. Assim, em Levítico 19:16a, encontramos esta passagem: “Não propagarás mexericos no meio do teu povo”. E ainda, em Provérbios 26:20: “Sem lenha o fogo se apaga; não havendo mexeriqueiro, cessa a contenda”, ou em Tiago 4:11a: “Irmãos, não faleis mal uns dos outros”.

Baseando-nos no conceito de ideologia do cotidiano, trabalhada em alguns escritos de Bakhtin e Volochínov (2009; 2013), buscamos estabelecer um paralelo entre essa concepção e a fofoca como gênero primário, isto é, originado a partir de uma interação verbal elementar, pertencente ao universo da conversa informal. Chama-se “de ideologia do cotidiano a todo o conjunto de sensações cotidianas – que refletem e refratam a realidade social objetiva – e as expressões exteriores imediatamente a elas ligadas” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 151). Essas ideias são melhor explicitadas na seguinte citação:

Chamaremos a totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ideologia do cotidiano, para distingui-la dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, etc. A ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 151)

A ideologia do cotidiano está relacionada ao conjunto de ideias que cada indivíduo incorpora ou absorve do meio no qual vivencia suas relações diárias. Tais ideias são armazenadas no inconsciente, manifestando-se por meio do pensamento e exteriorizando-se na fala, ou simplesmente materializando-se no eu interior. Dito de outro modo, é o que resulta da interiorização e sedimentação dos estereótipos presente no meio social; quando estamos sozinhos, “falamos” sobre algo que gostaríamos de dizer a alguém, mas, como não ousamos fazê-lo, ficamos apenas “falando” conosco mesmo. Ou ainda, quando interagimos verbalmente com um desconhecido, em situações rotineiras, abordando assuntos triviais como namoro, amizade, etc. Aquele a quem nos dirigimos é o interlocutor, cujo pensamento desconhecemos, mas que, mesmo assim, responde normalmente, visto estar ele também

inserido na ideologia do cotidiano. E ainda, podemos dizer que tudo o que pensamos está diretamente ligado ao meio em que estamos inseridos, e é no cotidiano, durante as interações sociais, que adotamos um comportamento discursivo adaptado à situação em que ocorre uma troca verbal.

Na obra intitulada *Tratado Geral sobre a fofoca*, José Ângelo Gaiarsa (1978), psiquiatra, psicanalista e escritor, diz que há quem fofoque sozinho. Ao contrário do que possa parecer, essa afirmação é pertinente, se considerarmos o que dizem Bakhtin e Volochínov sobre a “comunicação na vida cotidiana” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 37). Com efeito, os autores distinguem a atividade mental do *eu* da atividade mental *do nós*. A atividade mental do *eu* desaparece tão logo haja interação verbal entre pelo menos dois falantes, logo, a atividade mental do *eu* só existe conquanto se considerem as reações fisiológicas do homem em seu estágio animal, irracional. De forma paralela funciona a atividade mental do nós, a qual privilegia a ideologia em que o indivíduo se insere. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009):

A atividade mental do nós não é uma atividade de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada. Melhor ainda, a diferenciação ideológica, o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior. A atividade mental do nós permite diferentes graus e diferentes tipos de modelagem ideológica (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117).

Para Bakhtin/Volochínov (2009), a enunciação nasce da interação entre dois indivíduos, conforme a situação social em que estão inseridos. Para esses autores, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 117). Ao tratarem das duas atividades mentais, do eu e do nós, os autores russos as subordinam à interação social, cuja ideologia servirá de moldura de comportamento no interior de uma dada sociedade. A esse respeito, segundo eles:

Pode-se dizer que não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas *o nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão*, aos seus caminhos e orientações possíveis. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.123, grifos do original)

Gaiarsa (1978, p. 29) define fofoca como “informação ou o comentário tendencioso sobre um terceiro ausente”, distinguindo de duas formas sua materialização: como informação

ou como comentário tendencioso, que se manifesta sobretudo por meio da fala, quando o indivíduo relata a fofoca, e do acompanhamento expressivo, percebido por meio de gestos e expressões faciais como “um olhar desdenhoso, o muxoxo de desprezo, o gesto de pouco caso das mãos ou o modo de olhar de cima para baixo, são *toda* a fofoca” (GAIARSA, 1978, p. 30).

Para o psiquiatra brasileiro, a “fofoca é o mais gigantesco dos fatos humanos” (GAIARSA, 1978, p.24) e, perguntando-se se nós fazemos fofoca ou se é a fofoca que nos faz, o autor afirma: “a fim de avaliar todo o poder da fofoca sobre as pessoas, é preciso compreender que o ser humano é habitado interiormente por uma multidão tão numerosa e heterogênea quanto a que nos cerca por fora” (idem, p. 41). Considerar a existência de um outro ser dentro de nós poderia parecer estranho, mas, diz Volochínov (2013, p. 164): “afirmamos decidida e categoricamente, que mesmo essas intervenções verbais íntimas são totalmente *dialógicas*, estão totalmente impregnadas com a valoração de um ouvinte potencial [...]”.

Por meio das obras do pintor René Magritte, um dos principais pintores surrealistas belgas do século XX, Gaiarsa (1978) trata do tema fofoca. Em uma dessas obras, o autor lustra a ideia de que há muito dos outros em cada um de nós. Conforme figura a seguir:



Figura 1: Obra de Arte do pintor surrealista René Magritte, intitulada Golconda (1953)

O autor explica que, mesmo quando estamos sozinhos, nós fofocamos, pois nosso pensamento é construído de fora para dentro. Essas ideias nos auxiliam a fazer uma aproximação com o Círculo de Bakhtin, a respeito da ideologia do cotidiano e da teoria do dialogismo como um todo. Vejamos esta citação:

O *centro* organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. Só o grito inarticulado de um animal procede do interior, do aparelho fisiológico do indivíduo isolado. É uma reação fisiológica pura e não ideologicamente marcada. Pelo contrário, a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 123)

A citação acima corrobora a ideia de que o pensamento, apesar de se realizar em cada indivíduo, constrói-se coletivamente, pois moldamos nosso pensamento a partir de outros discursos, no âmbito das interações sociais mediadas pela linguagem, seja por um ato de fala imediato ou por um contexto mais amplo, pertinente ao meio em que estamos inseridos.

A Análise do discurso francesa (AD), dada sua natureza interdisciplinar, toma emprestado da psicanálise lacaniana a concepção do sujeito inconsciente, considerando a não unicidade desse último como um princípio, seja pelo contato com o *Outro* imaginário que o constitui, a partir de suas experiências discursivas pregressas, seja pelo *outro* referido ao interlocutor real em uma dada situação de fala.

Considerando-se esse *Outro* (inconsciente) como aquele denunciado no ato falho do discurso, podemos situar a fofoca como uma prática linguageira reveladora da falha a que está submetido o sujeito, na medida em que sua enunciação por si só demonstra ora preconceito, ora inveja sobre uma atitude que não esteja de acordo com um certo padrão de comportamento, ou ainda, uma certa ideologia.

A fofoca também pode revelar algo que o sujeito gostaria de realizar, mas que, por receio de sair da zona de conforto adquirida ao se comportar dentro dos padrões ditados pela sociedade, não realiza, contentando-se em criticar as ações daqueles que ousam ultrapassar os padrões morais e comportamentais pré-estabelecidos pelo grupo de pertencimento. E essa fofoca toma forma material em comentários sobre atitudes que o fofocado tenha tomado, e que se encontram fora dos padrões da sociedade em que se insere.

Dito isso, tem-se a fofoca proferida de um indivíduo a outro, assim como a fofoca do indivíduo com seu *Outro*, como se observa na citação a seguir:

Só nossos pensamentos sabem, mais que nós mesmos, de nossos pensamentos! Ante a multidão interior, todas as nossas inclinações são manifestas e é desta multidão anônima que partem as acusações mais sérias contra nós. Por isso a fofoca atinge tanto as pessoas. (GAIARSA, 1978, p. 50)

A função de fofoqueira ou fofoqueiro sempre gerou uma visão estereotipada de um sujeito pré-determinado com características muito comuns, cujo perfil é bem específico: uma pessoa sem muitos afazeres ou problemas para resolver da própria vida, cuja válvula de escape são os acontecimentos da vida alheia. Segundo Wieser (2009):

Desse modo, o estudo da fofoca nos leva à identificação das nossas crenças e convicções com relação à constituição moral das pessoas e nos faz ver o significado que, pelo ponto de vista do bem e do mal, é atribuído ao comportamento humano, nas mais diversas situações sociais. (WIESER, 2009, p. 338)

Com base nesses apontamentos, propomos uma classificação da fofoca em três categorias: (i) a fofoca de teor mentiroso; (ii) a fofoca de teor verdadeiro, mas com intenções prejudiciais; e (iii) a fofoca com fins comerciais.

A fofoca de teor mentiroso tem a finalidade de difamar o indivíduo, desviando a atenção das qualidades do fofocado, pois, se estas forem reveladas, trarão ao fofocado efeitos positivos, que reforçam sua boa imagem, e isso é tudo que o difamador não quer. Esses efeitos podem estar relacionados a emprego (promoção no trabalho) ou à boa interação social do fofocado.

Esse tipo de fofoca pode ser também chamada de *bullying*⁸, um comportamento que tem sido duramente combatido nas escolas, por meio de campanhas e projetos pedagógicos, uma jornada longa para se obterem resultados satisfatórios. Todavia, é importante destacar que o *bullying* também pode ser classificado como boato, devido ao fato de suas manifestações acontecerem em ambientes coletivos em que às vezes não se sabe quem espalhou a difamação. Por isso cabe acrescentar que apenas o difamado é quem saberá se o *bullying* é uma fofoca de caráter mentiroso, ou se aproxima de um boato, de caráter verdadeiro e de sujeito indeterminado.

Já a fofoca de teor verdadeiro, com intenções prejudiciais, geralmente é sofrida por pessoas hábeis em seus afazeres ou de grande sorte no trabalho, finanças e nos relacionamentos. A intenção é mostrar que o fofocado também tem defeitos, que é passível de erros, o que mostra que o fofoqueiro se sente incomodado em assistir ao sucesso do seu próximo. Podemos dizer que não existe fofoca que não seja para fins prejudiciais, todavia, há aqueles que fofocam até mesmo sobre pessoas que sequer conhecem.

⁸ O *bullying* é um ato caracterizado pela violência física e/ou psicológica, contínua ou não. Segundo Olweus (1999), "um estudante está sendo vitimado quando é exposto, repetidamente e por um tempo prolongado, a ações negativas por parte de um ou mais estudantes" (OLWEUS, 1999, p.10, apud CATINI, 2004, p. 3). O *bullying* é muito mais amplo que uma fofoca e a fofoca é parte dessa amplitude.

Quando o fato fofocado é uma verdade, geralmente sai da boca de um confidente, pois, na maioria das vezes, é originário de um segredo. Como diz o ditado, “segredo só é segredo quando é só seu”, entretanto, é comum as pessoas se arriscarem confidenciando seus segredos a outros.

Há, ainda, uma questão de gênero envolvida no ato da fofoca. A fama de fofoqueiro(a) recai quase sempre sobre as mulheres, mas os homens também motivo fofocam, em especial no meio corporativo. Isso pode ser associado ao estereótipo de que fazem mais uso da razão em detrimento da emoção. Qual o sentido de parar para fazer uma fofoca se não for para benefício próprio e financeiro? Se o que estiver em jogo for uma promoção, homens e mulheres se igualam na arena empresarial.

Finalmente, o que caracterizamos como fofoca para fins mercadológicos corresponde, na época atual, à popularização da fofoca na mídia, de modo mais evidente na imprensa, por meio da coluna social e da notícia. Na medida em que a imprensa pode ser definida como “lugar institucional ocupado por um sujeito, em um dado momento histórico, à qual corresponde uma formação ideológica” (BRANDÃO, 2006, p. 47), ela está diretamente ligada à estrutura social e econômica de uma sociedade. Considerando-se que nossa sociedade é capitalista, podemos afirmar que a imprensa, para além de sua função informativa, constitui um produto de venda e, nesse sentido, busca lucro em suas ações. A fofoca participa, assim, dessa lógica de mercado. Essa dupla função da imprensa – informativa e mercadológica – é assim explicada por Charaudeau (2006):

De um ponto de vista empírico, pode-se dizer que as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica econômica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica simbólica que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. (CHARAUDEAU, 2006, p. 21)

Dentre os interessados pelas publicações pessoais, sob o lema de que quem é visto é lembrado, estão as celebridades de um modo geral. Surge, para essa categoria, a necessidade da existência de meios para que a fofoca se expanda rapidamente. Assim, veículos de informação, como redes sociais (Twitter, Facebook), sites de fofoca como “O fuxico”, “Ego” e “Gente” e, ainda, a televisão, as revistas, jornais, profissionais como os paparazzi, enfim, todos os meios de comunicação são usados diariamente para a divulgação da vida das celebridades.

A função de fuxicar, entendida como gênero primário de acordo com a concepção de Bakhtin (2000), cuja definição é uma conversa informal, estritamente oral, transmuta-se, na atualidade, em gêneros discursivos da informação, como a coluna social e a notícia, ou seja, transformam-se em gêneros secundários, da ordem da escrita e socialmente situados.

Foi a partir da observação desse fenômeno da transmutação da fofoca, na atual conjuntura midiática, em gêneros discursivos tidos como credíveis, que empreendemos o presente estudo. Mais especificamente, esse fenômeno relativamente recente coloca a fofoca no centro das atenções, e ela passa a ser um comportamento socialmente aceitável e até mesmo encorajado nas mídias, quando estão envolvidas finalidades mercadológicas, isto é, quando se torna um produto, e o fofocado só tem a lucrar com essa exposição.

A esse respeito, há personalidades políticas que também se beneficiam de fofoca, como a família real britânica, cujas notícias rendem muito lucro para os tabloides ingleses. A título de exemplo, o nascimento e a escolha do nome de Charlotte Elizabeth Diana, filha do casal real William e Kate Middleton, ocupou o centro das atenções de grande parte das mídias mais recentemente.

No próximo item trataremos da fofoca midiática, a qual se materializa nos gêneros coluna social e notícia.

2.2 Intergenericidade na fofoca midiática: coluna social e notícias sobre os bastidores da política

Conforme anunciamos, o que há de novo no gênero fofoca é sua transmutação em gênero secundário, como é o caso, em nossa pesquisa, no discurso midiático. Com efeito, elementos como o tema, isto é, o universo de sentido da fofoca, são mantidos, mas, na medida em que o contexto de produção e circulação se altera – da conversa informal para as páginas do jornal, por exemplo –, os outros elementos do gênero, como o estilo e a construção composicional, também sofrem modificações substanciais.

Como consequência disso, a fofoca ganha uma nova roupagem, uma nomenclatura, como forma de elitizá-la, passando a destacar não mais *aquela que fala*, o promotor da fofoca, mas *aquela de quem se fala*, o alvo da fofoca, por exemplo, em “Gente” (portal Terra e IG), “Celebidades” (portal UOL), “Famosos”, nomenclatura que aparece no motor de buscas do Google para o termo “fofoca”, bem como em nomes de sites como “Ego” e “O fuxico”.

No intuito de fornecer uma melhor compreensão sobre esse fenômeno nas mídias de informação, consideramos que o gênero privilegiado da fofoca midiática é a coluna social.

Conhecida também como jornalismo do *High Society*, a coluna social tornou-se um gênero em evidência por seu poder de formar opinião pública e promover a imagem de celebridades, figuras políticas e pessoas da alta sociedade.

Silverstone (2002, p. 31) refere-se à prática da coluna social como um gênero cujos “significados privados são propagados publicamente e os públicos são oferecidos para o consumo privado”. As figuras públicas passam a fazer parte da vida privada, passando a ocupar espaço nas conversas e nas leituras diárias das pessoas.

Parte integrante do jornalismo opinativo, a coluna surge na imprensa norte-americana em meados do século XIX, quando os jornais assumem o caráter informativo. No Brasil, o colonismo inicia-se nos anos 1950, tendo como um de seus principais representantes Ibraim Sued, que publica um livro de memórias em que admite ter buscado a fórmula para o colonismo no jornalismo norte-americano, como explica Marques de Melo (1985) a seguir:

Autoproclamando-se “mestre do colonismo brasileiro”, Ibraim Sued confessa em seu livro de memórias que foi buscar a fórmula para essa atividade na imprensa norte-americana. Ele se diz influenciado por dois colonistas: Walter Wintchel e Elza Maxwell. Com Wintchel ele diz ter aprendido que “o campo do colonismo não se restringe apenas ao das bonecas e deslumbradas”, envolvendo “os principais setores de atividade de um país”. Com Maxwell ele compreendeu que “o lado ameno da vida não implica necessariamente em futilidades”. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 109)

Para Marques de Melo (1985), com base em estudos norte-americanos, há quatro tipos de colunas, a saber: Padrão, Miscelâneas, Mexericos e Bastidores da política. Das quatro colunas classificadas pelo autor, interessa-nos a coluna “Mexericos” e “Bastidores da política”.

A coluna “Mexericos”, corresponde à coluna social, conforme podemos conferir na citação abaixo:

...centralizada em pessoas, principalmente as figuras da alta sociedade, as personalidades famosas, ou mesmo nos casos dos pequenos jornais, às pessoas de destaque da comunidade. Divulga confidências, indiscrições, faz elogios, impõe sanções comportamentais. Inicialmente voltado para a *high society*, esse tipo de coluna subdivide-se depois por ramos de atividade: cinema, teatro, música, esporte, economia(...). (MARQUES DE MELO, 1985, p. 105)

Chama a atenção o fato de Marques de Melo (1985, p. 106) classificar à parte o que chama de *Coluna sobre os bastidores da política*, conceituando-a como uma variante da coluna de mexericos (coluna social), e que situa o leitor no mundo do poder, mostrando-o em sua intimidade.

A coluna social é um dos vários gêneros chamados de coluna dentro da diagramação de um jornal. No Brasil, por exemplo, os tipos de colunas mais comuns são: “coluna social, coluna política, coluna econômica, coluna policial, coluna esportiva, coluna de livros, coluna de cinema, coluna de televisão, coluna de música, etc.” (MARQUES DE MELO, p. 110, 1985). Trataremos da coluna social como uma coluna de mexericos (fofocas), a mesma que Marques de Melo (1985) conceitua como aquela “centrada em pessoas, principalmente as figuras de alta sociedade, as personalidades famosas, ou mesmo no caso de pequenos jornais, às pessoas de destaque na comunidade” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 106).

As colunas sociais “funcionam como um núcleo de poder” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 133), por seu caráter evoluído de propagar fofocas coletivas. De acordo com Gaiarsa (1978) “a fofoca coletiva começou a existir com os jornais que publicavam notícias sobre fatos, ideias e andanças de pessoas influentes e notáveis” (GAIARSA, 1978, p.93).

A coluna política também nos interessa, porque é considerada uma variante da coluna de mexericos (fofocas). Portanto, o corpus selecionado para esta pesquisa, pela classificação jornalística, é oriundo exclusivamente do jornalismo opinativo, cujo objetivo também é informar, como ocorre no jornalismo informativo, entretanto, esse termo “opinativo” significa ter a liberdade de expressar uma opinião, informar com subjetividade. Devido a essa subjetividade, a imprensa publica seus textos carregados de implícitos, com as mais variadas intenções.

Entretanto, durante a seleção do corpus, houve a necessidade de elaborar uma tabela de classificação dos gêneros selecionados para nossas análises. Isso porque pretendemos analisar as intenções explícitas e implícitas do corpus, além da ocorrência do processo de intergenericidade (CHAVES, 2010), que conforme analisaremos mais adiante, estão presentes nas publicações jornalísticas subjetivas.

É necessário, primeiramente, abordar a caracterização do colunismo brasileiro, o qual dá margem à ambiguidade, pois chama-se de coluna a toda seção fixa (MARQUES DE MELO, 1985, p. 104). A título de exemplo, os gêneros do jornalismo opinativo como Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta (MARQUES DE MELO, 1985, p. 48), correspondem, cada um, a uma seção pertencente ao jornalismo opinativo. Entretanto, há uma tendência de os jornais designarem o nome seção para as colunas social, coluna política, coluna econômica, coluna policial, coluna esportiva, coluna de livros, coluna de cinema, coluna de televisão, coluna de música, etc (Idem, p. 48). Dito de outro modo, usam o nome seção em vez de utilizar coluna.

De acordo com Marques de Melo (1985), historicamente, a coluna originou-se dentro da antiga diagramação vertical, em que as matérias eram organizadas de cima para baixo, ocupando nos dias de hoje o espaço disposto verticalmente, daí o termo seção para designar coluna.

A título de exemplo, no site Globo.com há o Jornal G1, que representa o jornalismo informativo, por meio dos gêneros discursivos: Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista, etc (MARQUES DE MELO, 1985). E no mesmo site, Globo.com, há o Jornal Extra, embora apresente as seções intituladas “Primeiro Caderno” e “Jogo Extra” como notícias do jornalismo informativo, as demais publicações são notícias oriundas de um jornalismo opinativo “Sessão Extra” e “Canal Extra”. Nas figuras a seguir, observa-se a disposição vertical das seções e colunas, ambas tratadas como “conteúdo do Extra”:

CONTEÚDO DO EXTRA

- ▶ **Primeiro Caderno**
Notícias do Rio, Brasil, Economia, Mundo e Saúde. Tudo que é importante sobre a sua cidade, o seu bolso e o seu bem-estar.
- ▶ **Jogo Extra**
A cobertura completa do seu time de futebol, dos jogos da rodada e da seleção. O melhor de todos os esportes, das lutas do UFC às provas de Fórmula Um.
- ▶ **Sessão Extra**
Os bastidores das novelas e dos programas de TV, os detalhes dos shows do seu cantor preferido e as estrelas nos cinemas. Nas sextas, o Diversão Extra é um guia para você programar o seu fim de semana.
- ▶ **Canal Extra**
Entrevistas e reportagens especiais com artistas, cantores e personalidades do momento.



Figura 2: Organização das seções de um jornal⁹

- ▶ **Toda Extra**
Beleza, moda, bem-estar e comportamento, numa revista com dicas rápidas e úteis para a mulher que trabalha, estuda, cuida da família e quer estar sempre bonita e bem informada.
- ▶ **Vida Ganha**
Notícias sobre empregos, concursos, oportunidades, pequenos negócios e qualificação profissional.
- ▶ **Motor Extra**
Tudo sobre carros e motos: os lançamentos, as curiosidades e os cuidados com o seu automóvel.
- ▶ **Bela Casa**
Reportagens sobre financiamento da casa própria, aluguel, construção, reformas e decoração.
- ▶ **Colunas**
Grandes furos na Retratos da Vida, sobre artistas e famosos, e na Extra, Extra, sobre o Rio e a política.

Figura 3: Organização das seções de um jornal

⁹ Figuras 2 e 3: <https://seguro.oglobo.com.br/assinatura-jornal-extra/conteudo.aspx> <acesso em 10/03/2016.

Na figura 3, acima, o termo “coluna” é encontrado como último (a) conteúdo/seção do jornal e corrobora com a classificação de Marques de Melo (1985), que chama de seção de Mexericos os temas que envolvem “confidências, indiscrições, faz elogios, impõe sanções comportamentais. Inicialmente voltado para a high society [...]” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 105). No exemplo acima o jornal informa o conteúdo que o leitor encontrará em “Colunas”, “Grandes furos na Retratos da vida¹⁰, sobre artistas e famosos, e na Extra, Extra, sobre o Rio e a política”. A política é um tema de muitas críticas e fatos polêmicos, e aparece em colunas porque é tratado com subjetividade, por ser composta de representantes que sempre são muito questionados durante seus mandatos, geralmente com críticas duras e sinceras de representantes do povo. Trata-se de críticas, opiniões, situações cômicas e vergonhosas divulgadas pela imprensa sobre os políticos em geral. Não coincidentemente, Marques de Melo (1985, p. 105) também classifica em Mexericos as colunas sobre os bastidores da política, conforme mencionado anteriormente.

Segundo a definição de Rabaça e Barbosa (1987, p. 143), a coluna social é uma “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”.

É o que ocorre, por exemplo, na notícia intitulada “Lula chora e Marina sorri”, no velório de Eduardo Campos, a qual compõe o corpus de análise desta pesquisa. Assim, para um assunto que deveria ser uma notícia do jornalismo informativo, com tratamento sério sobre o fato, o jornal preferiu adotar um perfil subjetivo e focar um tema que gera oportunidade de trabalhar o implícito, o não-dito, por isso o acompanhamento dos fatos no velório de Eduardo Campos é publicado em uma notícia sobre os bastidores da política, com tom pejorativo, demonstrado a partir do título da publicação, conforme veremos mais à frente.

O gênero secundário coluna social, derivado do gênero primário fofoca, predominantemente oral, cujo processo histórico-social foi fundamental para que aquele gênero (coluna social) fosse estabelecido, tem seu lugar dentro da classificação dos gêneros jornalísticos. Agrupando os gêneros discursivos em categorias, Marques de Melo (1985, p. 48) parte de Luiz Beltrão (1980) para elaborar sua própria classificação dos gêneros jornalísticos, organizados na tabela de Born (2010), conforme modelo reproduzida abaixo:

¹⁰ Coluna social do jornal Extra.globo.com. (Extra.globo.com - Retratos da vida)

Categorias	
A) Jornalismo informativo	B) Jornalismo opinativo
1. Nota, 2. Notícia, 3. Reportagem, 4. Entrevista	5. Editorial, 6. Comentário, 7. Artigo, 8. Resenha, 9. Coluna, 10. Crônica, 11. Caricatura, 12. Carta

Figura 4: Tabela sobre categorias de jornalismo, elaborada por Born (2010), com base em Marques de Melo (1985, p. 48)

Os gêneros que compõem nosso corpus, pela classificação jornalística (MARQUES DE MELO, 1985), corresponde ao gênero coluna (9), mais especificamente coluna social e coluna de bastidores da política, os quais são oriundos da categoria jornalismo opinativo. Não trataremos da notícia (2), oriunda do jornalismo informativo, embora as publicações do jornalismo opinativo também sejam chamadas de notícia.

No processo de transformação do gênero primário fofoca no gênero secundário coluna social, observa-se que as mudanças evocadas (estilo, construção composicional) estão diretamente relacionadas às novas condições de produção da fofoca, isto é, a cena englobante (MAINGUENEAU, 1997): não mais a conversa espontânea entre conhecidos (vizinhos, por exemplo), mas os textos plurissemióticos das mídias, que aliam escrita e imagem.

A esse respeito, é de fundamental importância (re)lembrar que, em uma perspectiva de análise do discurso, o lugar de onde se enuncia é determinante para a produção do(s) sentido(s). Desse modo, as ideias do teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (1999) são importantes para esclarecermos o processo de formação ideológica da imprensa.

Desde 1951, Stuart Hall, juntamente com Richard Hoggart e Raymond Williams, é uma das figuras fundadoras da escola de pensamento, conhecida como Estudos Culturais britânicos ou a escola Birmingham dos Estudos Culturais. Segundo o jamaicano, os jornalistas não são os responsáveis pela definição de acontecimentos noticiosos, porque ocupam uma "posição de subordinação estruturada aos primary definers" (HALL et alli, 1999, p. 230).

Partindo do princípio de que, se a notícia não for interessante, não haverá público leitor, a imprensa se preocupa com o que é interessante publicar ou não. A partir dessa perspectiva, busca-se a identificação das figuras políticas e artísticas, por exemplo, com maior capacidade para atrair a atenção do público leitor, definindo-se, desse modo, a agenda jornalística. Todavia, o que é levado em conta não é só o que está no campo da mídia. Segundo Rocha (2008), a agenda jornalística é definida também pelas:

[...] pressões e injunções exercidas nesse processo pelos controladores do capital investido nas empresas da área (donos dos veículos), pelos representantes da estrutura de poder do Estado e das organizações do mercado (inclusive os anunciantes) e pela própria sociedade através do público consumidor dos produtos midiáticos e dos cidadãos idealmente engajados num legítimo processo de constante atualização constitucional (auto-governo da sociedade) inerente ao Estado de direito democrático (ROCHA, 2008, p. 45)

Dessa forma, além de a imprensa ser subordinada aos temas que, no momento da montagem da agenda jornalística, encontram-se em evidência, ela também atende aos interesses dos donos dos veículos de comunicação, políticos, consumidores e categorias de classes dominantes, como os sindicatos.

Além das novas condições de produção, históricas e sociais, da fofoca no discurso jornalístico, tem-se, ainda, nesse processo de transformação de um gênero primário em um gênero secundário, uma mudança do contexto pragmático de enunciação da informação, considerando-se elementos como: locutor (mídias), interlocutor (leitor, espectador anônimos), lugar (veículos de comunicação), temporalidade/duração (publicação impressa diária ou online), suporte (impresso, digital), finalidades pragmáticas (informar, divulgar, atrair público, vender).

Em suma, a temática da vida alheia permanece, mas a forma de se fazer fofoca alterou-se, com todas as implicações dessa transmutação para os efeitos de sentido ocasionados, levando-se em conta fatores como o público (amplo), lucros, exaltação da celebridade, entre outros.

Essa análise não nos limita apenas a esta observação mais geral sobre o contexto de produção e circulação da fofoca em sua versão midiática. Mesmo que a fofoca conserve suas características primárias no gênero coluna social, observamos uma tendência relativamente recente, na mídia jornalística, para a transmutação do gênero coluna social no gênero notícia.

A notícia à qual se refere esta pesquisa, pela classificação de Marques de Melo (1985) seria inconcebível, já que o gênero denominado notícia existe apenas no jornalismo informativo, e é definida como “puro registro dos fatos, sem opinião” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2001, p. 88).

Ao analisar a evolução da notícia desde seus primórdios, concordamos que para ser notícia é necessário que a informação seja algo verdadeiro, um fato real acontecido. Pois, a notícia a qual nos referimos, é a “notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja” (PEUCER, 1690, apud SOUSA 2004, p. 5). O que muda em nosso conceito é a classificação. Para exemplificar, disponibilizamos a tabela a seguir:

Gênero Primário	Gênero Secundário	
Fofoca (Predominantemente oral)	Jornalismo Opinitivo (presença do implícito)	
	Fins mercadológicos: Construir uma imagem positiva para uma celebridade, empresa ou produto	Fins partidários: Construir imagem negativa ou positiva de personalidade política
	Coluna Social (notícia sobre celebridade)	Bastidores da política (notícia sobre política)

Figura 8: Esquema que ilustra a fofoca, gênero primário, germe fundador da coluna social e a notícia (elaborado pela autora)

A tabela apresenta a evolução da fofoca ao longo da história, dentro de certas condições de produção de consumo. De um lado, temos a fofoca como gênero primário, predominantemente oral, da qual originaram-se os gêneros secundários coluna social, classificado como notícia sobre celebridades, com fins mercadológicos, e bastidores da política, também notícia, com fins partidários. Tanto a coluna social quanto a notícia sobre bastidores da política têm a intenção de construir uma imagem conforme o objetivo que se deseja alcançar.

Esse caráter móvel dos gêneros corresponde a uma operação que Chaves (2010) designa “dialogismo intergenérico”, em sua tese sobre a co-presença de gêneros discursivos nos textos publicitários, o que pode ser melhor compreendido nesta citação:

Designamos *dialogismo intergenérico* o diálogo entre pelo menos dois gêneros – enunciante e enunciado – na espacialidade do texto publicitário. Trata-se de um tipo particular de dialogismo, em que diferentes *vozes*, nesse caso, *gêneros* e não propriamente unidades linguísticas isoladas, oriundas de esferas discursivas não coincidentes – o discurso publicitário e os outros discursos convocados (imprensa, política, esfera profissional, literatura, entre *outros*) – dividem o mesmo contexto enunciativo e se inserem na complicada trama semiótica do texto publicitário. (CHAVES, 2010, p.113)

Dialogando com a definição da autora¹¹, nossas análises sobre as colunas sociais publicadas em sites dedicados aos gêneros jornalísticos dialogam intergenericamente, em uma

¹¹ É verdade que Chaves (2010) trata do discurso publicitário, mas consideramos possível transpor suas reflexões sobre o dialogismo intergenérico para nossa pesquisa, sobretudo porque se trata de discussões pertinentes quando se tem por objeto de estudo os textos das mídias.

relação intra e interdiscursiva¹², com o gênero notícia, o qual se distingue por seu caráter positivamente avaliado na sociedade, julgado sério e confiável, ao passo que o gênero coluna social e coluna dos bastidores da política são mais voltados para temas de entretenimento, na espacialidade do texto jornalístico, sendo o segundo utilizado muitas vezes para esboçar críticas veladas aos políticos.

Gênero essencialmente informativo, a notícia é definida como “puro registro dos fatos, sem opinião” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2001, p. 88). Referindo-se à notícia, Peucer (1690, apud SOUSA 2004, p. 5) diz que “os jornais contêm a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja”. Dessa forma, observa-se que a notícia tem o compromisso com a verdade dos fatos, sem esboçar opinião. São notícias diárias, cujo objetivo se traduz em sua relevância para a sociedade, em âmbito local, nacional ou internacional. A notícia constitui o “relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 49), mas a coluna social também é uma notícia, haja vista que aborda fatos que eclodem no organismo social. O que, então, demarca esses gêneros?

Diferentemente da coluna social e da coluna dos bastidores da política, a notícia não possui um caráter pejorativo, na medida em que está entre os gêneros informativos dos veículos. O status de seriedade da notícia é o que permite aos veículos midiáticos lançar mão da intergenericidade, isto é, o cruzamento entre coluna social, coluna dos bastidores da política e notícia. Com efeito, as características básicas que definem esses gêneros têm relação com o modo de tratamento do fato: na notícia, o caráter sério está relacionado à necessidade de transmitir uma informação verificada; na coluna social, há um compromisso menor com a veracidade dos fatos. Já na coluna dos bastidores da política, há o compromisso com a verdade dos fatos, entretanto, busca-se o caráter informal no modo de se referir aos políticos.

Desse modo, mesmo a coluna social sendo um gênero opinativo, escrito e mais elaborado se comparado à fofoca oral da ideologia do cotidiano, seu status não é o mesmo da notícia. Com efeito, antes mesmo de ler/ouvir tal texto, a informação veiculada na coluna social sobre a vida alheia atinge o leitor-ouvinte de maneira mais suave e aceitável. Pois, ao ler um texto do gênero coluna social, o leitor adota um determinado comportamento de leitura, intimamente relacionado às características (tema, estilo, construção composicional) e às finalidades pragmáticas daquele gênero (informar, entreter). Pois, como explica Bakhtin:

¹² Conforme Maingueneau (1997, p. 112), “o intradiscurso opõe-se ao interdiscurso como as relações entre os constituintes do discurso opõem-se às relações desse discurso com outros. (...) o intradiscurso é atravessado pelo interdiscurso”.

...aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo de fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 2000, p. 302)

É considerando a diferença de aceitabilidade social, associada ao prazer de fofocar, que a imprensa se apropria da fofoca em seu sentido primário, como pano de fundo para aproximar o leitor de um determinado produto ou celebridade, por exemplo. E, ainda, sob o rótulo “notícia”, logra fazer “fofoca” sem ser julgada subjetiva ou parcial. Dessa forma, a fofoca passa a ser utilizada como chamariz em propagandas de produtos de segmentos variados, servindo de alavanca para a carreira de celebridades no gênero coluna social.

Para finalizar este capítulo, julgamos necessário expor brevemente alguns exemplos de representação da fofoca na imprensa, em especial na coluna social, considerando esta última como o estágio intermediário entre a fofoca oral, de caráter primário, com finalidades de promoção ou difamação a certa conduta individual, e a fofoca na notícia, que tem efeitos mais consequentes na sociedade (política, economia, etc.).

Pode-se dizer que, a partir do momento em que alguém se torna celebridade, está sujeito a ter suas atitudes e condutas socialmente avaliadas, com reflexos para a vida profissional e pessoal. Consciente do poder de atração de temáticas desse tipo, a imprensa tira proveito dos fatos vividos pelos famosos, para fins mercadológicos. A seguir, veremos uma publicação sobre uma polêmica de separação entre artistas famosos, em que essas questões emergem.

CAUÃ REYMOND É CORTADO DE COMERCIAL, E GRAZI MASSAFERA GRAVA SOZINHA APÓS POLÊMICA SOBRE SEPARAÇÃO



Figura 5: Cauã Reymond e Grazi Massafera em comercial da Belvita

Cauã Reymond é cortado de comercial, e Grazi Massafera grava sozinha após polêmica sobre separação¹³

Cauã Reymond e Grazi Massafera não vão mais formar um casal de “propaganda de margarina” na TV. Os dois gravaram juntos o primeiro comercial da segunda campanha, após polêmica sobre a separação do casal. Na semana passada, Grazi gravou sozinha em São Paulo. Os atores filmaram juntos a primeira campanha do produto em maio deste ano. No comercial, eles aparecem sorridentes sentados em uma mesa de café da manhã.

Procurada pela “Retratos da Vida” na tarde desta quinta-feira, a assessoria de imprensa da marca confirmou que Grazi continua contratada até março de 2014, mas não deu informações sobre o contrato de Cauã. Já na manhã desta sexta-feira, assessoria enviou um comunicado à coluna informando que Cauã segue com o comercial com a Grazi. Por que será?

Enquanto isso, o ator segue fazendo seus trabalhos sozinho. Nesta quinta-feira, Cauã usou o seu perfil no Facebook para divulgar uma foto dos bastidores de uma nova campanha. “Momentos de descanso no set. Gravação de uma nova campanha...” escreveu.

¹³ <http://extra.globo.com/famosos/caua-reymond-cortado-de-comercial-grazi-massafera-grava-sozinha-apos-polemica-sobre-separacao-11050381.html>< publicação de 12/12/2013>. Acesso em 27/12/2015.



Figura 6: Fotografia de Cauã Reymond em momento de descanso no set de gravação

Conforme nossa hipótese, nas colunas sociais, as informações veiculadas são utilizadas para atrair leitores, seja para difamar certa personalidade, expondo seus pontos fracos, seja para fazer sua promoção. Nesse caso, o efeito resulta em alavancar a popularidade e a carreira do artista. É o que se pode notar por essa publicação, cuja compreensão necessita de uma contextualização.

Os atores globais Cauã Reymond e Grazi Massafera tiveram uma filha, fruto de um casamento que se rompeu por suspeita de traição por parte de Cauã com uma terceira celebridade, Isis Valverde. Esse acontecimento, que deveria se restringir ao foro íntimo do casal, rompeu a barreira da privacidade por meio das mídias de informação, especialmente por meio das colunas sociais de jornais veiculados em suporte digital.

Toda essa exposição do casal também gerou desconforto na vida profissional dos famosos, pois, como se vê pela publicação, o ator foi “cortado” do comercial, ou seja, perdeu uma oportunidade de trabalho. Com efeito, de acordo com a publicação Cauã Reymond teve um provável prejuízo financeiro ao deixar de participar das gravações para o comercial da marca de biscoitos Belvita.

Entretanto, nota-se que o jornalista constrói um ethos favorável ao ator, a partir do momento em que opta por finalizar o texto mencionando que Cauã “segue fazendo seus trabalhos sozinho”, aparentemente sem contrariedades, o que também se nota pela fotografia

em que aparece sorrindo, descontraído, ao lado de seu material de trabalho (livro e computador).

A respeito da repercussão da separação do casal, é interessante notar que esta notícia “dialoga” com outras. A atriz Isis Valverde¹⁴, após escândalo de suposto envolvimento com Cauã Reymond enquanto este esteve casado com Grazi Massafera, foi assim representada por esta publicação:



Isis Valverde

A atriz foi acusada de ser o pivô do fim do casamento de conto de fadas entre **Cauã Reymond e Grazi Massafera**. Segundo rumores, a famosa teria tido um caso com o ator durante as gravações do seriado “Amores Roubados”. Ela sempre negou envolvimento com o galã, mas ainda carrega a fama de “destruidora de lares”.

Figura 7: Isis Valverde como pivô de suposto envolvimento com Cauã Reymond

Observa-se, assim, que, talvez mais do que informar um fato sobre a vida pessoal de celebridades, a coluna social, pertencente à formação ideológica da imprensa, delibera sobre o comportamento de personalidades famosas, o que, por um processo implícito, passa a ser avaliado como uma conduta a não ser seguida, logo, socialmente condenável. Na publicação anterior, a atriz Isis Valverde é discursivizada como “destruidora de lares”, e Cauã, um traidor insensível, que segue trabalhando sem grandes contrariedades¹⁵.

Mas o resultado disso é que os atores ficaram ainda mais populares, pois, embora muitos não aprovelem publicações desse tipo, o fato é que elas são muito acessadas, o que atrai

¹⁴ <http://www.bolsademulher.com/celebridades/11018/famosos-destruidores-de-lares>. Acesso em 10/12/2015.

¹⁵ É interessante notar, nesta representação da mulher “destruidora de lares”, e do homem sedutor e infiel, a formação ideológica do discurso sexista/machista.

o interesse das marcas, logo, da indústria de propaganda, que, por sua vez, atrai ainda mais consumidores para o produto anunciado. Assim todos ganham.

Após esse apanhado sobre a fofoca e sua transmutação na mídia, o próximo capítulo é dedicado a aprofundar nossas reflexões sobre a esfera social e ideológica do discurso midiático (jornalístico em particular), abordando, a partir de Charaudeau (2006), a noção de contrato comunicacional ou contrato informativo midiático, que representa a situação de troca no surgimento do discurso. Trataremos, em seguida, da formação discursiva do discurso midiático de informação, abordando, especialmente, a relação entre imagem e texto. Para tanto, buscamos subsídios em Barthes (1990) em seus escritos sobre a fotografia e sua relação de conotação e denotação. Finalmente, passamos às análises.

CAPÍTULO 3

A INFORMAÇÃO MUDIÁTICA PELA ÓTICA DO DISCURSO

Para dar início ao tema que nomeia este capítulo, é pertinente retomarmos a ideia de Bakhtin, referida anteriormente neste trabalho, sobre a relação entre pensamento (atividade mental) e linguagem (expressão ou enunciação), em que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, *é a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p.116, grifos do original).

A esse respeito, os estudos Wittgenstein (1968) dialogam com a perspectiva do Círculo de Bakhtin, quando o filósofo austríaco afirma que o pensamento e a linguagem estão diretamente ligados, tendo o primeiro a materialização possível somente com o desenvolvimento da segunda, cujo “limite será, pois, traçado unicamente no interior da língua; tudo que fica além dele (do pensamento) será simplesmente absurdo” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 53).

Ainda acerca da ligação indissolúvel entre pensamento e linguagem, Wittgenstein diz que “o mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 53). Esta afirmação está ligada à ideia de que as coisas somente adquirem significado na/por meio da linguagem, e que, sem ela, as coisas se reduzem a simples coisas. Ainda no mesmo autor, encontramos a seguinte afirmação: “os fatos no espaço lógico são o mundo” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 55), o que nos leva à compreensão de que é a partir da linguagem que o mundo significa para um indivíduo. Ou seja, o mundo significa até onde há linguagem, fato esse que fortalece a ideia de que, quanto maior o conhecimento linguístico, maior a visão de mundo que cada um de nós pode adquirir.

As ideias de Wittgenstein, juntamente com as de Bakhtin, sobre a origem do pensamento por meio da linguagem, introduzem o que pretendemos discutir neste capítulo. Para compreender essa questão, imaginemos um brasileiro morando em uma ilha deserta sem contato com pessoas ou qualquer tipo de informação, e cuja última interação social tenha ocorrido na época da ditadura militar¹⁶ (1964-1985). Esse período ficou marcado, no Brasil,

¹⁶O Golpe Militar de 1964 marca uma série de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, e que culminaram em um golpe de estado no dia 1 de abril de 1964. Esse golpe pôs fim ao governo do presidente João Goulart, também conhecido como *Jango*, que havia sido de forma democrática, eleito vice-presidente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Imediatamente após a tomada de poder pelos militares, foi estabelecido o AI-1. Com 11 artigos, o mesmo dava ao governo militar o poder de modificar a constituição, anular mandatos legislativos, interromper direitos políticos por 10 anos e demitir, colocar em disponibilidade ou aposentar compulsoriamente qualquer pessoa que fosse contra a segurança do país, o regime democrático e a probidade da

pela forte censura acerca do que se podia ou não publicar em jornais, enfim, na imprensa em geral, inclusive sobre o que se dizia nos teatro, rádio e televisão. Para esse brasileiro, seria um tanto quanto chocante tomar conhecimento sobre o beijo entre homossexuais nas telenovelas, ou saber que um colunista se expressa livremente sobre os bastidores da política, sem ser preso. Esse choque ao qual é referida a situação ilustrada ocorreria simplesmente porque o meio social em que esse brasileiro vive modificou-se, evoluiu em diversos aspectos. E o pensamento do ilhado permaneceu no estado em que deixou o convívio social.

De forma semelhante acontece quando nos dedicamos a estudar mais sobre qualquer assunto: ocorre uma gradativa evolução do conhecimento. Quanto maior é a interação com o meio social em que desejamos desenvolver conhecimento, maior será o nível de aprendizagem. Transpondo essa ideia para a realidade do público leitor, pode-se dizer que, quanto maior o grau de instrução do leitor, maior será sua compreensão e seu senso crítico sobre o que lê, ouve ou assiste.

Na obra *O discurso midiático*, Charaudeau (2006, p.15) fornece elementos de compreensão sobre como o discurso das mídias de informação age para obter a adesão do público leitor.

Inicialmente, o autor desmistifica a ideia de que a imprensa ocupa o lugar de quarto poder, ao lado da justiça, do exército e da igreja. Charaudeau define informação e comunicação como noções que remetem ao que considera como fenômenos sociais, sendo as mídias um suporte organizacional que se apossa da informação e da comunicação para integrá-las em suas diversas lógicas. Para o autor, tais lógicas estão relacionadas a fatores econômicos, tecnológicos e simbólicos. Econômicos porque vendem produtos, tecnológicos porque a tecnologia faz com que a informação alcance mais e melhor seus receptores, e simbólicos porque a informação serve à democracia cidadã.

Sabendo-se que “os meios discursivos empregados devem tender a provar a autenticidade ou a verossimilhança dos fatos, e o valor das explicações dadas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 55), poderíamos nos perguntar o porquê de tal preocupação, haja vista o compromisso da mídia com a verdade dos fatos.

Podemos dizer, assim, que o gênero notícia informa um fato, ou ainda, como dissemos em outro momento, a notícia é “puro registro dos fatos, sem opinião” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2001, p.88).

Se “informar é transmitir um saber a quem não o possui, pode-se dizer que a informação é tanto mais forte quanto maior é o grau de ignorância, por parte do alvo, a respeito do saber que lhe é transmitido” (CHARAUDEAU, 2006, p. 18). Nessa perspectiva, é possível compreender os reais motivos pelos quais as mídias recorrem à mescla do gênero coluna social com as notícias de bastidores da política. Isso se explica, fundamentalmente, pela grande concorrência para atrair o público leitor. Imaginar que a ignorância do fato é uma expectativa de toda a mídia, ter de esperar um furo de reportagem para se atingir o receptor é uma tarefa um tanto árdua, pois é muito difícil alcançar o leitor antes de qualquer outra mídia, ser o primeiro a informar e informar o que se deseja realmente saber. Outra observação é a imprensa informar o tempo todo fatos políticos sobre decisões econômicas, sanções de leis a uma população que se interessa mais por entretenimento do que por assuntos políticos.

A imprensa não quer perder tempo, porque tempo é dinheiro. A imprensa, que é o retrato do gosto popular, irá se esforçar em agradar seu público de forma estratégica. E nesse sentido, é possível compreender por que a imprensa, sobretudo as mídias eletrônicas, optam pela mescla de gêneros, que servem para informar e entreter ao mesmo tempo.

A transmutação da coluna social em uma notícia, portanto, é uma estratégia mercadológica que tem como alvo o público característico da sociedade de massa, facilmente seduzido pelas notícias sensacionalistas.

Além disso, observa-se, atualmente, na mídias de um modo geral (imprensa, publicidade, redes sociais, artes plásticas, cinema), uma tendência para a “fluidez das falas contemporâneas” (CHAVES, 2010, p. 336). Típica da era globalizada, com especial destaque para o advento da Internet, a desestabilização das fronteiras dos gêneros é um reflexo da pós-modernidade, sob o signo da sociedade de consumo. Nessa citação, Chaves (2010) explica em maiores detalhes essa mudança de paradigma:

Ao passo que, no início do século XX, o modernismo mobilizava as massas em torno de um ideal comum, na sociedade pós-moderna, a massificação das ações cotidianas e a “digitalização do social”, dão origem a um sujeito hedonista, ávido de consumo e lazer. A atitude individualista, frívola e desencantada do homem pós-moderno explica-se pelo “choque entre a racionalidade produtiva e os valores morais e sociais” (SANTOS, 2008, p. 73), em um mundo que produziu bombas atômicas, desastres ecológicos e neuroses urbanas. Entra em cena a geração do *mass media*, na qual sujeitos despolitizados e dessubstancializados e, ainda, movidos por valores difusos encontram na espetacularização do cotidiano a principal válvula de escape para o sistema. (CHAVES, 2010, p. 122)

Com efeito, na perspectiva da AD, o sujeito é concebido como relativamente assujeitado e é nesse sentido que o locutor (sujeito enunciador) do discurso midiático

(jornalista) é ele também um sujeito submetido aos sentidos atualizados por sua formação social e ideológica. E seu texto, por exemplo, sua notícia, reflete tais posicionamentos sobre o acontecimento (fato), logo, a visão do jornalista sobre o acontecimento não é neutra, na medida em que, conforme Orlandi (2000):

[...] o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua [...] o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2000, p. 32)

O sujeito-jornalista não relata o fato sob uma perspectiva neutra, imparcial, mas isso nem sempre ocorre conscientemente. Conforme dissemos anteriormente a respeito da teoria do discurso, ocorrem dois tipos de esquecimentos: o esquecimento nº. 1, no qual “temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2000, p. 35); e o esquecimento nº. 2, aquele da ordem da enunciação, que “trabalha o desejo/possibilidade de a subjetividade controlar o sentido do discurso” (CAVALCANTE, 1997, p.138), e que podemos dizer que é bem característico da linguagem midiática.

Para Charaudeau (2006), todo ato de linguagem se concretiza dentro de um tipo específico de relação contratual, que se estabelece pelo reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca discursiva. Nesse processo, os sujeitos estão cientes tanto dos aspectos ligados ao plano comunicacional, quanto aos do plano discursivo.

Para sustentar sua tese sobre o ponto de vista ingênuo a respeito da informação, Charaudeau (2006) atribui ao discurso, conforme o contexto de sua produção, a responsabilidade pelos efeitos de sentido, contrariando, assim, a visão de Saussure sobre os fatos de língua, em particular a fala. Segundo Charaudeau, a informação é um fenômeno humano e social que depende, principalmente, da linguagem. Dessa forma, o autor traduz empiricamente a informação como a transmissão de um saber, que é realizada na/por meio da linguagem, por alguém que detém tal saber e o transmite a alguém que, supostamente, não o possui.

Para Charaudeau (2006), é dessa forma que se produz um ato de transmissão responsável por fazer um indivíduo passar do estado da ignorância para um estado do saber. O autor também esclarece que, partindo dessa definição, teríamos uma boa ação realizada por alguém, conforme se pode observar por essa citação:

Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido, e isso graças à ação, *a priori* benévola, de alguém que, por essa razão, poderia ser considerado um benfeitor. (CHARAUDEAU, 2006, p. 33)

Todavia, o estudioso esclarece que essa definição é limitada, pois suscita problemas consideráveis, como quem seria o benfeitor, os motivos de sua informação, a natureza e a origem da informação, e ainda, considera questionável saber para quem a informação é transmitida e qual a relação entre quem informa e quem é informado.

Todas essas considerações nos reportam à questão do discurso, conseqüentemente, ao objeto de nossa pesquisa, pois, assim como Charaudeau (2006), também compreendemos a informação como uma ação *a priori* bem intencionada, já que deixar alguém bem informado é uma ação benéfica. E também compreendemos que o ato de informar deve ser avaliado como positivo ou negativo conforme as intenções do informante e quem terá acesso a essas informações. Por tudo isso, Charaudeau (2006) dialoga com nossa pesquisa, que igualmente considera o discurso como responsável pelos efeitos de sentido dentro de um contexto específico de relações humanas. Sendo assim, considerar as intenções mercadológicas é questão primordial para compreensão de fatos ocorridos na sociedade que são frequentemente publicados em notícias e colunas sociais.

Ao falar em linguagem, Charaudeau (2006) não se refere exatamente à língua-sistema, concebida por Saussure (1995), tampouco à concepção de linguagem de Bakhtin/Volochínov (2009), aquela que é determinada pelas condições reais em que foi produzida, ou seja, considerando a situação social imediata da enunciação. Charaudeau (2006) se inscreve em uma perspectiva contemporânea da análise do discurso, que considera a linguagem enquanto ato de discurso, “que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2006, p.33).

O que o autor considera como um ponto de vista ingênuo a respeito da informação diz respeito ao modelo de comunicação social, ou ainda, o circuito da informação, tal como celebrizado nas teorias da comunicação, com forte contribuição de Jakobson sobre as funções da linguagem. Esse modelo tradicional, segundo Charaudeau (2006, p.35), é formado por uma fonte de informação, uma instância de transmissão e um receptor. Isso pode ser mais bem compreendido pela citação a seguir:

A fonte de informação é definida como um lugar no qual haveria certa quantidade de informações, sem que seja levantado o problema de saber qual é a sua natureza, nem qual é a unidade de medida de sua quantidade. O *receptor* é considerado implicitamente capaz de registrar e decodificar “naturalmente” a informação que lhe é transmitida, sem que seja levantado o problema da interpretação, nem o do efeito produzido sobre o receptor [...]. (CHARAUDEAU, 2006, p. 35)

Entre a fonte de informação e o receptor, aparece a instância de transmissão, definida como “uma instância de *transmissão* (um mediador individual ou um sistema intermediário) encarregada de fazer circular um certo saber da fonte ao receptor” (CHARAUDEAU, 2006, p. 35). Configura-se, dessa forma, um modelo homogêneo da comunicação, considerado ingênuo por eliminar todo efeito da intersubjetividade constitutiva das trocas verbais humanas. A intersubjetividade referida por Charaudeau diz respeito às interferências que podem surgir, por exemplo, durante a coleta de informações na fonte. E como processo de averiguação das informações da fonte, no próximo item refletiremos sobre alguns questionamentos que podem ser realizados durante esse processo.

Para cada uma das três instâncias (fonte, transmissor e receptor) desse circuito fechado de comunicação, Charaudeau apresenta um problema. O problema existente na fonte de informação seria o acesso a ela, que teria como solução “a sofisticação dos meios para que se possa buscar, o mais rapidamente possível, a informação onde ela esteja” (CHARAUDEAU, 2006, p. 35). Em oposição a essa sofisticação pela busca de informações, o autor evoca a censura à fonte. No caso do receptor, aquele que recebe a informação, surge a questão da difusão da informação, que, uma vez impedida, provoca a censura à difusão. Enfim, o problema existente na instância de transmissão estaria relacionado ao tratamento da informação. Tal tratamento implicaria “efetuar um tratamento que não a desvirtuasse, que assegurasse a maior transparência entre a informação que se apresenta como um ‘estar aí’ e a instância de recepção que deve decodificá-la tal e qual” (CHARAUDEAU, 2006, p. 36).

O ingênuo ponto de vista a respeito da informação que acabamos de apresentar, baseando-nos nas ideias de Charaudeau (2006), é passível de considerações, pois quando não há uma preocupação com questões que interferem no processo dessas três instâncias, não se observa um ponto que tanto questionamos quando uma informação chega ao seu interlocutor, a saber, o leitor, cuja leitura certamente será homogênea e passível de interferências, que são oriundas de seu processo de assujeitamento ao longo dos anos.

A seguir, abordamos o processo de informação, considerando-o, a partir de Charaudeau (2006), como heterogêneo e exposto à subjetividade, e não homogêneo e estável, como no modelo tradicional.

3.1 A heterogeneidade e a subjetividade do processo de informação

Apresentamos, anteriormente, a crítica de Charaudeau ao modelo tradicional de transmissão e recepção da informação, ou seja, homogêneo e imune às interferências externas. Como pontua o autor, essa homogeneidade é quebrada no momento em que se observa que a informação é pura enunciação.

Para o autor francês (2006, p. 36), a informação não existe em si, não é exterior ao ser humano, pois não pode ser percebida do mesmo modo como percebemos (vemos, ouvimos) uma árvore, a chuva, o sol. A informação, na verdade é pura enunciação, ou seja, é sempre transmitida/emanada de um locutor para um destinatário. Além disso, ela ocupa a função de construtora de saber, sendo esse saber dependente do campo de conhecimentos que o envolve, bem como de sua situação de enunciação.

Em suas considerações, Charaudeau (2006) apresenta o que chama de verdadeiros problemas suscitados pelo fato de informar. O primeiro fator a ser considerado é com relação à fonte, que levanta questões como a validade e a seleção da informação. Sobre a validade, o autor recomenda considerar uma série de indagações, a saber:

[...] o que é autenticidade de um fato? O que é a verossimilhança de um fato? Qual é a sua “pertinência” enquanto fato de informação? Tais indagações correspondem a questões que o receptor poderia formular: “será que isso existe?” (é *existencialmente* verdadeiro?); “será que isso é possível?” (é *possivelmente* verdadeiro?); “será que isso precisa ser comunicado? (será *pertinente*?). (CHARAUDEAU, 2006, p. 37, grifos do original)

O segundo problema levantado pelo autor, a respeito da fonte, é sua seleção, que acontece num conjunto de fatos cuja descrição é assim apresentada:

Há uma segunda questão que se coloca a respeito da fonte; trata-se da *seleção* da informação, que se opera num conjunto de fatos que parecem impossíveis de transmitir em sua totalidade. Em que campo de significação social deve efetuar-se a seleção e, no interior desse campo, com que critérios de importância ou de prioridade? Em função de que são definidos esses critérios? Dos interesses do mediador? Dos interesses do alvo? E então, afinal, há ou não garantias contra a subjetividade, ou contra a possível manipulação do mediador? (CHARAUDEAU, 2006, p. 37).

As indagações de Charaudeau fazem-nos refletir sobre as informações veiculadas em uma coluna social. Na medida em que, frequentemente, elas tratam de temas voltados para a vida e os hábitos das pessoas famosas, caberia um questionamento sobre a relevância de tais temas. Nesse sentido, a própria seleção da informação, em uma coluna social, revelaria uma maior dose de subjetividade¹⁷ por parte do transmissor, um fato que coloca em questão a finalidade mercadológica desse gênero discursivo.

Uma informação irrelevante publicada em coluna social pode ser exemplificada na publicação “Grazi Massafera leva Sofia ao parquinho¹⁸”, em que se noticia um fato trivial da atriz global Grazi Massafera. Esse tipo de informação divulga ainda mais a imagem da celebridade, e fomenta a indústria dos famosos que, por sua vez, vende muito, porque as pessoas são curiosas a respeito da vida alheia. Nesse sentido, não informa nada relevante, nenhum fato digno de ser reportado, revelando, dessa forma, a subjetividade do fato noticiado.

O gênero notícia também envolve questões relativas ao interesse do leitor. Tal interesse é de suma importância, é o que realmente fará com que a notícia seja lida, e encontra suas causas profundas nos valores culturais vigentes, sobretudo nos interesses mercadológicos intimamente associados às mídias na época atual. Sob essa ótica, publicações cuja relevância seria, de outro modo, contestada, passam a se tornar “compreensíveis” e socialmente bem avaliadas.

Por esse motivo, arriscamo-nos a dizer que, na cultura de massas, a publicação de colunas sociais se torna relevante, ainda mais se considerarmos a tese do assujeitamento dos indivíduos. Para compreender a tese do assujeitamento, considere-se a forma-sujeito histórica (ORLANDI, 2013). Segundo Orlandi (2013, p. 50), o sujeito da atualidade é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso, que pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua. É o que diz a seguinte citação:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2013, p. 50)

Segundo Orlandi (2013), a ideologia é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos: “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2013, p. 46). A título de exemplo, na atual sociedade, uma figura pública cuja

¹⁷ A objetividade absoluta não existe. As mídias sempre escolhem o que tornar visível.

¹⁸ <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/04/grazi-masafera-leva-sofia-ao-parquinho.html>. Acesso em 20/08/2015.

profissão seja artística ou política recebe o título de pessoa honesta e digna de confiança e de ser representante de seus seguidores, quando apresenta o ethos prévio de um sujeito familiar, de boa aparência física, com atitudes aprovadas pelo público, pois tais questões se confundem com o ethos profissional, que passará pelo julgamento de seus seguidores. Sendo assim, aquele que pretende ter seguidores, fãs ou eleitores, deve se assujeitar às condições do meio em relação a sua figura idealizada pela sociedade. E nenhum lugar seria tão apropriado para divulgar esse ethos público como a coluna social.

Portanto, podemos dizer que há uma relação mútua, um contrato (CHARAUDEAU, 2006) estabelecido entre a coluna social e os interesses do público-leitor. De um lado, há um público sedento por notícias sobre a vida pessoal das celebridades e políticos, por serem pessoas públicas e atraírem a curiosidade e julgamento das pessoas em geral. Por outro lado, há uma imprensa, ou qualquer outro veículo midiático, preocupado com o faturamento diário das colunas sociais, e por isso publicam o que é de fato lido pela maioria da população, sem considerar se é um fato relevante ou não para a formação intelectual do leitor.

No próximo item, trataremos da relação entre o texto e a imagem no discurso midiático, com base nos escritos de Roland Barthes (1990). Esses apontamentos são importantes para estabelecer algumas categorias de descrição do corpus, e também porque a fofoca, transmutada em coluna social e em notícia, adquire uma nova roupagem, com forte apelo à imagem, o que também contribui para a construção do ethos discursivo.

3.2 A relação imbricada entre texto e imagem pela ótica de Barthes

A relação entre linguagem verbal (texto) e não-verbal (imagem) é praticamente indissociável no discurso das mídias, com especial destaque para o jornalismo. Essa relação dispõe de um controle linguístico, e possibilita uma gama de conotações, isto é, de implícitos que auxiliam na produção e circulação do sentido (BARTHES, 1990).

A co-presença desses dois sistemas semióticos é de especial relevância para nossa pesquisa, uma vez que, como veremos, as notícias de política, transmutadas da coluna social, no procedimento dito de dialogismo intergenérico (CHAVES, 2010), dela fazem um uso abundante. Partindo da ideia de que a imagem torna a notícia mais atrativa para o leitor, buscaremos mostrar que, na realidade, sua relação com o texto é fundamental para a construção do sentido.

Para o semiólogo francês Roland Barthes (1990), a fotografia jornalística é uma mensagem que comporta três elementos: uma fonte emissora (a redação do jornal), um canal

de transmissão (o próprio jornal) e o meio receptor (representado pelo leitor). O autor destaca que a fotografia é situada no centro de importância em um jornal, e chama de complementos todo o resto, a saber, o texto, o título, a legenda, a diagramação e até mesmo o nome do veículo¹⁹.

É interessante notar que, para Barthes, a fotografia, além de um produto ou meio, é também um objeto, dotado de autonomia estrutural, ao passo que a emissão e a recepção da mensagem são de ordem sociológica, pois estudam grupos humanos, definem motivos e atitudes e tentam relacionar o comportamento destes grupos à sociedade de que fazem parte. A fotografia jornalística, segundo ele, não pretende separar este objeto de sua finalidade, mas se faz necessário prever um método particular, sem que a fotografia tenha uma estrutura isolada, identificando-se ao menos com o texto, mais especificamente, o título, a legenda ou artigo. Ou seja, é importante associar a fotografia ao texto, pois um é complemento do outro.

Essa identificação a que Barthes se refere nos remete aos gêneros de nossa pesquisa, pois, durante as análises, observamos que, em todos os exemplos, a fotografia aparece como parte integrante da notícia, acompanhada de uma legenda demarcando o fato. Barthes assim define, então, linguagem verbal e linguagem não-verbal, sendo que a imagem se materializa na segunda:

A totalidade da informação está, pois, apoiada em duas estruturas diferentes (uma das quais linguística); essas duas estruturas são concorrentes, mas, tendo unidade heterogêneas, não se podem confundir; no texto a substância da mensagem é constituída por palavras; na fotografia por linhas, superfícies, matizes. (BARTHES, 1990, p. 12)

Para Barthes, a própria cena, o literalmente real é o que a fotografia transmite, mas, do objeto à imagem há uma redução de proporção, de perspectiva e de cor. Reitera o autor que não se trata de uma transformação, conforme citação a seguir:

No entanto, essa redução não é, em momento algum, uma *transformação* (no sentido matemático do termo); para passar do real à sua fotografia, não é absolutamente necessário dividir este real em unidades e transformar essas unidades em signos substancialmente diferentes do objeto cuja leitura propõem; entre esse objeto e sua imagem não é absolutamente necessário interpor um *relais*, isto é, um código; é bem verdade que a imagem não é o real, mas é, pelo menos, o seu *analogon* perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia. (BARTHES, 1990, p. 12, grifos do original)

¹⁹A respeito do nome do jornal, Barthes destaca que há juízo de valor dependendo do jornal em que a fotografia for publicada: “este nome constituindo um saber que pode exercer grande influência sobre a leitura da mensagem propriamente dita: uma fotografia pode ter sentidos diferentes se publicada no L’Aurore ou no L’Humanité” (BARTHES, 1990, p. 11).

Assim sendo, a fotografia é definida como um signo que transmite literalmente o real, além de ser “uma mensagem sem código, uma mensagem contínua” (idem, p. 13). Barthes diz que há, ainda, outras mensagens sem código, a que ele denomina mensagens análogas da realidade, a saber, desenhos, pinturas, cinema, teatro. Essas mensagens possuem, por sua vez, uma mensagem conotada e uma mensagem denotada, e explica que:

Em suma, todas essas “artes” imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem denotada que é o próprio *analogon* e uma mensagem conotada que é a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma certa medida, o que ele (seu criador) pensa.[...] o código do sistema conotado é provavelmente constituído, seja por uma simbologia universal, seja por uma retórica de época, em suma, por uma reserva de estereótipos (esquemas, cores, grafismos, gestos, expressões, agrupamentos de elementos). (BARTHES, 1990, p. 13)

A respeito da conotação da imagem, Barthes aí inclui a fotografia jornalística, o que explica a seguir:

Ora, esse estatuto puramente “denotante” da fotografia, a perfeição e a plenitude de sua analogia, isto é, sua “objetividade”, tudo isso corre o risco de ser mítico (são as características que o senso comum atribui à fotografia): pois há, de fato, uma grande probabilidade (e isto será uma hipótese de trabalho) de que a mensagem fotográfica (pelo menos a mensagem jornalística) seja, ela também, conotada. (BARTHES, 1990, p. 14)

Esses apontamentos sobre a conotação da fotografia jornalística interessam nosso trabalho, na medida em que ela aparece rotineiramente nas publicações da atualidade, pois acreditamos que a cultura da conjuntura em que a publicação se materializa tem direta influência do meio, pois, retomando uma tese da AD, o jornalista, enquanto sujeito assujeitado, entra em uma posição ambígua, de contradição, em que pode tudo dizer, com a condição de se submeter à língua (ORLANDI, 2013, p. 50).

Barthes revela, em seus escritos, sua concepção estruturalista da linguagem, quando afirma que o público leitor recorre a uma reserva tradicional de signos (BARTHES, 1990, p. 14); que todo signo pressupõe um código, e que esse código é conotado. Nesse sentido, vai além de Saussure, ao propor que o leitor “lê” a fotografia sincronicamente, adotando o comportamento de um sujeito inserido em uma determinada cultura, em um determinado tempo, e de forma inconsciente se apropria da mensagem de acordo com o contexto. O que faz com que o autor chegue à conclusão de que o paradoxo fotográfico consistiria, então, na coexistência de duas mensagens: uma sem código (seria o análogo fotográfico) e a outra

codificada (o que seria a “arte” ou o tratamento, ou a “escritura”, ou a retórica da fotografia) (idem, p. 14).

A leitura da imagem, para Barthes, consiste, então, em decodificação. Uma operação complicada, quando se pensa que o leitor deve decifrar um código não-verbal que será lido por um sujeito que tem armazenado em seu cérebro códigos verbais e também não-verbais, os quais serão ativados concomitantemente no ato de leitura da imagem. Essa operação acontece em frações de segundos, sendo todos os fatores envolvidos, imbricados e simultâneos.

O que Barthes (1990, p. 15) define como conotação é “a imposição de um sentido segundo à mensagem fotográfica” propriamente dita. A conotação se elabora nos níveis de produção, como na própria escolha da foto, no processamento técnico, enquadramento e diagramação. O autor menciona, ainda, elementos mais técnicos, como trucagem, a pose, a pose dos objetos, a teoria da fotogenia, o esteticismo e a sintaxe. Falaremos sobre alguns desses elementos a seguir.

A respeito da trucagem, Barthes a define como uma operação que intervém no interior do plano de denotação. O autor apresenta fatos ocorridos por consequência da publicação de fotos que, de uma forma ou de outra, fazem com que a verdade dos fatos seja manipulada. A título de exemplo, ele cita a manipulação de uma fotografia de 1951, amplamente difundida pela imprensa americana, em que se viam os rostos do senador Millard Tydings e do líder comunista Earl Browder aproximados. Como consequência dessa manipulação, o senador perdeu seu cargo, ao ter sua imagem associada à de um líder comunista (Earl Browder). Para Barthes, trata-se de um truque fotográfico. A respeito da trucagem, o semiólogo diz:

... notar-se-á que esta atitude só se torna signo para uma certa sociedade, isto é, somente pela influência de certos valores: é o anticomunismo intransigente do eleitorado americano que transforma os gestos dos interlocutores em signo de uma familiaridade condenável; o que significa que o código de conotação não é nem artificial (como em uma língua verdadeira), nem natural: é histórico. (BARTHES, 1990, p. 16)

Ao refletir sobre a mensagem conotada apresentada por Barthes (1990), que em nossa pesquisa se materializa na fotografia das colunas sociais e das notícias de cunho político, concluímos que seus sentidos ocorrem conforme as condições do contexto histórico de suas publicações. É nas colunas sociais e nas notícias que o discurso se materializa, e seu sentido se dá na história e não apenas na língua e/ou no sujeito, como podemos observar nesta citação:

O sentido é a história. O sujeito do discurso se faz (se significa) na/pela história. Assim, podemos compreender também que as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa. (ORLANDI, 2013, p. 95)

Sobre a pose, Barthes destaca a intencionalidade jornalística, o sentimento que se deseja despertar no leitor, o que o autor chama de mensagem denotada-conotada, isto é, quando a fotografia é fiel, sem trucagem, mas a sua escolha é intencional. Para exemplificar, utiliza a descrição de uma foto do busto do Presidente Kennedy: “Visto de perfil, olhos voltados para o céu, mãos postas. É a própria pose do modelo que sugere a leitura dos significados de conotação: juventude, espiritualidade, pureza [...]” (BARTHES, 1990, p 16).

Sobre a fotografia de objetos, o autor lhes confere uma importância especial, pois, segundo ele, o sentido conotado surge na disposição dos objetos, atribuindo-lhes a importância de associação de ideias. O autor destaca que “o objeto talvez não possua uma força, mas possui certamente um sentido” (BARTHES, 1990, p. 18), e explica que a imagem conotada na fotogenia, no aspecto de estrutura informativa, está na própria imagem, no “embelezamento”. Nos tempos atuais, temos o programa de computação photoshop como exemplo.

A respeito do estetismo, Barthes explica que isso ocorre quando a fotografia se faz pintura, ou seja, a retratação do real através do pincel, uma imagem que se volta para a arte. Já a sintaxe está relacionada à justaposição de várias fotografias, formando uma sequência, como um passo a passo do ocorrido.

Essas descrições detalhadas de Barthes sobre a manipulação da mensagem fotográfica, em especial nos textos midiáticos (imprensa e publicidade), trazem uma maior clareza para nossa pesquisa, na medida em que fornecem subsídios para analisar os textos do corpus, como veremos mais adiante, no intuito maior de preconizar a importância da imagem para a totalidade de sentido do texto.

Após apresentar as seis técnicas da fotografia – trucagem, pose, objetos, fotogenia, estetismo e sintaxe –, o autor afirma que a finalidade da mensagem verbal do texto é conotar a imagem, isto é, segundo ele, há uma relação de complementaridade entre a mensagem verbal e a mensagem fotográfica. A esse arranjo, o autor dá o nome de “retórica da imagem”, título homônimo de um de seus escritos, sobre o qual falaremos em seguida.

Em Barthes (2006), é forte a presença da teoria do signo de Saussure, em particular a dicotomia significante vs significado. Segundo o semiólogo, em um texto, a imagem,

enquanto linguagem não-verbal, necessita da linguagem verbal para significar e, dessa forma, passa a fazer parte de um sistema de conotação, lembrando que o autor defende que a imagem conotada ganha forma e sentido dentro de um contexto histórico-cultural.

Barthes sustenta que a imagem literal representa o real, mas não está dissociada da imagem conotada, ou seja, aquela que carrega sentido, para além da superfície textual. Assim, a imagem literal passa a ser suporte de uma imagem simbólica que se materializa em um determinado contexto político-histórico-social. O autor ilustra essa relação de denotação/conotação quando analisa uma imagem publicitária, um anúncio da marca de massas Panzani. A partir deste exemplo, Barthes classifica três mensagens: uma mensagem linguística, uma mensagem icônica codificada (imagem denotada) e uma mensagem icônica não codificada (imagem conotada). O autor sinaliza o início de sua análise da seguinte forma:

Todavia, uma vez que já não se trata de uma análise “ingênuas”, e sim de uma descrição estrutural, modificaremos um pouco a ordem das mensagens, invertendo a mensagem cultural e a mensagem literal; das duas mensagens icônicas, a primeira está como que gravada sobre a segunda: a mensagem literal aparece como *suporte* da mensagem “simbólica”. Sabemos que um sistema que adota os signos de outro sistema, para deles fazer seus significantes, é um sistema de conotação; podemos, pois, desde já afirmar que a imagem literal é denotada, e a imagem simbólica é conotada. Estudaremos sucessivamente a mensagem linguística, a imagem denotada e a imagem conotada. (BARTHES, 1990, p. 31)

A mensagem linguística assume um papel primordial, por ser constante, situando-se no interior, abaixo ou à volta da imagem (idem, p. 31), e também é polissêmica, pressupondo uma gama de significados, sendo que alguns o leitor ignora, e escolhe outros. Barthes estabelece duas relações: uma de fixação e outra de *relais*. A fixação é uma relação de controle, uma das técnicas de fixar os significados, limitando e conduzindo o leitor a fazer uma leitura conforme o que deseja transmitir, mesmo que a imagem traga consigo uma gama de significações. “A fixação é a função mais frequente da mensagem linguística; é comumente encontrada na fotografia jornalística e na publicidade” (idem, p. 33).

Quanto à função de *relais* é posto que:

É mais rara (pelo menos ao que concerne à imagem fixa); vamos encontrá-la sobretudo nas charges e nas histórias em quadrinhos. Aqui a palavra (na maioria das vezes um trecho de diálogo) e a imagem têm uma relação de complementariedade; as palavras são, então, fragmentos de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese (o que confirma que a diegese deve ser tratada como um sistema autônomo) (BARTHES, 1990, p. 33-34)

Sobre a imagem denotada, o autor a relaciona a algo utópico, pois é praticamente impossível dissociar uma imagem de um sentido conotado. Entretanto, quando relaciona a imagem denotada à fotografia, podemos interpretar essa última como uma mensagem literal. Segundo ele, “todavia, a análise estrutural da imagem especifica-se aqui, pois de todas as imagens, só a fotografia possui o poder de transmitir a informação (literal) sem a compor com a ajuda de signos descontínuos e regras de transformação” (BARTHES, p. 35).

Depois de definir as três mensagens contidas na imagem, Barthes entra em questões mais específicas sobre a retórica da imagem, estabelecendo-a como a mensagem conotada, simbólica e cultural, dispostas ao que ele chama de diversidade das leituras, conforme citação:

A diversidade das leituras não é, no entanto, anárquica, depende do saber investido na imagem (saber prático, nacional, cultural, estético); esses tipos de saber podem ser classificados em uma tipologia; tudo se passa como se a imagem se expusesse à leitura de muitas pessoas, e essas pessoas podem perfeitamente coexistir em um único indivíduo. (BARTHES, 1990, p. 38)

Barthes dialoga, indiretamente, com a teoria do discurso da AD, ao admitir a coexistência das pessoas em um único indivíduo (sujeito), fortalecendo a ideia de um assujeitamento. Na AD, a tese do assujeitamento preconiza que o sujeito é atravessado, cindido, daí a utopia do indivíduo de carne e osso. Para Pêcheux e seus colaboradores/seguidores, o sujeito é um conceito teórico, sustentado pelas teses psicanalísticas.

Para ilustrar todos os apontamentos feitos até aqui, sobre o papel marcante da *fofoca* midiática no cenário atual, inserida num circuito subjetivo e heterogêneo da informação, e ainda, na espacialidade do texto plurissemiótico das mídias, que misturam linguagem verbal e não-verbal, analisamos, a seguir, textos jornalísticos pertencentes a colunas sociais e notícias.

3.3 Análises

Neste item, analisamos dez textos jornalísticos coletados entre 2013 e 2016, publicados nos sites dos portais G1 e R7, pertencentes, respectivamente, às redes de televisão Globo e Record; nos sites femininos Bolsa de Mulher e Capricho; em sites de informação como O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Brasil 247.

Segundo nossa hipótese, a transmutação do gênero discursivo *fofoca* nos gêneros jornalísticos *coluna social* e *notícias de bastidores da política* (MARQUES DE MELO, 1985)

constitui uma tendência do discurso das mídias na sociedade de massa. Observamos, em particular, o procedimento de intergenericidade (CHAVES, 2010) entre o gênero notícia, de caráter sério e comprometido com a verdade dos fatos, e o caráter lúdico e perverso da fofoca oral, com intenções explícitas e implícitas. Esse fenômeno é representado nas colunas sociais e notícias de bastidores da política.

Dividimos a análise em dois subitem, a fim de conferir uma organização para a leitura. No primeiro subitem, analisamos a fofoca transmutada na coluna social sobre celebridades televisivas. No segundo subitem, analisamos a presença da fofoca no gênero notícia, considerado um gênero sério, da ordem da informação, em que podemos entrever a construção do sentido para além do texto, materialidade do discurso em que a ideologia se faz presente. Para cada texto, analisamos as três cenas da enunciação.

As categorias das análises são aquelas sobre as quais pesquisamos e discutimos até aqui: ethos, cenas da enunciação, gênero discursivo, subjetividade da informação, relação texto/imagem e fotografia, tendo por base os pressupostos teóricos da pesquisa.

3.3.1 A fofoca nas colunas sociais



Figura 9: Joelma posa sorridente e anuncia: 'Agora é Joelma Calypso'

Joelma posa sorridente e anuncia: 'Agora é Joelma Calypso'²⁰

Cantora publicou imagens comemorando a nova fase.

Depois de assinar seu divórcio de Chimbinha, Joelma começou uma nova fase na vida. Toda sorridente, a cantora postou fotos em seu novo perfil no Instagram, agora independente do da banda Calypso.

"Agora é Joelma Calypso", escreveu na legenda de uma das imagens. Nos comentários, a cantora recebeu críticas e elogios sobre o comportamento. "Você é linda. Não digo pelo físico apenas, mas pela pessoa maravilhosa que você é. Te admiro viu. Desejo a você e sua família toda paz e felicidade que só Deus pode proporcionar", "Sem noção essa mulher!", "Linda, perfeita, maravilhosa!", "Mulher metida que finge servir a Deus e só quer saber de prejudicar a vida do ex marido, com calúnias. Nunca vi uma pessoa servir a Deus tentando prejudicar a vida do outro".

A coluna social sobre Joelma foi publicada no site da Globo.com em uma seção designada para os famosos, chamada de “Ego”. O ethos discursivo analisado atribui-se tanto ao sujeito-jornalista, o qual publicou a coluna social, quanto à cantora Joelma, ao postar a foto em seu “novo perfil no Instagram”.

Na publicação, a cantora “assume” um ethos discursivo que objetiva transmitir a imagem de uma pessoa feliz e realizada após assinar o divórcio com Chimbinha, seu antigo parceiro de trabalho, aproveitando para divulgar o novo nome da banda “Joelma Calypso”. Por outro lado, o ethos discursivo do jornalista transmite a imagem de que não quer se comprometer com a questão do divórcio, desejando deixar explícito seu posicionamento ao divulgar os comentários positivos e negativos resultantes da opinião do público sobre atitudes da cantora. Cabe ainda, em uma outra possibilidade de análise, observar que o ethos discursivo-jornalístico deseja divulgar a polêmica que o fato causou entre os fãs, que, assim como o casal, também se separaram, ficando uns a favor de Joelma e outros, de Chimbinha.

A presença do co-enunciador é materializada pelos comentários dos fãs opinando sobre a separação da cantora com Chimbinha. Ora com um posicionamento favorável à Joelma: "Você é linda. Não digo pelo físico apenas, mas pela pessoa maravilhosa que você é. Te admiro viu. Desejo a você e sua família toda paz e felicidade que só Deus pode proporcionar"; ora contra: "Mulher metida que finge servir a Deus e só quer saber de prejudicar a vida do ex-marido, com calúnias. Nunca vi uma pessoa servir a Deus tentando prejudicar a vida do outro", conforme noticiado na publicação.

²⁰ <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/joelma-posa-sorridente-e-anuncia-agora-e-joelma-calypso.html> acesso em 11/03/2016.

A seguir, analisamos a construção das cenas da enunciação do texto.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de uma publicação voltada para a informação de entretenimento, chamada de coluna social, em suporte digital de um site pertencente a uma rede de telecomunicações de sistema digital que atua no mercado televisivo e virtual brasileiro.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador manifesta-se pelo gênero discursivo coluna social.

Composição da cenografia:

Composta pelo locutor e interlocutores, que evidenciam uma memória discursiva sobre acontecimentos que precedem o momento de assinatura do divórcio, já que possuem opiniões partidárias sobre os fatos. Quanto ao locutor, há dois sujeitos-enunciadores construídos a partir de ethos discursivo-jornalístico e de outro ethos discursivo representado pela cantora Joelma.

A memória discursiva apresenta-se por meio do texto curto da coluna social que, ao ser comparado com a fofoca, gênero primário, apresenta as características básicas de uma exímia fofoca.

A fotografia foi tirada em um ambiente que remete à rotina de shows que Joelma no implícito exprime o desejo de continuar a carreira de cantora.

O texto é pequeno e breve, característico do gênero coluna social virtual

Ao analisar a fotografia de Joelma observa-se que o ethos discursivo-jornalístico e o da própria Joelma preocuparam-se em divulgá-la para comprovar a alegria compartilhada pela cantora, mesmo se tratando de um divórcio. A fotografia também credibiliza a cantora por divulgar uma imagem com pose de uma mulher feliz fazendo o sinal de vitória, bem disposta e bem vestida com o estilo que seus fãs sempre acompanharam na trajetória de sua carreira. O cenário utilizado para a pose parece estar relacionado a um ambiente de bastidores de palco, ferros que compõem a estrutura de palco.



Figura 10: Casamento de William Bonner e Fátima Bernardes estaria em crise novamente

Casamento de William Bonner e Fátima Bernardes estaria em crise novamente²¹

Não se fala em outra coisa na Globo (principalmente na produção de Fátima Bernardes: William Bonner e a apresentadora estariam passando por outra turbulência no casamento Não é a primeira crise do casal, que da outra vez conseguiu contornar a situação.

Fátima está afastada do Encontro e dizendo que é por causa de uma virose. Ela realmente ficou doente, mas a crise teria a ver com isso. Nesta quarta (2), ela entrou por telefone ao vivo e disse:

"Estou em casa assistindo vocês. Muito feliz de poder voltar amanhã. Chega, né? Essa virose já me derrubou um bom tempo. A avaliação dos médicos é que foi uma virose que provocou uma inflamação no intestino e estômago. Me dava muito enjoo e não conseguia comer. Muita medicação para melhorar. Estou bem e amanhã volto".

²¹ <http://entretenimento.r7.com/blogs/fabiola-reipert/casamento-de-william-bonner-e-fatima-bernardes-estaria-em-crise-novamente/2016/03/02/>



Bonner foi substituído por Heraldo Pereira no *Jornal Nacional*

Bonner também ficou ausente do *Jornal Nacional*.

Figura 11: Bonner foi substituído no *Jornal Nacional*

A seguir, aparecem as reações de alguns internautas a esta publicação.

Katia Gonzaga - 07/03/2016 - 9:48

Cobriola você todo mês de março inventa essa conversa de crise no casamentos do Bonner e da Fátima, fala serio vc morre de inveja da Fátima bem casada bem sucedida deve incomodar pra caramba, tenho pena de vc

RESPONDER

Hadassa - 04/03/2016 - 11:41

Todas as notícias que a Fabiola dá sobre os famosos depois de algum tempo é confirmado. Bronca que galera tem é esse sua eficiência de descobrir antes das bombas estourar praticamente 98% coisas que vc publica é a verdade pode demorar mais a realidade vem a tona. Exemplos: *O casal Chimbinha e joelma banda calypso várias vezes antes vc publicou que esse casal tava em crise em seu casamento ano passado confirmaram a separação turbulenta e cheia de barracos. * Quem imaginaria que o casal Edson celulari e Cláudia Raia anos de casados separariam vc tbm deu notícia passavam por crise bem antes da confirmação. * Lisandra souto e aquele jogador de volei tbm anos de casados vc tbm deu notícia que eles estavam em crise e até que ele tava com outra no fim confirmado a separação. * Outro casal Adnet e Calabresa eles não separam mais veio a tona eles estavam em crise e vc publicou até que marido não era "fácil" por aí o Marcelo adnet em 2014 aquela bomba ele foi flagrado em plena leblon onde só tem paparazzi de beijos e amassos com outra mulher para quem quiser vê. *Outro casal Grazi e Cauã vc tbm cansava de publicar que ele não era fácil estavam em crise no casamento deles em 2014 a bomba da traição dele com a colega de trabalho e separação. * É agora a última esse ano confirmado que vc tinha publicado no passado que foi tbm desmentido a crise do namoro e flagra dele batendo papo com outra moça da Valesca e do Diógenes que foi confirmado na ego pela Valescão semana passada o fim. É desse casal não é diferente eu conheço duas pessoas próximas a eles isso não é agora já faz anos eles vem empurrando com a barriga esse casamento deles a crise é antiga. Outro casal da mesma emissora deles e casal comercial de margarina uma hora casa vai cair tremenda crise.

RESPONDER

A coluna social sobre o casamento de William Bonner e Fátima Bernardes foi publicada na seção de entretenimento do site da R7.com, no blog intitulado “Fabíola Reipert Tv e famosos”. O ethos discursivo do sujeito-jornalista tem uma imagem fortemente marcada como um enunciador que tem uma explícita intenção de divulgar, antes de qualquer outro meio de comunicação, a antecipada “notícia”, o furo de reportagem, de que o casal em questão está em crise. No enunciado “Fátima está afastada do Encontro e dizendo que é por causa de uma virose”, a apelação é clara quando o ethos discursivo-jornalístico desmente a apresentadora sem provas concretas. Atitude bem característica da fofoca, gênero primário.

Por outro lado, a fotografia em que Fátima Bernardes aparece ao telefone, dizendo que está com uma virose, evidencia, por parte do ethos discursivo da apresentadora ou de sua produção, o esforço em construir a imagem de uma pessoa que está ansiosa para retomar o trabalho, e ao mesmo tempo construir uma imagem para o público de que está bem de saúde, fato que poderia provocar especulações.

O ethos discursivo-jornalístico prossegue em sua tentativa de evidenciar que há um outro motivo para a ausência de Fátima Bernardes em seu programa de televisão. Essa nova tentativa é manifestada quando há a postagem da imagem da bancada do Jornal Nacional sem a presença de Willian Bonner. Sugere-se, dessa forma, uma indisposição psicológica do casal em comparecer ao trabalho e desempenhar suas atividades com presteza, já que os pensamentos estariam voltados para as discussões da relação entre os dois.

A presença do co-enunciador é materializada nos comentários dos fãs, que opinam sobre a publicação apelativa do ethos discursivo-jornalístico, com manifestações a favor e contra sua postura. É fortemente representada a opinião dos co-enunciadores quando assumem um posicionamento com argumentos de quem acessa com frequência o blog. Em um dos comentários, a internauta Katia Gonzaga escreve “Cobriola” em vez de Fabíola, e grafa a palavra “serio” sem acento, o que pode representar pouca instrução de estudo, ou ainda pouca idade. A internauta também demonstra assiduidade de acesso ao blog, quando diz: “você todo mês de março inventa essa conversa de crise no casamento do Bonner e da Fátima”.

O internauta Hadassa escreve um grande texto sobre as publicações da jornalista, em relação a outros casos de separação que foram concretizados, o que evidencia admiração e respeito pelo trabalho da jornalista. Essa atitude também apresenta uma certa afetividade e um certo prazer em acompanhar as “notícias” publicadas naquele blog.

Com relação às três cenas da enunciação, temos a seguinte configuração:

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de uma publicação voltada para a informação de entretenimento, chamada de coluna social, em suporte digital de um site

pertencente a uma rede de telecomunicações de sistema analógico e digital, que atua no mercado televisivo e virtual brasileiro.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador manifesta-se pelo gênero discursivo coluna social.

Composição da cenografia: composta pelo locutor e interlocutores, há três sujeitos-enunciadores construídos a partir de ethos discursivo-jornalístico, o ethos discursivo representado pelos co-enunciadores por meio de seus comentários e pela apresentadora. Evidenciam uma memória discursiva sobre acontecimentos que precedem o momento da ausência de Willian Bonner e Fátima Bernardes quando, por exemplo, um internauta diz que, em todos os meses de março, há publicações sobre possível crise na vida conjugal do casal. Há, ainda, uma memória discursiva da internauta Hadassa quando, com precisão, relembra as notícias postadas anteriormente no blog.

A memória discursiva apresenta-se por meio do texto curto da coluna social que apresenta as características básicas de uma exímia fofoca, gênero primário. O texto pequeno e breve, característico do gênero coluna social virtual.

Nas fotografias de Fátima Bernardes aparece apenas o rosto da apresentadora com a imagem de um ambiente que parece ser uma sala de estar. A fotografia da bancada do Jornal Nacional comprova a ausência de Willian Bonner ao aparecer a imagem do repórter Heraldo Pereira ao lado da repórter Renata Vasconcelos. A fotografia de Fátima Bernardes remete a um ambiente confortável e agradável com características de um lar, presente na memória discursiva da maioria das pessoas. A outra fotografia, da bancada do Jornal Nacional, presente na memória discursiva dos brasileiros desde 1º. de setembro de 1969.

3.3.2 A fofoca na notícia: sobre os bastidores da política

Analisamos, a seguir, a fofoca midiática em torno de cinco acontecimentos que foram objeto da mídia, relacionados aos bastidores da política.

O primeiro acontecimento girou em torno dos gastos de Dilma Rousseff com a beleza.

27/6/2013 às 11h59 (Atualizado em 2/4/2014 às 19h20)

Cabeleireiro das estrelas, Celso Kamura revela que dá desconto para Dilma

Após polêmica sobre valor do penteado, Kamura revela cobrar mais de outras clientes

Do R7



Kamura contou que não cobra para cortar o cabelo de Dilma
Julia Chequer/26.11.2010/R7

Na quarta-feira (26), a presidente Dilma Rousseff ganhou destaque nos compartilhamentos e comentários das redes sociais, e dessa vez não foi por discurso nem pelas manifestações. O alvo do burburinho foi a cabeleira da política, que pelo teor de alguns comentários anda saindo mais cara do que o esperado.

Em matéria publicada no caderno Poder na quarta, a Folha de S. Paulo noticiou que os gastos do governo com cabelo e maquiagem de Dilma subiram. De 2012 para cá, cada aparição de Dilma na televisão ocasionou o desembolso de R\$ 3.125. E os custos da vaidade da presidente espantaram usuários das redes sociais.

Mas, em entrevista à coluna Terraço Paulistano da revista Veja São Paulo, o

responsável pela beleza de Dilma, Celso Kamura, contou que o valor poderia ser muito maior.

Figura 12: Cabeleireiro das estrelas: Celso Kamura e Dilma Rousseff²²

Nessa publicação do site de entretenimento da Record (R7), datada de 27 de junho de 2013, a Presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff (2011-), é alvo de questionamentos sobre seus cuidados com a beleza. Essas questões femininas são fortes atrativos para o público, ainda mais quando os holofotes recaem sobre uma figura conhecida de todos os brasileiros, a Presidente da nação.

Essa notícia destaca os gastos excessivos que a presidente teria efetuado com cuidados de beleza. Observa-se, entretanto, que a foto em destaque não fora tirada para esta notícia, tendo em vista que as datas não coincidem. Assim sendo, para atrair ainda mais a atenção dos leitores, o site lançou mão da linguagem não-verbal, a imagem, determinante, aqui, para a construção do sentido. Essa manipulação da imagem confirma o que diz Barthes (1990) sobre a operação de trucagem.

No tocante ao estilo verbal, um dos elementos dos gêneros discursivos, o termo “burburinho”, no primeiro parágrafo, corrobora a associação dessa “notícia” com a fofoca, ao

²² Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/mulher/moda-e-beleza/cabeleireiro-das-estrelas-celso-kamura-revela-que-da-desconto-para-dilma-02042014>>. Acesso em 12/07/2014.

mesmo tempo em que é notável o esforço em dissociar o teor do texto da fofoca “pura”, como no gênero coluna social e derivados. Tal fato é confirmado pela menção à matéria do jornal Folha de São Paulo, a qual “noticiou que os gastos do governo com cabelo e maquiagem de Dilma subiram”, no segundo parágrafo. A referida matéria fora publicada na seção “Poder” do jornal paulista, indicando, portanto, a dissociação clara entre uma notícia irrelevante, da ordem da fofoca, e uma notícia voltada para assuntos de interesse nacional, numa seção “séria” do jornal.

No que diz respeito à construção da identidade da mulher, neste caso, ocupante de um cargo político elevado e de prestígio, observa-se que a própria cena genérica, da notícia, orienta o sentido rumo à reprodução da ideologia dominante, ou seja, uma representação masculina, sexista, sobre a mulher. Assim, o texto atualiza/recupera sentidos sobre a beleza, empregando um estilo também condizente com a temática (*burburinho, cabeleira, vaidade*). Tal fato é corroborado pelo contexto enunciativo, a sub-seção a que pertence a publicação, intitulada “Moda e beleza”, a qual, por sua vez, pertence à seção “Entretenimento”.

Nesse sentido, podemos avaliar tal construção identitária com base nos não-ditos da publicação. Com efeito, seria pouco provável que tal tema fosse abordado caso se tratasse de uma personalidade política do sexo masculino. Neste caso, a abordagem de um tema voltado para a vaidade soaria bastante incomum.

Enfim, o sentido também emerge de outro não-dito, dessa vez na publicação da *Folha de S. Paulo*, referida pela notícia de R7: os gastos “do governo” – e não mais de Dilma ou da Presidente – com “cabelo e maquiagem” delineiam a crítica velada à má administração do dinheiro público com futilidades, em detrimento das necessidades reais do país. O contexto histórico, determinante na AD, vem, então, por meio de um dialogismo quase explícito, sustentar o sentido dessa enunciação de muitas vozes (polifônica), tendo em vista que a notícia da *Folha de S. Paulo*, citada na publicação de R7, justifica sem equívoco a finalidade da notícia: “denunciar” o alto gasto com “maquiagem e penteado” em plena época de manifestações por melhorias no país. A associação com o tema das manifestações pode ser mais bem compreendida pela notícia transcrita a seguir, datada de 26 de junho de 2013, logo, anterior à notícia de R7²³:

Governo eleva gasto com maquiagem e penteado para falas de Dilma na TV

²³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1301427-governo-eleva-gasto-com-maquiagem-e-penteado-para-falas-de-dilma-na-tv.shtml>>. Acesso em 12/07/2014.

A vaidade tem seu preço. E cada vez mais alto, por sinal, mostra a evolução dos gastos para arrumar o cabelo e maquiagem a presidente Dilma Rousseff para suas aparições em rede nacional de TV.

*Na sexta-feira passada, quando falou sobre as manifestações pelo país, Dilma Rousseff fez seu 14º pronunciamento desse tipo. Via Lei de Acesso à Informação, a **Folha** obteve os orçamentos detalhados de 12 deles.*

Nos nove primeiros, preparar o visual presidencial custou R\$ 400. Nos três de dezembro de 2012 a março deste ano, o governo pagou, em cada vez, R\$ 3.125 -681% mais, variação de fazer corar o tomate, vilão da inflação.

Até no salão de Celso Kamura, cabeleireiro que repaginou o visual de Dilma para a campanha presidencial de 2010 e que tem entre suas clientes celebridades como a apresentadora Angélica, o serviço é mais em conta. Lá, o penteado sai por R\$ 330 e a maquiagem custa R\$ 350, informam as atendentes do salão. Ao todo, R\$ 680.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de duas publicações, sendo a primeira voltada para a informação de entretenimento, chamada de coluna social, e a segunda mais formal, por se tratar de uma notícia. Ambas foram publicadas em suporte digital de um site pertencente a uma rede de telecomunicações de sistema analógico e digital, que atua no mercado televisivo e virtual brasileiro.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador, manifesta-se pelo gênero discursivo coluna social, na primeira publicação, e notícia, na segunda publicação. Ambos apresentam intergenericidade, pois o primeiro apresenta-se como coluna social, com preocupação político-social com os elevados gastos de uma governante. E a notícia apresenta características de uma notícia séria, com dados comprobatórios e se preocupa com os gastos do governo, entretanto cita os nomes do cabeleireiro e de uma de suas clientes sem se preocupar com a veracidade dos fatos.

Composição da cenografia: composta pelo locutor, há um sujeito-enunciador construído em cada uma das publicações que envolvem gastos com cabelo e maquiagem da Presidente da República. Na primeira, coluna social, o ethos discursivo-jornalístico transmite a imagem de um sujeito-enunciador com intenções políticas contrárias à atual representante do país. Tais intenções são evidenciadas quando ocorre a troca de data, efeito da trucagem. Além de destacar o verbo “eleva”, promovendo, assim, a ideia de gastos indevidos. A intenção de construir um ethos pré-discursivo é evidenciada a partir da escolha de uma fotografia da presidente justamente tendo a maquiagem retocada pelo cabeleireiro Celso Kamura. Evidenciam uma memória discursiva sobre acontecimentos políticos que causam revolta popular, como gastos elevados, inflação, em plena época de manifestações em todo o país. Além disso, a própria ocorrência de trucagem, em que a fotografia precede ao momento da publicação, dá provas de uma interdiscursividade. A presidente Dilma Rousseff tem apenas o

rosto em destaque, fotografia estrategicamente escolhida pelo ethos discursivo-jornalístico, com a intenção de destacar a veracidade do fato noticiado. A partir da fotografia de Dilma Rousseff é possível destacar a presidente feliz por estar cuidando da beleza, uma foto de rosto que destaca a intenção do ethos discursivo-jornalístico em destacar tais gastos. O ambiente é de um salão de beleza, estando a presidente recebendo cuidados de um cabeleireiro famoso há anos no meio artístico.

O texto é pequeno e breve, característico dos gêneros de coluna social e notícias sobre bastidores da política, que, nesse sentido, também se aproximam da fofoca como gênero primário.

Passamos ao segundo texto, também publicado no blog do Camarotti.

Dilma repete blusa ao receber Lula no Palácio da Alvorada

qui, 06/03/14 por Gerson Camarotti | categoria **Governo Dilma**

Um leitor desocupado deste **Blog** reparou que a presidente Dilma Rousseff estava trajando a mesma blusa nos dois últimos encontros com o ex-presidente Lula no Palácio da Alvorada. O primeiro foi em janeiro e o mais recente, ontem. Repare nas imagens, de autoria do fotógrafo Ricardo Stuckert, do Instituto Lula:



Dilma nos dois encontros com Lula no Palácio da Alvorada. O primeiro, à esquerda, foi em janeiro. À direita, o encontro desta quarta-feira.

Figura 13: Dilma repete blusa ao receber Lula no Palácio da Alvorada

Em outra notícia, publicada no jornal eletrônico G1, pertencente às Organizações Globo, em 6 de março de 2014, o título é “Dilma repete blusa ao receber Lula no Palácio da Alvorada²⁴”. Mais uma vez, temos um tema relacionado à fofoca que adquire um tom mais

²⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2014/03/06/dilma-repete-blusa-ao-receber-lula-no-palacio-da-alvorada/>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

sério ao transmutar-se no gênero discursivo bastidores da política, na seção “Blog do Camarotti²⁵, categoria “Governo Dilma”.

Encontramos, aqui, uma fala do colunista que revela o interdiscurso da notícia com a fofoca – para Chaves (2010), o dialogismo intergenérico –, na medida em que o próprio ethos discursivo-jornalístico reconhece que publicar sobre a repetição da blusa da Presidente é um ato fútil: “um *leitor desocupado* deste Blog reparou que a presidente Dilma estava trajando a mesma blusa” (nossos grifos). Isso mostra que existe uma representação coletiva sobre a fofoca ser uma prática socialmente mal avaliada. Ainda assim, o ethos discursivo-jornalístico noticia esse “fato”, ciente de sua repercussão junto ao leitor-alvo, verdadeiros atores sociais (políticos, empresariado, eleitores, manifestantes, etc.).

Assim como no gênero coluna social, habitat natural, por assim dizer, do gênero primário fofoca no discurso jornalístico, o texto verbal dessa notícia de bastidores da política é complementado pela linguagem não-verbal das fotografias, que funcionam como garantias da mensagem. Nesse sentido, observa-se que outro elemento dos gêneros discursivos, a “construção composicional” (BAKHTIN, 2000), promove o dialogismo intergenérico, no limite entre fofoca, coluna social e notícia.

Com relação à identidade construída, parece não haver dúvidas quanto ao fato de que o tema retratado se refere, mais uma vez, a um elemento do universo feminino: o vestuário. Já o(s) não-dito(s) ficam por conta da associação de Dilma a uma figura masculina, o ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva, presente em ambas as fotografias.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de uma publicação voltada para a transmissão de informação do campo da política. No entanto, o elemento surpresa, por assim se dizer, está no acontecimento noticiado: a repetição da roupa da Presidente da República. Aparentemente, essa notícia não tem maiores consequências para o futuro do país, nesse sentido, parece irrelevante. Essa notícia sobre os bastidores da política foi publicada em um suporte digital de um site pertencente a uma rede de telecomunicações de sistema analógico e digital, que atua no mercado televisivo e virtual brasileiro. O texto está inserido em uma interdiscursividade, pois, ao informar que a presidente repetiu a blusa, mesmo quando recebe a visita de um representante político importante e aliado, o co-enunciador é levado a compreender que a Presidente não desperdiça com esse tipo de gasto.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes da interação verbal, enunciador e co-enunciador, manifesta-se no gênero discursivo bastidores da política, uma

²⁵A fonte enunciativa também orienta o sentido, pois Gerson Camarotti é “comentarista político da Globo News e repórter especial de política do Jornal das Dez”, conforme o descritivo de seu Blog.

ramificação da coluna social, segundo Marques de Melo (1985)²⁶. Essa esfera temática aproxima o texto em questão da fofoca, por um procedimento de dialogismo intergenérico.

Composição da cenografia: composta pelo locutor (imprensa) e interlocutor (leitores), apresenta textos curtos característicos de coluna social/bastidores da política, quanto a notícia possuem textos curtos, que ao ser comparado com a fofoca, facilmente se aproximam do gênero primário.

O locutor é o sujeito-enunciador construído pelo ethos discursivo-jornalístico que constrói uma imagem favorável à presidente Dilma Rousseff, ao revelar pouco gasto com roupa por parte da presidente. Por outro lado, constrói a imagem de um ethos discursivo-jornalístico de alguém que debocha da gafe de uma governante: repetir a blusa em um encontro que deveria ser de exímia importância, por se tratar de um aliado político renomado. Locutor evidencia uma memória discursiva sobre acontecimento político anedótico e ao mesmo tempo favorável à imagem da presidente da república Dilma Rousseff, tendo seu ethos fortalecido como o de uma governante atenta aos gastos do governo, em plena época de manifestações sociais. O co-enunciador é o leitor/internauta.

O texto é pequeno e breve, característico dos gêneros de coluna social/bastidores da política virtual. O ambiente fotografado consta na memória discursiva do povo (co-enunciador) por se tratar do Palácio da Alvorada, situado na capital política do país, Brasília, onde se acomoda um Presidente da República.

As fotografias são utilizadas como uma prova do fato ocorrido, fazendo literalmente o papel de fiador da mensagem, de tal maneira que a leitura da imagem e da legenda transmita toda a informação. Fato que corrobora com um dos apontamentos da retórica da imagem de Roland Barthes. A partir da fotografia de Dilma Rousseff, é possível destacar a presidente Dilma Rousseff feliz por estar recebendo um aliado político, demonstrando boa interação e aliança ao tirar as fotografias sempre de mãos dadas, com uma postura corporal típica de políticos aliados. O ambiente é de uma sala ampla, bem decorada, digna de um encontro entre líderes no Palácio da Alvorada, casa em que fica acomodada a Presidente do Brasil.

A seguir, analisamos o papel de fiador das mídias (MAINGUENEAU, 2005), em particular da imprensa, a partir de um acontecimento, a saber, a disputa pela Presidência da República do Brasil. Analisaremos, cronologicamente, duas notícias sobre o velório do então candidato Eduardo Campos; e uma notícia sobre o debate televisivo produzido e transmitido pela Rede Globo em 02 de outubro de 2015, por ocasião do primeiro turno das eleições.

²⁶ Por razões de clareza, estamos chamando o gênero “coluna social/bastidores da política” de notícia. Com efeito, não deixa de ser uma notícia da atualidade, ainda que o tema seja irrelevante.

Transcrevemos abaixo a fotografia e a legenda correspondente da notícia intitulada “Cenas de um velório: Lula chora, Marina sorri”, publicada no site de informações brasil247.

Cenas de um velório: Lula chora, Marina sorri²⁷

Imagens captadas no velório de Eduardo Campos revelam uma Marina Silva mais leve do que sugeria o discurso oficial da candidata, que se dizia mais abalada do que a própria viúva Renata Campos; numa das fotos, ela se debruça sobre o catre e um assessor sorri ao seu lado; diferentemente, o ex-presidente Lula caiu aos prantos ao abraçar a viúva Renata e segurar no colo o recém-nascido Miguel, quinto filho do ex-governador pernambucano.

Figura 14: Cenas de um velório: Lula chora, Marina sorri

A notícia sobre os bastidores do velório do então candidato à Presidência do Brasil, Eduardo Campos, demonstra uma total preocupação com os novos rumos que a campanha presidencial ganharia diante desse fato trágico, em que Campos falecera em consequência de



um acidente aéreo envolto em mistério. Uma notícia séria estaria preocupada em noticiar apenas o acontecimento “velório de um candidato à presidência da república, Eduardo Campos” e demonstrar solidariedade aos familiares por meio do discurso jornalístico. Em lugar disso, o que se vê é uma notícia de caráter irônico, “debochado”, que parece ignorar o sofrimento da família do falecido, ao optar por abordar um tema um tanto quanto inusitado e, mais do que isso, do ponto de vista social, um tabu: uma possível reação de escárnio da também candidata Marina Silva diante do caixão do falecido, com forte apelo à mensagem fotográfica.

De modo implícito, a notícia mostra-se partidária, ao lançar mão do recurso da comparação e expor lado a lado a imagem do ex-presidente Lula, que, por sua vez, demonstra comoção e cumplicidade perante a família, uma representação discursiva fortemente

²⁷<http://www.brasil247.com/pt/247/pernambuco247/150408/Cenas-de-um-vel%C3%B3rio-Lula-chora-Marina-sorri.htm/> Acesso 10/12/2014.

associada à mensagem fotográfica, em que vemos o ex-Presidente pegar no colo o caçula de Eduardo Campos. Cumplicidade porque, ao receber o bebê dos braços da viúva, Lula deixa explícita a amizade com a família Campos, laço que fortalece a campanha de Dilma Rousseff, visto que Lula apoiou do início ao fim a campanha de reeleição de Dilma à Presidência da República e sempre se apresentou ao seu lado em comícios durante a campanha.

Marina Silva, ao ser flagrada sorrindo, tem seu momento de infelicidade, visto que seus oponentes políticos se aproveitam da situação para comparar a postura séria da candidata com a de Lula, visto que este, ex-presidente da República, apoia a candidata Dilma Rousseff.

Vejamos esta outra notícia, sobre o mesmo episódio²⁸:



Figura 15: Marina aparece sorrindo em velório

Vereador explica sorriso de Marina Silva no velório de Campos

O vereador Saulo Souza (PDT-SP), dirigente estadual em São Paulo da Rede Sustentabilidade aparece na foto também com expressão parecida

Da Redação (redação@correio24horas.com.br)

18/08/2014 19:11:00

Atualizado em 18/08/2014 21:03:51

Uma foto em que Marina Silva parece estar sorrindo sobre o caixão de Eduardo Campos no velório este domingo (17) tem se espalhado pela internet e gerado polêmica – a vice da chapa do pernambucano estaria, para alguns, mostrando uma felicidade deselegante em um momento de tristeza.

O vereador Saulo Souza (PDT-SP), dirigente estadual em São Paulo da Rede Sustentabilidade aparece na foto também com expressão parecida. Os dois foram bastante criticados na internet, comparados ao ex-presidente Lula, que aparece em fotos chorando e segurando Miguel, o filho caçula de Eduardo Campos.

²⁸ Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/vereador-explica-sorriso-de-marina-silva-no-velorio-de-campos/?cHash=63c7a5c9471c58fb9ca3ca1ae4c14f5b>>. Acesso em 10/12/2014.

“Olha a cara dessa Marina. Credo! E aquele babaca ali rindo? Gente!”, diz um dos comentários.

“Corvos da política” diz outro.

Todo o quadro que contextualiza essa notícia apresenta fortes características da fofoca oral. A cenografia é basicamente de uma fofoca, revelada ao co-enunciador pelo ethos jornalístico, que se auto-denuncia ao escolher o foco da notícia que se volta para mexericos, fatos irrelevantes ocorridos em um acontecimento de âmbito nacional.

Assim, o estilo informal, para uma notícia que se pretende “séria”, assemelha-se ao estilo linguístico das fofocas em suas origens primárias, como no título da notícia, “Cenas de um velório: Lula chora, Marina sorri”, ou, no primeiro parágrafo do texto, “felicidade deselegante em um momento de tristeza”, demonstrando a intenção sarcástica, utilizando a ironia como aliada na construção do discurso e de seus efeitos de sentido.

Considerando-se que a notícia é um gênero jornalístico da ordem da informação, e ainda, “puro registro dos fatos, sem opinião” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2001, p. 88), observa-se a interferência de uma subjetividade, pela avaliação do comportamento da candidata Marina Silva e do vereador Saulo Souza. A esse respeito, Lage afirma:

Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém *pensou, imaginou, concebeu, sonhou*, mas o que alguém *disse, propôs, relatou* ou *confessou*. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro. (LAGE apud FARIA, 2001, p. 102)

Sob essa ótica, o sorriso de Marina, discursivizado pelo jornalista como “felicidade deselegante”, pode ser aqui vista como uma hipótese que não é em momento algum verificada no texto da notícia. A avaliação subjetiva da expressão da candidata é diretamente inversa ao choro de Lula (na notícia anterior), este sim adotando um comportamento condizente com a tragédia que acometeu o candidato e sua família.

Observa-se, assim, a apropriação de uma informação já disseminada na Internet, na passagem seguinte: “[...] tem se espalhado pela internet e gerado polêmica”. Essa afirmação muda o tema da notícia para notícias da Internet, a fim de, talvez, se proteger de acusação de partidarismo. Apresenta, também, características bem próximas da ideologia do cotidiano (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010), quando descreve os comentários de internautas na notícia, como em “Olha a cara dessa Marina, credo!”, “E aquele babaca ali rindo? Gente!” e “Corvo da política, diz outro”.

O ethos jornalístico manifestado nesta notícia se apresenta como alguém que deseja se proteger, que não publicou a notícia do riso, mas divulgou a publicação que foi disseminada antes. Como se estivesse apenas “pegando o gancho” para prosseguir com novos fatos da mesma notícia, pois anuncia, em seguida, a defesa do vereador, quando este explica o porquê dos risos sobre o caixão. Transcrevemos, a seguir, a fotografia em que o vereador aparece ao lado de Marina, também sorrindo, e sua justificativa publicada no Facebook.



Figura 16: Vereador Saulo Souza aparece sorrindo em velório

"Num certo momento da madrugada, eu perguntei para Dona Renata, na presença de Marina, no que consistia a força admirável dos meninos e dela, principalmente, demonstrada diante de tamanho sofrimento e de tamanha dor. Ela calmamente tocou o "porta-retrato" (portarretrato) do Eduardo que estava sob o caixão e contou do quanto achava lindo o sorriso dele, do quanto ele inspirava a família a sorrir em todos os momentos da vida mesmo quando a dor fosse uma tortura. Então, disse que estava orgulhosa dele porque conseguiu deixar uma mensagem para o Brasil e realizada porque ele deixou um legado inspirador. Por fim, ela relembrou, como bom nordestino, do quanto ele gostava de contar "causos" e alegrar a vida de todos por onde passava. Então, sorrimos. Nós cinco." (Vereador Saulo Souza).

Sobre esses fatos, é possível dizer que, apesar de a fofoca ser avaliada pejorativamente, visto que trata de assuntos da vida alheia, e com intenções muitas vezes difamatórias, ela faz parte da ideologia do cotidiano, constitui-nos enquanto sujeitos. São notícias impossíveis de serem evitadas, pois as interações estão em constante movimento, fatos acontecem o tempo todo e, cada vez mais, as mídias ultrapassam suas próprias fronteiras genéricas, o que revela uma transformação do comportamento humano. Desvincular a fofoca de todas as publicações jornalísticas, por não estarem dentro do formato do gênero coluna

social, seria incoerente, já que é sabido da importância de interações, que são próprias das relações humanas.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de publicações de cunho político-partidário, com uma linguagem subjetiva, pois, embora trate de figuras políticas importantes, o tema é pejorativo e irrelevante. Observamos ainda, logo no primeiro contato com a informação, que o suporte pertence a uma rede de telecomunicações de sistema analógico e digital, que atua no mercado televisivo e virtual brasileiro, portanto, de grande impacto para a formação da opinião, ainda mais em época de eleições.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador, manifesta-se pelo gênero discursivo bastidores da política, uma ramificação da coluna social. Apresenta intergenericidade, pois, por meio de uma notícia de caráter subjetivo, trata de um tema sério, que é alguém desrespeitar um velório. O não-dito é a intenção político-partidária em denegrir a imagem da candidata Marina Silva. A última publicação, ainda sobre o mesmo tema, apresenta uma resposta explicando o ocorrido por meio das redes sociais.

Composição da cenografia: composta pelo locutor e interlocutor, o sujeito-enunciador é construído pelo ethos discursivo-jornalístico, cuja imagem é desfavorável à candidata à presidência Marina Silva ao ser flagrada rindo sobre o caixão de seu oponente político. Atualiza-se uma memória discursiva sobre acontecimento político trágico e ao mesmo tempo favorável à imagem da candidata à reeleição à presidência da república Dilma Rousseff, por ter sua imagem construída por meio do aliado Lula, de fazer parte de um partido em que os políticos são mais humanos do que no partido da outra candidata, Marina Silva.

O ambiente fotografado consta na memória discursiva do povo (co-enunciador) por se tratar de um ambiente de fácil reconhecimento, e que transporta à recordações de perda de entes queridos, por isso fica mais fácil sensibilizar o povo com essas publicações de caráter partidário.

O texto é pequeno e breve, característico dos gêneros de coluna social/notícia sobre bastidores da política (virtual). As fotografias são utilizadas como uma prova do fato ocorrido, fazendo literalmente o papel de fiador do texto, de tal maneira que a leitura da imagem e da legenda transmita praticamente toda a informação. Fato que corrobora com um dos apontamentos da retórica da imagem de Roland Barthes, conforme observamos, também, em outra análise. A fotografia de Marina Silva sugere que a então candidata à Presidência da República está feliz com a morte de seu oponente e praticamente festejando ao lado de seu aliado político, vereador Saulo, demonstrando perversidade política e ilusão de que, com a morte do

candidato, sua vitória seria certa. Na fotografia em que aparece o ex-presidente Lula, aliado de Dilma, o semblante triste e os olhos com lágrimas constroem o ethos de pessoa bondosa e digna de confiança.

Prosseguindo nas análises sobre a intergenericidade fofoca/notícia, selecionamos uma notícia cuja temática gira em torno de uma apostila utilizada pela então candidata Dilma Rousseff, como recurso para consultas diante de possíveis questões que lhe fossem feitas durante o debate presidencial transmitido pela Rede Globo. Tal material de apoio fora apelidado pela imprensa de “cola”. Seguem o texto da notícia e a fotografia, publicados no Jornal Digital Folha de São Paulo em 14 de outubro de 2014²⁹.



Figura 17: Dilma durante debate na Rede Globo

Candidatos estudam questões do debate mas não abrem mão da 'cola'

Tal qual uma prova de vestibular, a presidente Dilma Rousseff se prepara para os debates eleitorais na TV decorando todos os temas que podem vir a cair na prova".

Nos confrontos televisivos, a presidente passou a carregar uma apostila debaixo do braço. O calhamaço, de quase 90 páginas, é levado para o púlpito com tanta frequência que assessores já o apelidaram de "Bíblia". Outros, preferem o termo "cola".

"E a Bíblia vai crescendo a cada debate", brinca um auxiliar da presidente. O documento traz um conjunto de perguntas e respostas sobre os temas que podem ser tratados nos embates com os rivais, além de anotações de próprio punho da candidata.

No último debate da TV Globo antes do primeiro turno das eleições, no dia 2 de outubro, a "cola" desfilou na mão da petista. Para assessores, a apostila com dados de programas do governo e perfis de perguntas se destacou por conta do modelo do debate. Diferentemente dos anteriores, em que os candidatos permaneciam atrás de púlpitos, o da TV Globo obrigava o

²⁹Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1531986-candidatos-estudam-respostas-para-todas-perguntas-no-debate-mas-nao-abrem-mao-da-cola.shtml>>. Acesso em 10/12/2014.

participante a se levantar e dirigir-se para o centro do palco toda vez que era chamado para falar.

Se para a presidente a “Bíblia” funciona como um porto seguro na hora de enfrentar os adversários, para alguns de seus principais auxiliares, o objeto acaba aprisionando a candidata.

*Um interlocutor afirmou à **Folha** que, por vezes, a chefe tenta decorar dados, o que a faz perder a oportunidade de rebater seus rivais em temas sobre os quais domina de forma mais livre.*

No livro há ainda sugestões de réplicas e abordagens mordazes que ressaltam algumas fragilidades do adversário.

Segundo assessores, as páginas são atualizadas com dados que surgem a cada semana. Exemplo: se um novo escândalo envolvendo desvios na Petrobras aparece, há novas anotações de réplicas no quesito corrupção.

Apesar da ajuda para as horas de “branco”, assessoras querem a aposentadoria da “cola”. Isso porque, após o debate da TV Globo, monitoramento das redes sociais mostrou uma repercussão negativa por parte dos leitores. A cola vista como sinal de fraqueza e falta de domínio sobre os assuntos.

Tensão

Na véspera de cada um dos quatro debates do primeiro turno, Dilma repassou exaustivamente com coordenadores de sua campanha todos os dados de governo passíveis de serem explorados tanto por ela quanto por concorrentes.

Os números são checados pela assessora Sandra Brandão, apelidada de a “google de Dilma” pela função de ser uma espécie de memória auxiliar da presidente.

Nas reuniões, no Palácio do Alvorada ou em hotéis onde a petista se hospeda no dia do debate, Dilma passa por um treinamento: ministros fazem às vezes de mediador” e cronometram perguntas e respostas. Nessas ocasiões, os momentos são descritos como de muita tensão.

A “bíblia” ainda não resolveu um dos pontos fracos da candidata nos debates: ela costuma extrapolar o tempo para concluir suas falas.

Nesta eleição, Dilma dispensou o treinamento de Olga Curado, especialista em linguagem corporal que ajuda candidatos a se expressarem melhor. Olga foi rapidamente contratada por Aécio, que passou a modular o tom de voz, normalmente carregado de tom grave ao final de cada frase, e tem se esforçado para aparecer mais solto diante das câmeras.

“Não podíamos ter perdido a Olga. Ela sabe as fragilidades de Dilma”, avalia um coordenador petista.

É possível observar, nessa publicação, uma comparação partidária que induz a escolha de voto do leitor-eleitor, pela abordagem de fatos que beneficiam o candidato Aécio Neves como sendo o mais preparado a assumir o posto de Presidente da República. Antes de adentrarmos o texto da notícia, chama a atenção a escolha do gênero discursivo notícia, na seção Eleições 2014, em um processo intergenérico em que ele é predominante, já que o que se pretende *a priori* é informar.

Encontramos no texto uma notícia séria, com apresentação do fato (o recurso da apostila), mas, aí também ocorre um dialogismo intergenérico com o gênero reportagem, na

medida em que o jornalista recorre a diferentes fontes declarativas. Com efeito, a reportagem é definida como um “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações” (MELO, 1985, p. 65).

Entretanto, é possível associar esta notícia ao gênero primário fofoca, o que pode ser observado pela escolha do tema e pelo tom pejorativo na comparação da candidata Dilma, que usa a “cola”, e o candidato Aécio Neves, que não utiliza a “colinha”, pelo menos durante o debate, conforme este trecho, que finaliza a notícia.

AÉCIO TAMBÉM USA ‘COLA’

Poucas pessoas participam da preparação do candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, para os debates. Um grupo de no máximo cinco jornalistas se isola com o tucano, num processo que leva ao menos dois dias de trabalho.

Além de dados do governo federal e da gestão do tucano em Minas, a equipe de Aécio tenta simular, com base em assuntos explorados pela imprensa, nos discursos dos adversários e na propaganda eleitoral, perguntas a que ele terá que responder:

Definido como um político “instintivo”, Aécio dá pitacos e não segue receitas prontas para respostas.

A equipe do candidato também reúne informações, separadas por tema e área, em um livro, que Aécio leva para os estúdios de TV. Ele, no entanto, não usa a “colinha” durante os embates.

Essa mescla de gêneros acontece de forma dinâmica, por estar presente na memória histórica de nossa sociedade. Entretanto, a intenção política partidária é o principal combustível que moveu o interesse do Jornal em publicar um texto sobre tal tema, que, pela ótica analisada, atribui ao candidato Aécio Neves predicativos de “melhor preparado”, ao passo que Dilma Rousseff, por um procedimento inferencial, seria/estaria menos preparada, visto que precisa de “cola” para responder às perguntas do debate.

O apoio ao candidato Aécio Neves pelo Jornal é revelado nas entrelinhas do texto, organizado de acordo com a descrição da rotina da candidata Dilma Rousseff, que recebe o apoio de uma grande equipe para se preparar e enfrentar a sabatina. Já o outro candidato se prepara apenas com o auxílio de alguns jornalistas. Para a candidata, de quem se pretende diminuir a capacidade cognitiva, cria-se um subtítulo denominado “Tensão”. Nesse subtítulo encontramos uma descrição de como se prepara exaustiva e desnecessariamente a candidata Dilma Rousseff, evocando sua falta de desenvoltura nas falas.

O que reforça ainda mais a intenção da notícia é a imagem da candidata Dilma com a tal “bíblia”, que comprova o fato e confere uma maior veracidade ao fato exaustivamente criticado na notícia. Sobre o outro candidato, ao contrário, não há fotografias suas nos

bastidores e tampouco durante o debate. Esse silêncio/silenciamento de maiores detalhes sobre o preparo de Aécio Neves remete ao que, na análise do discurso, se considera, também, como discurso. Dito de outro modo, o não-dito sustenta o dito, nesse sentido, o silêncio por si só é revelador do posicionamento do veículo. Um silêncio “necessário à significação” (ORLANDI, 1997, 47), pois, “sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio” (idem, p. 47). Neste fato há a intenção de não dizer, pois está se dizendo apenas sobre aquele que não está preparado.

Para o leitor, tal “silêncio” passa, na maior parte das vezes, despercebido. No entanto, todo enunciado possui um enunciador pressuposto, o que significa que não há enunciado sem enunciador. Na enunciação jornalística escrita, é verdade, a voz do locutor é inaudível, silenciosa/silenciada, mesmo que, diante do co-enunciador (leitor), esse apagamento enunciativo desempenhe o papel de formador de opinião, portanto, de orador. Em uma perspectiva de análise do discurso, como vimos, “a noção de *ethos* se desenvolveu de forma articulada à cena de enunciação” (AMOSSY, 2005, p. 16). E ainda, como diz Maingueneau (2008b), “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, é até trivial” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 11).

A análise que se faz é de um *ethos* jornalístico partidário, imbuído de persuadir o co-enunciador a crer que o uso de um material de apoio desqualifica a candidata Dilma Rousseff. Em outras palavras, o modo de apresentação da candidata (*ethos*) por si só também afeta os sentidos, ou ainda, as representações identitárias a respeito da candidata do Partido dos Trabalhadores (PT).

Indo ainda mais longe, poderíamos entrever, nesse modo de apresentação da conduta de Dilma, que, ao recorrer à “cola”, “tal qual uma prova de vestibular” (no início do texto), a petista age de forma antiética, infringindo a lei. Esse sentido, à época da publicação da notícia, faz parte da memória discursiva do leitor sobre os supostos atos de corrupção praticados durante o governo da candidata à reeleição. Em um processo metafórico, a cola parece, pois, evocar a crise de corrupção pela qual passa o país, sendo a candidata representada, na notícia, como inapta a tomar decisões assertivas como Presidente do Brasil.

O *ethos* não é a imagem real do jornalista, mas a imagem que, no momento de seu discurso³⁰, ele pretendeu transmitir ao co-enunciador (leitor-eleitor). Pretendeu a partir de sua

³⁰ Candidatos estudam questões do debate, mas não abrem mão da cola.

posição partidária, “ganhar” votos para o candidato Aécio Neves. É nesse ponto que se observa o uso de uma informação que poderia ser trivial, também característica da fofoca, que se faz em torno dela uma verdadeira comparação entre os candidatos. Portanto, a notícia, séria, o fato noticiado é apenas sobre candidatos que se enfrentam em um debate. Entretanto, em um diálogo entre os gêneros notícia e fofoca, acaba-se dando ênfase ao teor da fofoca: o fato de que a então candidata Dilma Rousseff se serve de uma “cola” durante o debate.

Sob outro ângulo, é possível analisar o ethos dos próprios candidatos noticiados, fato impossível de não ser analisado, pois trata-se de figuras políticas representativas. Considerando que o conceito de ethos vem da retórica aristotélica, percebe-se que a candidata Dilma Rousseff não se preocupou em construir um ethos que demonstre preparo, tornando-se alvo de fofoca no meio jornalístico-midiático.

Retomando a análise da notícia sobre o debate entre Dilma e Aécio, a cenografia é bem particular. Com efeito, a notícia, intitulada “Candidatos estudam questões do debate, mas não abrem mão da cola”, apresenta o texto escrito e uma foto de Dilma, em que a candidata à reeleição folheia sua “cola”, durante o debate.

Esse modo de apresentar a notícia, ou seja, essa cenografia, está inserida na cena englobante do discurso jornalístico. Com relação à cena genérica, em princípio, trata-se de uma notícia veiculada em um jornal eletrônico, dentre os mais respeitados do país. A temática remete o texto e sua configuração cênica à notícia séria, na medida em que, tendo como subterfúgio a representação de uma notícia séria, ataca a candidata à reeleição com uma fofoca, pois o que está, de fato, em questão, não é apenas a notícia de um acontecimento, mas um discurso partidário.

Sob a moldura do quadro cênico estabelecido, tem-se um discurso jornalístico que se materializa dentro da esfera considerada séria, destinada a leitores de notícias políticas, direcionada a todas as classes socioeconômicas. Esse quadro cênico serve de moldura para a cenografia, momento em que o texto expressa seu querer-dizer, tornando-se um dizer legítimo. É a partir dessa configuração enunciativa que os efeitos de sentido serão produzidos.

Como vimos, por sobre o pano de fundo cênico constituído pelo tipo de discurso (jornalístico) e pelo gênero primário fofoca, o jornalista compõe a cenografia de seu enunciado, interpelando o potencial leitor por meio de um texto que aborda a importância de se observar a capacidade de gestão política do candidato.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de publicação de cunho político-partidário, com uma linguagem mista que oscila entre a objetividade e a

subjetividade, pois, embora trate de figuras políticas importantes, o tema é pejorativo (“cola”) e irrelevante para o andamento da campanha presidencial. O meio de transmissão é digital.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador manifesta-se pelo gênero discursivo notícia com nuances de bastidores da política, uma ramificação da coluna social. Apresenta intergenericidade, pois por meio de uma notícia de caráter sério, apresenta um ethos discursivo-jornalístico com tom subjetivo. O ethos discursivo-jornalístico constrói uma imagem favorável ao candidato Aécio Neves em detrimento da outra candidata. O não-dito é a intenção político-partidária em denegrir a imagem da candidata Dilma Rousseff.

Composição da cenografia: composta pelo locutor e interlocutor. O sujeito-enunciador construído pelo ethos discursivo-jornalístico que atualiza uma imagem desfavorável à candidata à reeleição Dilma Rousseff ao utilizar sem ressalvas uma “cola” na mão, durante um debate televisivo, evidencia uma memória discursiva sobre a má fama da “cola”, que carrega um sentido histórico negativo, associado ao mau aluno, que infringe as regras de um exame ao consultar as anotações sobre seu teor. O ambiente fotografado consta na memória discursiva do telespectador, que assiste aos debates políticos tradicionalmente transmitidos pelas principais emissoras de televisão. Ao publicar o fato transmitido na televisão, o ethos discursivo-jornalístico pretende construir uma imagem negativa da candidata à reeleição Dilma Rousseff.

O texto é longo e extenso, característico de uma notícia séria. A fotografia funciona, também neste exemplo, como fiador da mensagem, na medida em que se vê Dilma consultando a “cola”. A partir da fotografia de Dilma Rousseff, sugere-se que a então candidata à reeleição para a Presidência da República estava despreparada para reassumir seu posto de governante de um país.

Ainda sobre os limites entre fofoca e notícia, terminaremos este capítulo com a análise de uma fofoca internacional sobre o caso conjugal do ex-Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, nos anos 1990. O Interlocutor é o co-enunciador (leitor/internauta).

Internacional

ÚLTIMAS | COLUNAS | BLOGS



Hillary diz ter virado a página sobre o caso Monica Lewinsky

O ESTADO DE S. PAULO

10 Junho 2014 | 08h 50 - Atualizado: 10 Junho 2014 | 08h 55

Ao ser questionada se em alguma ocasião chamou a amante do marido de "lunática narcisista", ex-primeira-dama se limitou a dizer: 'Não vou comentar o que disse ou deixei de dizer nos anos 90'

WASHINGTON - A ex-secretária de Estado e ex-primeira-dama dos Estados Unidos, Hillary Clinton, garantiu em uma entrevista televisiva exibida na noite de segunda-feira, 9, que virou a página sobre o caso extraconjugal de seu marido, o ex-presidente Bill Clinton, com a ex-estagiária Monica Lewinsky.

"Ela é perfeitamente livre para falar sobre o escândalo. A vejo como uma americana que se expressa como bem entende. Mas não é algo sobre o qual eu pense demais", disse Hillary em uma entrevista à emissora ABC, na véspera do lançamento de seu novo livro de memórias, *Hard Choices (Decisões difíceis*, em tradução livre).

A notícia foi publicada na seção "Internacional" do site do jornal *O Estado de São Paulo*, em 10 de junho de 2014³¹. Quatorze anos depois do ocorrido, nota-se que as colunas sociais se interessam pelo fato porque desperta curiosidade, e também por se tratar de uma figura política proeminente, envolvida em um episódio de traição no passado.

Na conjuntura atual, o fato não parece ser de grande relevância para os estadunidenses, tampouco para os brasileiros. Todavia, a publicação é feita em "Notícias internacionais do Estadão", indicando o pertencimento do texto à cena genérica da notícia. Novamente, os limites entre fofoca e notícia revelam-se frouxos, indicando a relação muitas vezes tênue entre

³¹ Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,hillary-diz-ter-virado-a-pagina-sobre-o-caso-monica-lewinsky,1509301>>. Acesso em 12 de outubro de 2014.

eventos corriqueiros e sua repercussão junto ao eleitorado. São questões que, apesar de interessantes para a pesquisa, mereceriam um espaço maior para se desenvolverem a contento.

Cena englobante: O co-enunciador observará que se trata de publicações, de cunho político de cenário internacional, com uma linguagem subjetiva, pois embora trate de figuras políticas importantes, o tema é pouco relevante e subjetivo. No entanto, a notícia vem dialogar com a atualidade da política estadunidense, na medida em que Hillary Clinton integra o governo de Barack Obama, presidente dos Estados Unidos à época da publicação³². Aqui também, o sentido da notícia parece orientado por não-ditos, com influência sobre a formação da opinião.

Cena genérica: o contrato estabelecido pelos participantes, enunciador e co-enunciador, manifesta-se pelo gênero discursivo notícias internacionais. Apresenta intergenericidade, pois trata de um tema de foro íntimo do casal presidencial, mas é veiculado em uma notícia de repercussão internacional.

Composição da cenografia: O sujeito-enunciador construído pelo ethos discursivo-jornalístico apresenta uma imagem de quem tem por objetivo obter a adesão de internautas curiosos. O locutor evidencia uma memória discursiva de quatorze anos depois do ocorrido. O texto é pequeno e breve, característico dos gêneros de coluna social/ notícia sobre bastidores da política virtual.

³² Hillary Clinton foi Secretária de Estado do governo Obama entre 2009 e 2013.

CAPÍTULO 4

A FOFOCA MIDIÁTICA COMO OBJETO DE ENSINO

Iniciamos este capítulo com uma breve reflexão sobre o impacto da tecnologia no ensino-aprendizagem de gêneros discursivos. Em seguida, abordamos o fazer pedagógico propondo uma sugestão de sequência didática para transposição dos gêneros fofoca, coluna social e notícia, satisfazendo, dessa forma, a inquietação da pesquisadora em voltar a pesquisa para a sala de aula.

Essa sequência didática sugere cinco sessões de atividades (módulos) que envolvem a fofoca, a coluna social e a notícia, garantindo, dessa forma, uma contribuição mais concreta, como forma de desenvolver, no aluno, a habilidade de leitura crítica frente ao objeto desta pesquisa.

O anseio em buscar alternativas para a formação de leitores críticos surge a partir de nossa vivência em sala de aula, por muitas vezes presenciarmos a inércia do aluno frente às leituras solicitadas, em contraposição a sua empolgação desmedida quando se trata de comentar a última notícia sobre determinado famoso, seja artista ou figura política. Pretendemos, desse modo, conjugar as necessidades de aprendizagem aos hábitos de leitura dos alunos.

4.1 Os hábitos de leitura na era da tecnologia: desafios para o ensino

O impacto da tecnologia no ensino-aprendizagem, desde as últimas décadas, demanda algumas reflexões, considerando-se que, na atualidade, existe um paradoxo a respeito dos benefícios ocasionados pelo advento da Internet. Pois, se esse veículo de transmissão da informação em escala global oferece acesso a múltiplos saberes, por outro lado, deve-se pensar sobre a capacidade dos alunos de construir tais conhecimentos. Segundo Pozo (2002, p. 30), não existe nenhum “[...] conhecimento verdadeiro, socialmente relevante, que devamos repetir cegamente como aprendizes, [pois] teremos de aprender a construir nossas próprias verdades relativas que nos permitam tomar parte ativa na vida social e cultural”.

Com efeito, é bastante comum encontrarmos um adolescente com um celular acessando alguma informação na Internet, seja conversando em redes sociais, como *Facebook*, *Orkut*, *MSN*, seja fazendo pesquisas de vídeos, sobretudo quando se trata de publicações postadas por eles mesmos.

Entretanto, poucos adolescentes utilizam a Internet para pesquisas escolares voltadas, por exemplo, para assuntos culturais, dentre outras temáticas que possam contribuir, efetivamente, para a construção dos conhecimentos necessários para sua formação escolar, bem como para seu desenvolvimento intelectual, para além da escola. É nesse momento que a intervenção do professor faz-se necessária; é esse profissional que orientará o aluno quanto a quais pesquisas e quais caminhos deve seguir na *web* para construir sua formação crítica de leitura.

Para que isso ocorra, é necessário partir do princípio de que a interação professor-aluno é pautada por uma busca constante de reconhecimento e análise crítica dos diversos gêneros discursivos existentes na sociedade. O enfoque nos estudos da linguagem em sala de aula a partir dos gêneros discursivos é bastante disseminado no Brasil pela Linguística Aplicada, que é definida por Brumfit (1995, p. 27) como “investigação empírica e teórica de problemas do mundo real nos quais a linguagem é uma questão central”. Em nossa pesquisa, pautada na Análise do discurso, sob a ótica de uma explicação de texto renovada (MAINGUENEAU, 1997), também privilegiamos os gêneros discursivos sob as perspectivas bakhtinianas, dentro do quadro cênico (MAINGUENEAU, 1997), e considerando a cenografia e a observância do ethos discursivo nas análises dos textos.

Enfim, entendemos que o aluno da atualidade terá de saber mais do que simplesmente teclar com um amigo ou uma amiga, para, de fato, estar preparado para uma interação social de sucesso. Terá de dominar digitação, programas, documentos; e, para tanto, a prática docente deve estar além da lousa, pois, “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida das cidades de maneira ética, crítica e democrática” (ROJO, 2009, p. 107).

Quanto ao professor, além do conhecimento de *hardwares e softwares*, ele precisa estar preparado para abordar conteúdos que o aluno venha, porventura, a encontrar no mundo virtual. Desse modo, no que se refere a tais práticas, renovadas, de letramento, a formação do professor torna-se primordial.

Com o desafio de compreender como se pode orientar o aluno quanto ao conteúdo virtual, e pensando em uma resposta que atenda aos anseios do sujeito-professor, propomos um trabalho didático pautado no desenvolvimento do senso crítico do aluno-leitor. Esse objetivo, a nosso ver, só pode ser atingido considerando-se que não há, propriamente, *o que* ensinar, e sim *como* orientar os alunos na leitura de textos como aqueles pertencentes aos

gêneros coluna social, por exemplo, em que se questiona o vestido comprado pela funkeira Anitta para ir ao casamento dos artistas Thiaguinho e Fernanda Souza.

Portanto, transformar alunos em cidadãos, conscientes de que não há exatamente uma única verdade a ser seguida, mas sim várias verdades a serem conhecidas e analisadas, cabendo-lhes um posicionamento a esse respeito, parece-nos função primeira de todo professor.

Dessa forma, pretendemos contribuir para a formação de um cidadão capaz de construir opinião própria a partir de um senso crítico de leitura, e ainda, capaz de contribuir com a sociedade, por meio de posicionamentos positivos e conscientes frente às diversas situações de compreensão e de produção de linguagem.

4.2 Gêneros do discurso e ensino

Embora os escritos de Bakhtin (2000) não se interessassem diretamente pela questão do ensino dos gêneros discursivos, a partir do final dos anos 1990, no Brasil, surgiram inúmeros estudos relacionados a seus escritos sobre o tema, em particular a partir da publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), em 1998. Esse documento oficial do Ministério da Educação do Brasil (MEC) preconiza que:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. (PCNs, 1998, p. 21)

A transposição didática dos gêneros, torna-se, então, uma realidade, vigente até os dias atuais. Por essa ótica, o trabalho com a leitura e a escrita passa, inevitavelmente, pela concepção de que os falantes se comunicam por enunciados de gêneros, e não por frases isoladas. A esse respeito, Chaves (2004) explica que:

A abordagem do estudo da língua com base na escolha de um gênero do discurso que se realiza em um determinado texto que circula na sociedade justifica-se igualmente pela incompletude do estudo tradicional centrado na gramática. De fato, as unidades mínimas da língua, que constituem o objeto de estudo da gramática tradicional, não suprem totalmente as necessidades comunicativas dos aprendizes em suas práticas discursivas, pois, ao interagirem em situações cotidianas concretas, os falantes se servem do sistema lingüístico com a finalidade específica de elaborar um discurso apropriado à situação de comunicação em que se encontram. (CHAVES, 2004, p. 54)

Sobre o surgimento do interesse dos linguistas sobre o ensino dos gêneros, Brandão afirma:

A questão do gênero foi primeiro preocupação da poética e da retórica e não da lingüística, por uma dupla razão: primeiro porque, enquanto uma ciência específica da linguagem, a lingüística é recente e depois porque sua preocupação inicial foi com as unidades menores que o texto (o fonema, a palavra, a frase) . Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão da classificação. Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar apenas com textos literários, mas volta-se também para o funcionamento de qualquer tipo de texto. (BRANDÃO, 2004, p. 2)

A partir da definição bakhtiniana dos gêneros discursivos, isto é, tipos relativamente estáveis de enunciados, caracterizados por um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional (BAKHTIN, 2000, p. 279), inúmeros trabalhos contribuem no sentido de introduzir uma distinção entre texto e discurso. Para Marcuschi (2003, p. 24) o texto é “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”, e o discurso é “aquilo que o texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”.

Portanto, vislumbra-se a materialização dos textos a partir de gêneros discursivos, que constituem práticas de linguagem sócio-históricas e culturais. Desse modo, no ensino e aprendizagem de textos, espera-se que o aluno produza textos levando em conta o conhecimento prévio sobre a forma do gênero, mas também sobre seu contexto de recepção, ou seja, sobre seu interlocutor e a situação, imediata e histórica, em que este está inserido. Dito de outro modo, o gênero textual possibilita estabelecer um critério de comunicação a cada situação e público com o qual interagimos verbalmente.

Ao se privilegiar, no ensino do texto, os estudos sobre os gêneros, fez-se necessário, para fins didáticos, o surgimento de outra terminologia, no intuito de classificá-los tipologicamente. Apresentaremos a terminologia de Marcuschi (2003), que, a exemplo de outros autores, distingue gêneros textuais de tipos textuais, conforme citação a seguir:

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de

restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa o espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 22)

Marcuschi (2003) observa, ainda, que em um único texto, pertencente a um gênero, podemos encontrar mais de uma tipologia, fenômeno a que ele chama de heterogeneidade tipológica, relacionada   estrutura composicional do gênero. Um exemplo   a carta familiar, em que a tipologia narrativa convive lado a lado com a descri o e o diálogo.

Entretanto, o pesquisador alerta que não se deve considerar que há uma dicotomia, ou ainda, que os gêneros textuais são opostos aos tipos textuais, mas que são complementares e integrados, conforme a cita o seguir:

[...] não devemos imaginar que a distin o entre gêneros e tipo textual forme uma visão dicot mica, e sim, que são complementares e integrados. Não subsistem isolados nem alheios um ao outro, são formas constitutivas de texto em funcionamento. (MARCUSCHI, 2008, p. 158)

Paralelamente a isso, trataremos a questão da intergenericidade, quando os gêneros misturam suas fun es e formas, como mais acima expusemos a respeito das considera es de Chaves (2010), cuja tese trata sobre o dialogismo intergenérico. Marcuschi (2008, p. 164) diz que “[...]   comum burlarmos o cânon de um gênero fazendo uma mescla de formas e fun es”, mas essa mescla “[...] não deve trazer dificuldade alguma para a interpretabilidade já que impera o predomínio da fun o sobre a forma na determina o interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e dinamicidade dos gêneros” (idem, 2008, p. 166).

  dentro dessa perspectiva sobre o ensino de gêneros discursivos que analisaremos a fofoca intergenericamente ligada   coluna social e   notícia. A cumplicidade entre esses dois gêneros torna-se tão comum que dificilmente o leitor da notícia se colocar  como um fofoqueiro, mas como um leitor de uma notícia como qualquer outra que poderia estar lendo naquele momento. Tal fato não deve ser avaliado negativamente, apenas sugerimos que, com as atividades que compõem a sequência didática proposta a seguir, os alunos tenham um julgamento mais amplo quando se depararem com tais notícias, sejam essas notícias da coluna *notícia* ou da coluna *social*, e que passem a não se envolver tanto com o fato noticiado, se acaso o assunto não tiver nenhuma contribui o para o seu desenvolvimento intelectual ou uma interferência direta no seu dia a dia.

4.2.1 Sequência Didática “Fofoca, coluna social e notícia: desenvolvendo a leitura crítica”

Este item é dedicado à descrição de uma sequência didática idealizada pela pesquisadora, cujo objetivo limitou-se, nesta pesquisa³³, a uma sugestão de atividade com o gênero primário fofoca e seu desenvolvimento na linguagem escrita, enquanto gênero secundário coluna social e notícia.

No que se refere ao projeto didático-pedagógico, a sequência foi pensada para a disciplina de Língua Portuguesa, das séries finais do Ensino Fundamental II, ou seja oitavo e nono ano. A sequência também pode ser adaptada para todos os anos do Ensino Médio, na mesma disciplina, tendo como objetivo final, nesse caso, a produção textual. Em todos os casos, indicamos observar os objetivos e as necessidades reais da série, traduzidas no referencial curricular da escola e nas capacidades de linguagem dos alunos.

Nossa proposta é orientada pelas pesquisas de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.103) acerca da transposição didática de gêneros na escola, em que o instrumento geral da sequência didática parte de uma produção inicial, passando por módulos, até atingir a produção final.

A noção de sequência didática é definida como “um conjunto de módulos escolares organizados sistematicamente em torno de uma atividade de linguagem dentro de um projeto de classe” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 60), e será utilizada como metodologia eficiente para alcançar os objetivos didáticos que se baseiam na formação de leitores críticos.

Propomos, assim, uma sequência didática organizada da seguinte forma:

Sequência Didática	
Fofoca, coluna social e notícia: desenvolvendo a leitura crítica	
Produção inicial	
Módulo 1	Da fofoca oral à fofoca na mídia: primeiro contato
Módulo 2	Informações implícitas em publicações de colunas sociais
Módulo 3	A fofoca na imprensa: consequências do boato
Módulo 4	A intergenericidade: fofoca e história em quadrinhos
Módulo 5	A leitura crítica em notícias sobre os bastidores da política
Produção Final	

³³ Destacamos que a sequência didática concebida não foi aplicada em nenhuma turma.

A sequência didática parte de uma produção textual inicial para diagnosticar a representação discursiva do aluno sobre os gêneros fofoca, coluna social e notícia. Em seguida, dar-se-á início aos módulos 1 (um) a 5. Finalmente, os alunos deverão realizar uma produção final. A título de exemplo, a sequência didática poderá ser incorporada a um projeto da escola sobre os gêneros jornalísticos.

PRODUÇÃO INICIAL

Objetivo Geral	Diagnosticar a representação discursiva dos alunos sobre os gêneros coluna social e notícia.
Objetivos específicos	Reconhecer o nível de compreensão dos alunos sobre os gêneros fofoca e coluna social; Observar a ortografia; Observar a coerência e coesão
Texto base	Uma fotografia de imprensa da atriz Isis Valverde com um decote provocante. (EGO)
Metodologia	Orientar os alunos a observar uma fotografia que retrata a atriz Isis Valverde usando um vestido com um decote provocante. Em seguida, orientá-los a produzir uma fofoca e uma coluna social sobre a mesma figura. O aluno, por meio da escrita, deverá reproduzir uma fofoca, como uma pessoa falando informalmente sobre alguém, e depois produzir uma notícia sobre um acontecimento, como se fosse um repórter.

Observe a imagem a seguir e produza uma fofoca e uma coluna social sobre a mesma figura. Você agirá como uma pessoa falando informalmente sobre alguém, e depois agirá como um repórter que está divulgando um acontecimento. Há diferença no uso da linguagem!

- a) Produza uma fofoca a partir da imagem a seguir.
- b) Produza um texto de coluna social a partir da imagem a seguir.



Figura 18: Fotografia de Isis Valverde em evento de moda

MÓDULO 1: DA FOFOCA ORAL À FOFOCA NA MÍDIA: PRIMEIRO CONTATO

Objetivo Geral	Sensibilizar o aluno sobre o tema fofoca na atualidade; Refletir de forma crítica sobre o novo aplicativo <i>Secret</i> , considerando-o como um suporte para a fofoca nos tempos atuais.
Objetivos específicos	Comparar a fofoca e a notícia, observando essa evolução ao longo do tempo; Refletir sobre o que o aluno acessa diariamente na Internet; Reconhecer o gênero discursivo notícia, e refletir a seu respeito, sob a perspectiva de sua origem, representada pelo gênero primário fofoca.
Texto base	Texto 1: Com 45 dias de vida, aplicativo de fofoca levanta US\$ 8,6 milhões de dólares (FOLHA); Texto 2: Em Boa Vista, jovem registra BO após ser citada no aplicativo <i>Secret</i> . (G1)
Atividades	Funções de Linguagem; Compreensão de texto.
Metodologia	O professor iniciará uma conversa reflexiva sobre a função social dos gêneros fofoca, coluna social e notícia, a partir de uma atividade que

	proporcione a sensibilização dos alunos sobre os gêneros propostos; Em seguida, o professor orientará o aluno a responder às questões propostas e, finalmente, fará a correção com a turma.
--	---

Leia os textos 1 e 2 e, em seguida, realize as atividades propostas:

Texto 1: Com 45 dias de vida, aplicativo de fofoca levanta US\$ 8,6 milhões de dólares³⁴

O *Secret*, um *app* para espalhar fofocas anonimamente, foi lançado há apenas 45 dias, mas já se tornou sucesso entre os investidores bem informados do Vale do Silício³⁵. Agora a companhia iniciante que desenvolveu o aplicativo levantou US\$ 8,6 milhões para lançá-lo em um mercado mais amplo.

O *Secret* foi lançado como aplicativo para iPhone nos Estados Unidos e no Canadá em janeiro, mas ainda não está disponível em versão *Android*, nesses países ou em outro qualquer lugar do mundo. Tampouco há versões para outros celulares.

O atrativo do *app* está em conectar pessoas em redes sociais com base nas agendas de contato de seus *smartphones* – o mesmo método usado pelo *WhatsApp* – e depois permitir que esses usuários troquem segredos anonimamente dentro da rede assim formada.

O aplicativo se tornou sucesso nos círculos do vale do Silício, especialmente entre funcionários querendo desabafar sobre as empresas de tecnologia para as quais trabalham [...].

Texto 2: Em Boa Vista, jovem registra BO após ser citada no aplicativo Secret³⁶

Denunciante citada em mensagem não é usuária da rede social. Aplicativo permite que usuários compartilhem 'segredos' de forma anônima.

Uma jovem de 19 anos registrou um Boletim de Ocorrência (BO) nessa quarta-feira (13) após ter sido citada no '*Secret*', aplicativo que compartilha mensagens de forma anônima. A denúncia foi formalizada na Central de Flagrantes II, na zona Oeste de Boa Vista.

³⁴ <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/03/1427583-com-45-dias-de-vida-aplicativo-de-fofoca-levanta-us-86-milhoes.shtml>. Acesso em 5/9/2014.

³⁵ O termo original inglês **Silicon Valley** traduzido como **Vale do Silício**, está situado na Califórnia, Estados Unidos, região denominada de polo industrial e que concentra diversas empresas de tecnologia da informação, computação entre outras. O local começou a se desenvolver no ano de 1950, com o objetivo de gerar e fomentar inovações no campo científico e tecnológico. A maioria das empresas instaladas na região, são do ramo da eletrônica, informática e componentes eletrônicos. O nome Silício é utilizado como homenagem ao próprio elemento químico (Si), que é a matéria-prima básica e de fundamental importância na produção da maior parte dos circuitos e chips eletrônicos. Fonte: <http://www.infoescola.com/informatica/vale-do-silicio/> acesso em 03/12/2014.

³⁶ <http://g1.globo.com/rr/roaima/noticia/2014/08/em-boa-vista-jovem-registra-bo-apos-ser-citada-no-aplicativo-secret.html>. Acesso em 10/9/2014.

Segundo a denunciante, que não possui o aplicativo, uma amiga lhe informou sobre a mensagem que estaria circulando na rede social. "Ela mandou para mim o *print* da mensagem e me explicou como funciona o *App* e tudo mais. Então, liguei para o meu pai", informou.

A mensagem que cita o nome da denunciante e outras expressões teria pego a jovem de surpresa. Outro usuário do *App* ainda fez um comentário logo abaixo da publicação. "Eu acho que esse tipo de difamação afeta não apenas a pessoa, mas também seus familiares. Fiquei muito desesperada quando vi isso", comentou a jovem que preferiu não ser identificada.

1) Com base nas leituras realizadas, comente em cinco linhas a semelhança entre o que você sabe sobre o ato de fofocar e a função do aplicativo *Secret*.

2) Marque V (verdadeiro) e F (falso) para as afirmações a seguir:

- () *Secret* é um gênero textual.
- () *Secret* é um suporte que publica o gênero fofoca.
- () *Secret* é um aplicativo de fofoca.
- () *Secret* é um aplicativo de notícia.

3) Após ler os textos 1 e 2, você conclui que leu:

- a) Duas fofocas sobre o aplicativo *Secret* envolvendo uma jovem de 19 anos.
- b) Duas notícias sobre o aplicativo *Secret*, que é um gênero textual.
- c) Dois textos de divulgação científica sobre as novas fofocas.
- d) Uma notícia sobre o surgimento de um aplicativo de fofoca e outra notícia sobre uma jovem que abriu um Boletim de Ocorrência porque foi citada em conversa no aplicativo *Secret*.

4) Leia o trecho abaixo e indique qual função da linguagem prevalece.

“Uma jovem de 19 anos registrou um Boletim de Ocorrência (BO) nessa quarta-feira (13) após ter sido citada no '*Secret*', aplicativo que compartilha mensagens de forma anônima. A denúncia foi formalizada na Central de Flagrantes II, na zona Oeste de Boa Vista.”

- a) Função metalinguística.
- b) Função emotiva.
- c) Função fática.
- d) Função conativa.

e) Função referencial.

5) “Ela mandou para mim o *print* da mensagem e me explicou como funciona o *App* e tudo mais. Então, liguei para o meu pai”. Neste trecho, a função da linguagem que prevalece é a:

- a) Função metalinguística.
- b) Função emotiva.
- c) Função fática.
- d) Função conativa.
- e) Função referencial.

6) “O *Secret*, um *app* para espalhar fofocas anonimamente.”

O trecho acima representa a função da linguagem _____.

Gabarito da atividade 1:

- 1) Pessoal
- 2) F-V-V-F
- 3) d- Uma notícia sobre o surgimento de um aplicativo de fofoca e outra notícia sobre uma jovem que abriu um Boletim de Ocorrência porque foi citada em conversa no aplicativo *Secret*
- 4) e- Função referencial
- 5) b- Função emotiva.
- 6) metalinguística.

MÓDULO 2: INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS EM PUBLICAÇÕES DE COLUNAS SOCIAIS

Objetivo Geral:	Despertar, nos alunos, a reflexão sobre as leituras que realizam na Internet, de modo a perceberem informações implícitas.
Objetivo específico:	Reconhecer o gênero discursivo coluna social; Refletir sobre a origem da coluna social enquanto gênero secundário, em sua relação com o gênero primário fofoca.

Texto base:	<ul style="list-style-type: none"> • Texto de coluna social: “Após festa de casamento, Anitta vai embora no carro de Luan Santana”³⁷ (EGO) • Texto de coluna social: “Anitta bomba na web por usar look de fast fashion no casamento de Thiaguinho e Fê Souza”³⁸ (CAPRICHOS);
Atividades	Compreensão de texto e interação oral a partir de questões discursivas.
Metodologia	As questões devem ser respondidas sob a forma de interação oral durante a projeção dessa coluna social em sala de aula, pelo suporte vídeo-projetor, com posterior registro no caderno. A partir desses resultados, o professor poderá tecer algumas considerações sobre o gênero notícia, no intuito de despertar nos alunos uma visão crítica sobre o gênero coluna social, sensibilizando-os para os motivos pelos quais um site de notícias publica tal texto. Concluir, em discussão final desse módulo com os alunos, que notícias sobre a vida pessoal de celebridades são atrativas, enquanto assuntos de maior relevância social, relativos à política, por exemplo, parecem ficar diluídos, estabelecendo-se aí uma certa alienação social.

Leia os textos 1 e 2 e, em seguida, responda às questões propostas:

publicada em 25/2/2015 | atualizada em 25/2/2015

Após festa de casamento, Anitta vai embora no carro de Luan Santana

Cantora deixou a festa de Fernanda Souza e Thiaguinho, na madrugada desta quarta, 25, de carona com o sertanejo.

³⁷ <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/02/apos-festa-de-casamento-anitta-vai-embora-no-carro-de-luan-santana.html>. Acesso em 25/02/2015.

³⁸ <http://capricho.abril.com.br/famosos/anitta-vira-assunto-web-usar-vestido-loja-popular-casamento-thiaguinho-fe-souza-840880.shtml>. Acesso em 25/02/2015.



Luan Santana, Anitta, Luiza Possi e Leo Fuchs
Foto: reprodução/Instagram)

O clima de amor e romance do **casamento** de **Fernanda Souza e Thiaguinho**, na noite desta terça-feira, 24, em São Paulo, tocou os convidados. Apesar de haver **muitos casais entre os famosos**, alguns solteiros também tentaram sair do "zero a zero". Ao que tudo indica, este foi o caso de **Luan Santana**.

Segundo fonte do **EGO**, o cantor - que foi apenas à festa, não participando da cerimônia - tentou conquistar uma das convidadas mais badaladas da noite: a

cantora **Anitta**.

Os dois quase não foram vistos conversando **durante a festa**, mas acabaram deixando o local juntos, no carro do sertanejo. "Ela pegou uma carona com ele sim, os dois saíram no mesmo carro, depois das 4h da manhã. Não rolou nada. Pode até ser que aconteça, porque eles estão próximos, mas eles não devem assumir ou confirmar", afirma a fonte próxima dos cantores.



Anitta e Luan Santana evitaram ficar próximos um ao outro durante a festa (Foto: Reprodução/Instagram)

Luan saiu dirigindo um de seus carros, uma Dodge Durango branca, avaliada em pouco mais de R\$150 mil reais, e deixou Anitta no bairro Jardins antes de seguir pra casa.

Procurada pelo **EGO**, a assessora de imprensa de Luan garantiu que não rolou nada, nem um beijo, entre os dois: "É só amizade mesmo." A assessora disse ainda desconhecer o fato de Anitta e Luan terem ido embora juntos e minimizou: "Carona a gente dá para amigo, ela não mora em São Paulo. Não significa que rolou algo".

O sertanejo está solteiro desde o término do **namoro com Jade Magalhães, em 2014**. Já o **último relacionamento assumido de Anitta foi com o empresário Daniel Trovejani**.

Figura 19: Publicação de coluna social sobre Anitta e Luan Santana

Anitta bomba na web por usar look de fast fashion no casamento de Thiaguinho e Fê Souza

Por Bruno Dias Fotos: Reprodução/ Twitter, em 25/02/2015 às 12:15

 Curtir < 1,1 mil
  Tweetar
  Pin it
  G+1 < 2
  Share < 954

Cantora teria usado vestido da Versace para Riachuelo que custa R\$ 79,90



Anitta já deve estar acostumada a ser um dos assuntos mais comentados na internet e na noite de terça-feira (24/2) ela foi novamente alvo de críticas. A cantora chegou ao casamento de Fernanda Souza e Thiaguinho na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, em São Paulo, usando um vestido que seria da coleção da Versace para Riachuelo.

A conta no Instagram *Paguei Baratinho* revelou que o vestido longo usado por Anitta custava R\$ 349,90, mas estava recentemente em promoção na rede de lojas por R\$ 79,90.

Figura 20: Publicação de coluna social sobre cantora Anitta

Roteiro de perguntas para as análises discursivas das colunas sociais:

- 1) Quem são as personalidades noticiadas?
- 2) Qual fato é noticiado?
- 3) Qual é o grau de relevância dessas publicações para o meu desenvolvimento enquanto leitor-cidadão?
- 4) Já que tive acesso a essas informações, o que posso extrair de aprendizado enquanto leitor-cidadão?

MÓDULO 3: A FOFOCA NA NOTÍCIA: CONSEQUÊNCIAS DO BOATO

Objetivo Geral	Compreender a diferença entre coluna social e fofoca; Diferenciar o gênero fofoca do gênero boato; Proporcionar reflexão sobre as consequências desastrosas de um boato na vida das pessoas. A atividade propõe uma leitura reflexiva acerca do boato do fim do benefício bolsa família.
Objetivo específico	Sensibilizar os alunos sobre a importância da confirmação de informações que chegam sem uma fonte segura, considerando-se a dimensão da importância do programa federal Bolsa Família para os beneficiados.
Texto base	“Boato sobre fim do Bolsa Família causa confusão e tumulto em Estados do Nordeste” ³⁹ (UOL)
Atividades	Compreensão de texto; Pesquisa; Produção escrita.
Metodologia	Iniciar a aula com notícia sobre o boato do fim do bolsa família, discutir o tema e, posteriormente, solicitar aos alunos que respondam às questões propostas.

Observe a imagem e leia a notícia a seguir:

³⁹<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/05/19/boato-sobre-fim-do-bolsa-familia-causa-confusao-e-tumulto-em-estados-do-nordeste.htm/>. Acesso em 20/08/2014.

Boato sobre fim do Bolsa Família causa confusão e tumulto em Estados do Nordeste 🗨️ 361

Aliny Gama
Do UOL, em Maceió 19/05/2013 | 00h26 > Atualizada 19/05/2013 | 13h24



Figura 21: Notícia envolvendo o boato sobre fim do Bolsa Família

Movimentação de beneficiários do Bolsa Família em agência da Caixa Econômica Federal na cidade de Maceió (AL) neste sábado (18)

A falsa informação de que o programa do governo federal Bolsa Família seria extinto neste sábado (18) causou correria, confusão e tumulto em Estados do Nordeste no fim da tarde. O boato levou beneficiários a tentar sacar o dinheiro em casas lotéricas e terminais de autoatendimento da CEF (Caixa Econômica Federal).

O governo Federal e a Caixa emitiram notas desmentindo a história e afirmaram que o calendário de pagamento continua valendo.

A CEF do Maranhão admitiu que, no Estado, os boatos começaram após a ocorrência de um atraso no cronograma do pagamento do Bolsa Família deste mês de maio. Ao menos nove terminais de autoatendimento foram depredados devido no Estado.

Também há relatos de tumultos nos Estados da Bahia, Alagoas e Piauí.

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, determinou que a Polícia Federal abra inquérito para apurar a origem do boato sobre a suspensão do Programa Bolsa Família, segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).

1) Marque V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações a seguir:

- () A publicação é um boato.
- () A publicação é uma notícia.

- () A notícia publica a ocorrência de um boato.
 () O boato é falso.
 () O boato é verdadeiro.

2) Utilize seu conhecimento prévio sobre os gêneros a seguir, e relacione-os às definições correspondentes. Depois, discuta sobre as respostas com o seu professor.

- (1) Fofoca
 (2) Boato
 (3) Notícia
 () Gênero estritamente oral, presente desde os primórdios da humanidade na conversa cotidiana das pessoas.
 () Gênero que possui como primazia o puro registro dos fatos, sem dar opinião.
 () Gênero que pode se propagar por meio de nota, questionamento ou comentário em suporte impresso, on-line ou audiovisual, além de nem sempre ter uma intenção negativa e mentirosa.

3) De acordo com o texto, o que é o Bolsa Família?

4) Pesquise mais informações sobre o programa federal Bolsa Família.

5) Essa notícia foi publicada no ano de 2013. Segundo o texto, qual era o nome do ministro da justiça, e qual é o nome do ministro à época da publicação?

6) Registre em cinco linhas sua reflexão sobre as possíveis consequências de um boato.

MÓDULO 4: A INTERGENERICIDADE: FOFOCA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Objetivo Geral	Identificar o diálogo entre os gêneros textuais, a intergenericidade
Objetivos específicos	Perceber outros modos de significação do texto (imagem); Identificar os elementos do gênero HQ; Compreender a estratégia de paródia, como recurso de humor; Trabalhar a modalidade indireta do discurso relatado.
Texto base:	“Joelma e Ximbinha: relembre a novela da separação do casal” (EGO)

Atividades e metodologia	Reescrita; Produção escrita.
--------------------------	---------------------------------

publicada em 17/12/2015 | atualizada em 17/12/2015

Joelma e Ximbinha: relembre a novela da separação do casal

Traições, ameaças, choro... o fim do casamento dos criadores da banda Calypso movimentou as redes sociais, as famílias e até a Justiça.

Rodrigo Soares
Do EGO, em São Paulo



Traições, confusões, brigas por patrimônio e trocas de acusações das mais variadas fazem parte do "cardápio" dos términos de uniões entre famosos. Porém, um fim como foi o de **Joelma e Ximbinha**, convenhamos, não era visto há muito tempo.



Figura 22: Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos



Figura 23: Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos

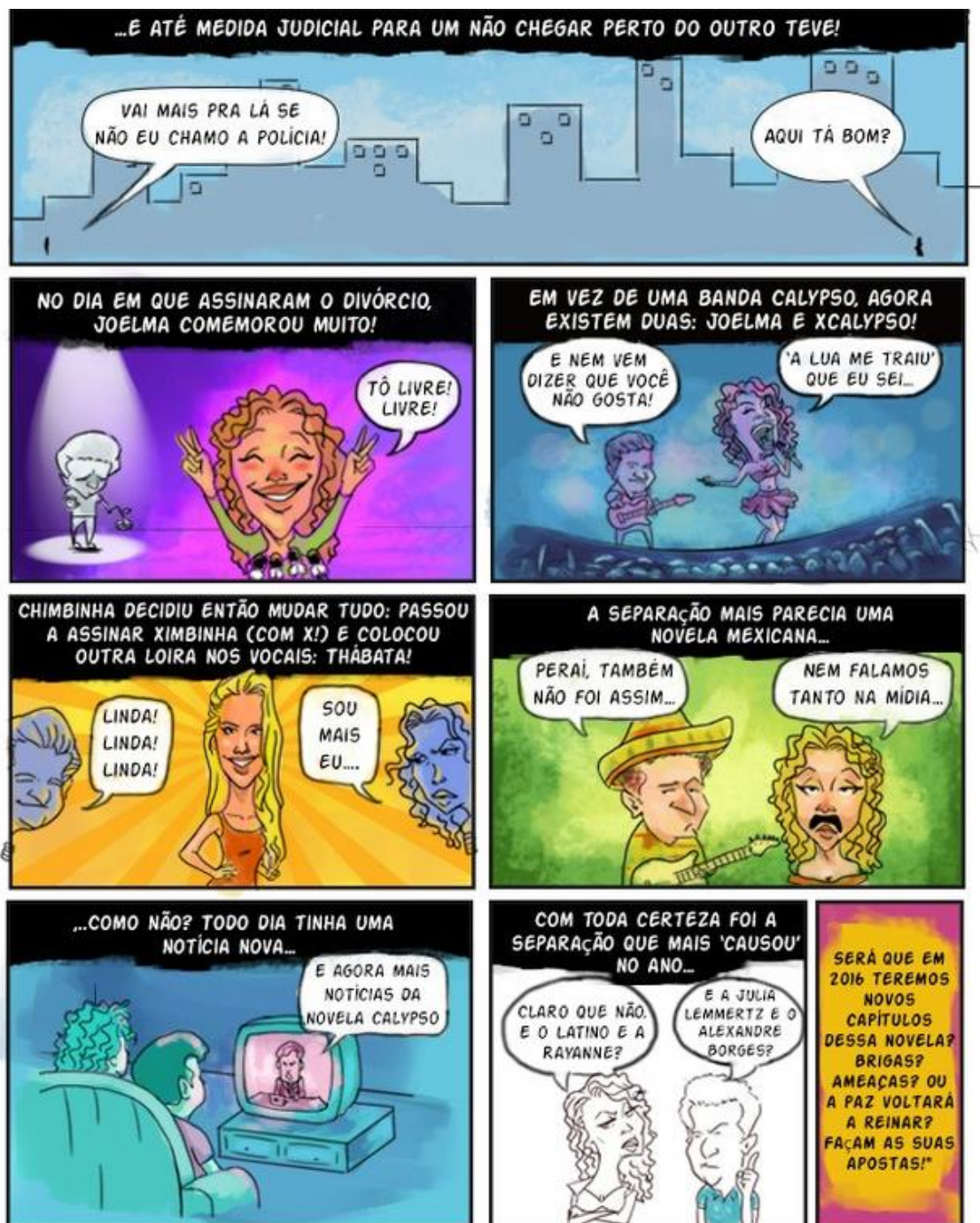


Figura 24: Animação do site Ego sobre a separação de um casal de artistas famosos

- 1) Recorte de jornais ou revista uma figura de cada uma das celebridades que aparece na história em quadrinhos e depois transforme a HQ em uma coluna social. Lembre-se de que o discurso deve estar na forma indireta.
- 2) Troque com seu colega o caderno, crie um nome fictício e façam comentários de internautas na coluna social.

MÓDULO 5: A LEITURA CRÍTICA EM NOTÍCIAS SOBRE OS BASTIDORES DA POLÍTICA

Objetivo Geral	O objetivo geral é despertar no aluno o senso crítico sobre o tema tratado na publicação.
Objetivos específicos	Desenvolver leitura implícita dentro do universo político, que possibilite distinguir as reais intenções e informações das notícias dos bastidores de Brasília, blog do colunista Gerson Camarotti. Refletir acerca da pertinência da publicação enquanto informação da esfera política, o reconhecimento do gênero como notícia ou coluna social, além de proporcionar uma reflexão sobre a publicação e os comentários postados por internautas no <i>blog</i> .
Texto base:	“Dilma metaleira” ⁴⁰ (G1 blog do Camarotti) “Os perigosos sapatos da senadora” ⁴¹ (G1 blog do Camarotti)
Atividades	Atividade 1: Compreensão de texto; Pesquisa; Produção escrita. Atividade 2: Compreensão de textos; Pesquisa; Produção escrita.
Metodologia	Será proposto ao aluno: Realizar uma análise da notícia “Dilma metaleira”, refletindo sobre a apresentação do <i>blog</i> do colunista Gerson Camarotti a partir do <i>slogan</i> “É exclusivo. É direto de Brasília. E está nos corredores do poder”; Responder às questões propostas no módulo de maneira reflexiva, sobre a relevância da publicação “Os perigosos sapatos da senadora”, que trata da dificuldade da senadora Kátia Abreu ao descer a rampa interna do Palácio do Planalto de salto alto.

ATIVIDADE 1: DILMA METALEIRA

Para realizar essa atividade, você deverá:

- a) Ler o slogan do blog de Gerson Camarotti;

⁴⁰ <http://g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/post/dilma-metaleira.html>. Acesso em 15/07/2014.

⁴¹ <http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2012/06/28/os-perigosos-sapatos-da-senadora/>. Acesso em 22/8/2014.

- b) Ler o texto apresentado no blog sobre a Presidente Dilma Rousseff;
- c) Ler com muita atenção o fragmento da letra da música *War Pigs*, disponível em inglês, na versão original, e em português;
- d) Finalmente, responder às questões propostas e produzir um texto conforme as orientações.



g1 Dilma metaleira | G1 - Poli x

g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/post/dilma-metaleira.html

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | famosos & etc | videos

G1 BLOG DO CAMAROTTI
É exclusivo. É direto de Brasília. E está nos corredores do poder

COLUNISTAS

< VEJA TODOS OS POSTS

Quinta-feira, 10/07/2014, às 18:06, por Gerson Camarotti

Dilma metaleira

Para surpresa de alguns interlocutores, a presidente Dilma Rousseff já manifestou em conversas reservadas simpatia pela banda de heavy metal Black Sabbath, formada do final dos anos 60 e cujo integrante mais conhecido é o vocalista Ozzy Osbourne.

Figura 25: Blog do Camarotti: notícia sobre Dilma

A música *War Pigs* é um dos sucessos da banda de heavy metal Black Sabbath, da qual, segundo o blog, a Presidente Dilma Rousseff é simpatizante.

War Pigs⁴²

Generals gathered in their masses
Just like witches at black masses
Evil minds that plot destruction
Sorcerers of death's construction
In the fields the bodies burning
As the war machine keeps turning
Death and hatred to mankind
Poisoning their brainwashed minds, oh
lord yeah!

Politicians hide themselves away
They only started the war
Why should they go out to fight?
They leave that role to the poor

Time will tell on their power minds
Making war just for fun
Treating people just like pawns in chess
Wait 'till their judgement day comes, yeah!

Porcos de Guerra

Generais reunindo seus seguidores
Como bruxas numa missa negra
Mentes diabólicas que tramam destruição

⁴²<http://www.vagalume.com.br/black-sabbath/war-pigs-traducao.html>

Criação de feiticeiros da morte

Nos campos há corpos queimando

Enquanto a máquina de guerra continua
agindo/Morte e ódio à humanidade

Envenenando suas mentes esvaziadas, Oh
Deus!

Políticos se escondem

Eles apenas iniciam a guerra

Por que eles deveriam sair para lutar
Eles deixam esse papel para os pobres

O tempo vai mostrar a força de suas
mentes/Fazendo guerra só por diversão
Tratando as pessoas como peões num jogo
de xadrez/Esperando até que o dia de seu
julgamento chegue, yeah!

1) Na sua opinião, o blog teve a intenção de publicar apenas uma curiosidade sobre a presidente Dilma Rousseff? Explique.

2) Marque V(verdadeiro) e F (falso) para as informações a seguir:

() Este blog é um suporte para coluna social.

() Coluna social é um gênero textual que divulga informações pessoais sobre personalidades da mídia.

() O blog é um gênero textual.

() O último texto apresentado é um gênero musical.

3) Leia o fragmento abaixo, sobre o cantor Ozzy Osbourne, e responda à questão proposta:

“Cabeças de morcegos e pombas arrancadas. Décadas de abuso de álcool e drogas. Processos por agressão e incentivo ao suicídio. As histórias que cercam o cantor Ozzy Osbourne são tão impressionantes quanto sua música. E a maior parte, de acordo com o próprio cantor, é verdadeira. Em sua autobiografia "Eu Sou Ozzy", lançada no final do ano passado no Brasil, ele fala sem pudores (e com uma boa dose de humor negro) sobre vários desses acontecimentos. E garante: é verdade que mordeu a cabeça de um morcego durante um show.” (Augusto Gomes, iG São Paulo | 30/03/2011 14:00)⁴³

⁴³<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/as+dez+historias+mais+impressionantes+de+ozzy+osbourne/n1300014766760.html>. Acesso em 22/04/2015.

Refleta sobre o trecho lido sobre a biografia de Ozzy, releia os textos anteriores a esta questão, e responda se sua opinião a respeito da questão 1 continua a mesma. Comente.

ATIVIDADE 2: OS PERIGOSOS SAPATOS DA SENADORA

Sob o título “Os perigosos sapatos da senadora”⁴⁴, a notícia a seguir data de 28 de junho de 2012, e foi publicada no blog de Gerson Camarotti, que tem uma coluna no site de notícias G1.com. Observe a imagem e leia o texto para, em seguida, responder às questões propostas.



Figura 26: Blog do Camarotti: notícia sobre os sapatos da senadora

⁴⁴ <http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2012/06/28/os-perigosos-sapatos-da-senadora/>. Acesso em 22/8/2014.

A senadora Kátia Abreu (PSD-TO), presidente da CNA, passou um sufoco ao descer a rampa interna do Palácio do Planalto na solenidade do lançamento do Plano Safra, na manhã de hoje. Para evitar qualquer incidente, ela foi ajudada pela presidente Dilma Rousseff.

“Essa rampa é um perigo para as mulheres”, disse Kátia Abreu ao Blog, numa referência ao salto alto de seus sapatos. “A presidente Dilma não tem tanto problema para descer porque usa salto baixo”, revelou a senadora. No detalhe, o salto alto da senadora. O flagrante é do mestre da fotografia **Orlando Brito**.

Publicado às 16h46

35 Comentários para “Os perigosos sapatos da senadora”



1

Tess:

28 junho, 2012 as 17:05

Quanta tolice, e ainda falar que o fotógrafo dos sapatos é um mestre..... como pode não terem encontrado um assunto que interessasse a população?... em Brasília?

1) Marque X para o gênero discursivo correspondente ao texto lido:

() Notícia () Coluna Social () Artigo de Divulgação Científica

2) Na sua opinião, essa notícia é relevante? () Sim () Não

3) O slogan do *blog* do jornalista Gerson Camarotti é: “É exclusivo. É direto de Brasília. E está nos corredores do poder”. Conhecendo os dizeres do slogan, você considera pertinente a publicação? Explique.

4) Marque V(verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações a seguir. Há um comentário de um internauta sobre a publicação. Pelo conteúdo desse comentário, é possível perceber que:

() O internauta acessou um blog pertinente às notícias que desejava ler.

() O blog tem o compromisso de divulgar notícias oficiais sobre os políticos de Brasília.

() O blog se compromete a informar sobre os bastidores de Brasília, portanto a publicação é pertinente.

() A crítica do internauta não é pertinente, porque o blog não se compromete em informar notícias sérias.

() A crítica do internauta é pertinente, pois o blog tem slogan de notícias sérias e divulga assuntos irrelevantes.

5) Realize pesquisas sobre os temas abaixo:

- a) Acesse o endereço eletrônico <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/economia-financas/conceituando-plano-agricola-pecuario.htm> e pesquise sobre o conceito de Plano Safra, que também é chamado de Plano agrícola e pecuário⁴⁵;
- b) Acesse o endereço eletrônico <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/09/15/o-que-faz-o-senador> e pesquise sobre as funções específicas dos senadores;
- c) Quais são as funções específicas do ministro (a) da Agricultura?
- d) Qual é a importância do Palácio do Planalto⁴⁶?

6) Como você avalia a pertinência dessa publicação?

7) Escreva dois parágrafos refletindo sobre o tema da notícia e o comentário postado por um leitor.

PRODUÇÃO FINAL: TEMA “*APLICATIVO SECRET*”

Leia atentamente a notícia a seguir⁴⁷:

⁴⁵O Plano Safra é um instrumento que organiza as políticas econômicas e sociais do Governo Federal voltadas à cadeia produtiva da pesca e aquicultura (tratamento dos rios, lagos e esteiros para a boa produção de peixes, mariscos etc., ou ainda para o desenvolvimento de alguns produtos de origem natural), com o objetivo de ampliar a efetividade das ações governamentais e o desenvolvimento sustentável por meio de medidas de estímulo à competitividade e ao empreendedorismo. Fonte: <http://www.mpa.gov.br/infraestrutura-e-fomento/138-plano-safra-da-pesca-e-aquicultura-2012-2013-2014>.

⁴⁶O Palácio do Planalto é a sede do Poder Executivo Federal, local onde está o Gabinete Presidencial do Brasil. Está situado na Praça dos Três Poderes em Brasília e foi um dos primeiros edifícios construídos na nova capital. A inauguração do Palácio do Planalto, em 21 de abril de 1960, foi o centro das comemorações da inauguração de Brasília e marca a história brasileira por simbolizar a transferência da Capital Federal para o centro do País, promovida no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Fonte: <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/palacios-e-residencias-oficiais/palacio-do-planalto>.

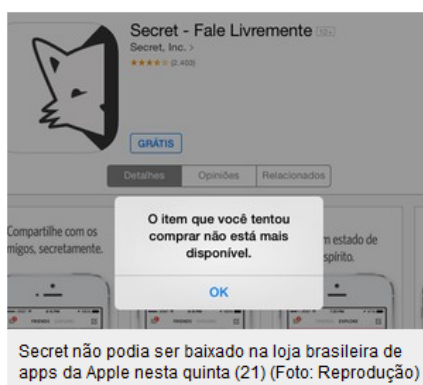
⁴⁷<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/08/secret-e-retirado-de-loja-de-aplicativos-da-apple-no-brasil.html>. Acesso em 2/9/2014.

21/08/2014 14h36 - Atualizado em 21/08/2014 14h53

Secret é retirado de loja de aplicativos da Apple no Brasil

Usuário não conseguia mais baixar o app na tarde desta quinta-feira (21). Justiça do ES determinou retirada do Secret das lojas do Google e da Apple.

Do G1, em São Paulo



O aplicativo Secret, que permite a postagem e o compartilhamento de mensagens de forma anônima, não podia mais ser baixado da loja brasileira de aplicativos da Apple na tarde desta quinta-feira (21). O app continua listado e aparece nas buscas da App Store, mas ao tentar fazer o download, o usuário recebe uma mensagem que diz que "o item que você tentou comprar não está mais disponível".

A remoção acontece após a **Justiça do Espírito Santo determinar, em decisão liminar, na terça-feira (19), a retirada do Secret** das lojas de aplicativos do Google e

da Apple, e do Cryptix, de funcionamento similar, da loja da Microsoft. A Justiça acolhe o pedido do Ministério Público do Espírito Santo, que protocolou uma **ação civil pública** na sexta-feira (15).

Agora reflita sobre o conteúdo da atividade realizada anteriormente sobre o aplicativo Secret, leia a notícia acima e produza uma notícia (fatos fictícios), a partir do tema: “O aplicativo Secret: vilão ou inofensivo?”.

Ao término da sequência didática, é importante que os alunos sejam capazes de responder que a coluna social informa um fato irrelevante para sua formação enquanto leitores e cidadãos, e que apontem o tipo de conhecimento que poderia ser extraído do fato noticiado. Também com relação a essas questões, é importante que haja boa percepção dos elementos pragmáticos do gênero em questão e que a finalidade da notícia seja associada ao aspecto de informatividade, como é comum nos gêneros jornalísticos.

É importante reservar um momento para tecer algumas considerações que tenham como intuito despertar nos alunos uma visão crítica sobre o gênero coluna social, a fim de sensibilizá-los para os motivos pelos quais um site de notícias publica determinados textos, como por exemplo, conscientizá-los de que as pessoas gostam de saber da vida dos seus ídolos e que essa atitude faz as pessoas acessarem os sites de fofoca, as colunas sociais. Pois a

atitude inerente ao homem em conhecer a vida alheia faz com que a mídia obtenha êxito na divulgação do veículo, com sérias intenções mercadológicas.

Assim sendo, discutir a séria tendência da sociedade brasileira de valorizar os acontecimentos na vida de uma celebridade, em detrimento de assuntos de maior relevância social, relativos à política, por exemplo, faz com que tais assuntos fiquem diluídos, o que provoca uma certa alienação social, com consequências para seu futuro do aluno como cidadão.

A sequência didática apresentada materializa um dos objetivos da presente pesquisa, o qual se traduz na formação leitores-cidadãos conscientes, críticos e autônomos para realizar suas próprias leituras, mesmo quando se tratar de uma coluna social. Ao mesmo tempo, buscamos propor o desenvolvimento da leitura reflexiva quanto à posição que o aluno deve assumir enquanto leitor, capaz de construir um pensamento crítico e de absorver para si o que realmente contribui para sua formação enquanto leitor-cidadão.

CONCLUSÃO

Política

*Vivia jogado em casa.
Os amigos o abandonaram quando rompeu com o chefe político.
O jornal governista ridicularizava seus versos, os versos que ele sabia bons.
Sentia-se diminuído na sua glória enquanto crescia a dos rivais que apoiavam a Câmara em
exercício. Entrou a tomar porres violentos, diários.
E a desleixar os versos.
Se já não tinha discípulos. Se só os outros poetas eram imitados.
Uma ocasião em que não tinha dinheiro para tomar o seu conhaque saiu à toa pelas ruas
escuras [...]*

Carlos Drummond de Andrade⁴⁸

Viver é considerar sempre os fatos cotidianos, o momento em que paramos para tomar um café, conversar com os amigos. Nessas situações corriqueiras, sempre surge um comentário sobre alguém ou algum acontecimento. De acordo com Gaiarsa (1978), todas as pessoas fofocam. A fofoca é até mesmo tema da poesia, como nesse poema de Drummond, e isso porque ela é parte integrante das relações sociais, porque nos move enquanto seres humanos.

Partindo dessa observação espontânea, o objetivo maior dessa pesquisa foi investigar os sentidos da fofoca ao longo da história, de modo, também, a procurar compreender sua presença marcante no discurso midiático contemporâneo. Outrora oral e realizada, geralmente, entre duas pessoas, a fofoca tem presença marcante na coluna social, sendo esta considerada aquela que ocupa, na vida moderna atribulada, o lugar antes ocupado pela fofoca “de rua”.

Mas, além de aparecer na coluna social, relacionada à vida de celebridades e *socialites*, a fofoca também migrou para as páginas sérias do jornal, com intenções partidárias reveladas por meio do ethos discursivo-jornalístico e em colunas reservadas a assuntos tidos como sérios, da política.

Após tomar conhecimento dos estudos de Marques de Melo (1985) sobre a classificação dos gêneros, bem como sobre o jornalismo brasileiro, descobrimos que essa tendência é assumida pelos profissionais de jornalismo e, por isso, fortaleceu-se a pertinência

⁴⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

em mobilizar a noção de *ethos* discursivo, proposta por Maingueneau (2005) em um quadro de análise do discurso.

Confirmamos, assim, a hipótese de que há, por parte do discurso midiático, para além da finalidade de informar, a intenção de formar opinião, avaliando condutas “individuais” por meio de um discurso apenas aparentemente neutro. Observando a atração do público leitor pela fofoca, a mídia se constrói e se reconstrói na busca incessante por leitores assíduos e passíveis de manipulação. O perfil manipulador é uma interpretação que fizemos após os estudos realizados ao longo da pesquisa, pois os estudos dos gêneros, bem como sua intergenericidade, mostraram-nos que essas são estratégias empregadas, via de regra, de forma consciente. A tendência a essa prática é vista como uma não fronteira entre o jornalismo opinativo e o jornalismo informativo tratado por Marques de Melo (1985) em seus estudos sobre as características do jornalismo brasileiro. Charaudeau (2006) também contribui com seus estudos quando trata da questão de uma visão ingênua que o analista não deve ter frente a seu corpus.

Assumimos as novas tendências da Análise do Discurso por uma necessidade revelada pelo próprio corpus, o que se revelou produtivo para propor análises que possam ser transpostas para fins didáticos. A decisão, nos objetivos da pesquisa, de elaborar uma sequência didática satisfez o desejo da pesquisadora, enquanto educadora, de reservar um momento da pesquisa para contribuir com a educação dos alunos de uma nação que vem a cada dia se tornando desinteressada por assuntos relevantes. Além disso, buscamos contribuir para formar leitores capazes de ler assuntos irrelevantes sem, contudo, deixar de lado o senso crítico para, por exemplo, detectar os não-ditos da linguagem, até mesmo em informações “ingênuas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. (org). **Imagens de si no discurso: A construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 3ª edição. Obras Completas de Aristóteles. Volume VIII. Tomo I. Coordenação de Antônio Pedro Mesquita. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Fábio Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2006.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. de A. P. de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint e Ediouro, 1987.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos linguísticos**, n. 19. Campinas, 1990, p. 25-42.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BORN, A. M. H. **Mídia e vida social: uma reflexão sobre categoria, gênero e subgênero**. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul (Intercom), Novo Hamburgo, RS, 2010. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0523-1.pdf>. Acesso em 10/03/2015.
- BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo. **Alfa**, n. 56/2, São Paulo, 2012, p. 371-401.
- BRANDÃO, M. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 6ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- BRANDÃO, H. H. N. Gêneros do discurso: unidade e diversidade. **Polifonia**, 8, UFMT, 2004, p. 1-18. Disponível em:
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/polifonia/article/view/1127/0>>. Acesso em 12/08/2015.
- BRASIL. SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 1998.

- BRITO, T. N.; LEITE, F. F. Mikhail Bakhtin e seu contexto político e cultural. **Miguilim** – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 56-64.
- BRUMFIT, C. **Teacher Professionalism and Research**. In: COOK, G; SEIDLHOFER, B. (eds) Principle and Practice in Applied Linguistics: Studies in honor of H.G. Widdowson. Oxford: OUP, 1995. 27-41.
- CAMPOS, A. L. F. **O percurso dos gêneros publicitários: considerações sobre as propagandas da Coca-Cola**. 207p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2008.
- CATINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004, 206 f.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Trad. Ângela S. M. Corrêa. São Paulo, Contexto, 2006.
- CHAVES, A. S. **O gênero carta do leitor: uma proposta de ensino do FLE**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004, 186 f.
- CHAVES, A. S. **Gêneros do discurso e memória: o dialogismo intergenérico no discurso publicitário**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, 366 f.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- EGGS, E. Ethos Aristotélico, Convicção e Pragmática Moderna. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29-56.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. 12 ed. 2. reimp. São Paulo: USP, 2007.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani... [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- GADINI, S. **O Boato como estratégia Folkcomunicacional**. Anuário Unesco/metodista de comunicação regional, 2007.
- GAIARSA, J. A. **Tratado Geral Sobre a Fofoca**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani... [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 13-38.

KAPFERER, J. N. **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**. Trad. Ivone da Silva Ramos Maya. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KLÖCKNER, L. A presença da retórica na síntese noticiosa. **X Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação**, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://portal.eusoufamecos.net/a-presenca-da-retorica-na-sintese-noticiosa/>>. Acesso em 13/07/2015.

LEACH, J. Análise Retórica. In: BAUHER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 293-318.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2008a.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 11-32.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1997.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Trad. Mônica Graciela Zoppi Fontana. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 17-30.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**. (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Publifolha, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWORSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexão e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17-31.

MARQUES DE MELO, J. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

- MINI DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 4. ed. rev. e ampl. 7. Impressão. Rio de Janeiro: 2002.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 11^a ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.
- ORNELLAS, C. A. Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. **Espéculo**. Revista de estudos literários. Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/brabaj.html>>. Acesso em 12/03/2015.
- PALMA FILHO, J. C. A República e a Educação no Brasil: Primeira República (1889-1930). **Cadernos de Formação – História da Educação**. 3 ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP, Santa Clara, p. 49-60, 2005. Disponível em: www.acervodigital.unesp.br/bitstream/.pdf. Acessado em: 21/05/2014.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001, p. 311-318.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez., 1990.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. de E. P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- POZO, J. I. **Aprendizes e mestres**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.
- ROCHA, H. C. L. Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação. **Revista Estudos em Comunicação**, n. 4, novembro 2008, p. 41-57. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/04/pdf/04-Heitor_Rocha-Habermas_e_a_Teoria_do_Jornalismo.pdf>. Acesso em 12/06/2015.
- ROCHA, P. M. **A importância do jornalismo como ciência no processo de profissionalização da carreira**, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-importancia-jornalismo.pdf>>. Acesso em 19/04/2015.
- RODRIGUES, M, L. **MST: Discurso de reforma agrária pela ocupação: acontecimento discursivo**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2007.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOUSA, J. P. Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**. v. 1, n. 2, 2º. sem. 2004. Disponível em:

<<http://revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewFile/5959/5428>>. Acesso em 21/08/2014.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola: 2002.

VOLOCHÍNOV, V. N. A construção da enunciação. In: _____. **A construção da Enunciação e Outros Ensaios**. Org., trad. e notas João Wanderley Geraldi. Ed. e superv. Valdemir Miotello. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013, p. 157-188.

WIESER, H. P. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca [manuscrito]**: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2009, 2 v., 851 f.

WEREBE, M. J. In: HOLANDA, S. B. (dir). **História real da civilização brasileira. O Brasil monárquico. V.6: declínio e queda do imperador**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Lógico-philosophicus**. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional; USP, 1968.